



**A reforma e o PT**

*Ou ele se faz sozinho ou vai para casa, é o que escreve Francisco Weffort*

Página 4

**Energia contra o abuso**

*Já estão claras as intenções do bando ensandecido de Teerã*

Página 4

## ARTIGO DE FUNDÃO

### Vivemos num país de cegos?

MINO CARTA

**A** História registrará o dia de hoje como o dia da morte da Arena e do MDB. Talvez algum historiador venha a dizer que a 22 de novembro de 1979 acabou uma época e começou outra. É certo que mudanças haverá a partir do anúncio oficial do passamento. Mas nem todos os dias que a História registra foram históricos para quem os viveu — quer dizer, poucos se deram conta, ao vivê-los, da força permanente do evento que se desenrolava diante dos seus olhos ou, mesmo, que os envolvia, mais participantes à revelia do que testemunhas.

Não me refiro à maioria desvalida, ela não se dá conta de coisas outras, se não mais importantes no plano do imanente, muito mais importantes no contingente. Seria o caso de dizer que são cegos todos os brasileiros que não percebem o valor do dia histórico? Não se pode afirmar que a cegueira seja doença rara, a cegueira do espírito. Mas, no caso, se os fatos se escoam em meio ao desinteresse, razões são fáceis de encontrar. E a razão principal é esta: o bipartidarismo já está enterrado há tempo e a votação de hoje, serve apenas para mostrar um tumulto à nação. Compreende-se que alguns chorem, o bravo Ulysses Guimarães, por exemplo, e outros políticos que engrandeceram à sombra da oposição consentida. De certa forma, eles já têm saudades de si mesmos, como todos sentem saudade ao recordar os bons momentos, ainda que cercados de risco. Mas a nação ou continua imersa na ignorância antiga ou pensa no futuro.

Pensar no futuro significa disposição para abrir o espaço político e mirar o alvo mágico das eleições de 82. Significa também abrir os olhos para as verdadeiras necessidades e para as verdadeiras aspirações da nação. A ignorância é antiga, mas poderia ser muito conveniente, para quem cuidou de preservá-la, avaliar friamente as chances que ainda lhe sobram na sua operação a favor das trevas. Não confiem na eterna ignorância da maioria; e não são poucos, de resto, aqueles que, na maioria, estão aprendendo depressa que a miséria conformada não é a condição natural do homem. Estes, aliás, estão vendo as lágrimas nos olhos das carpideiras do MDB extinto e sabem por que choram — mas não se incomodam com isso, por um segundo sequer.

## FUTEBOL

### Campeonato pode seguir

*Corinthians, Guarani e Palmeiras já estão na semifinal, falta apenas a Ponte. Isto porque os resultados de ontem foram os que a Federação pediu a Deus: Corinthians 2, São Paulo 1; Ponte 2, América 0; e o empate de 1 a 1 entre Ferroviária e Botafogo. Outra goleada do Verdão: 5 a 1 na Portuguesa, e Guarani 1, Santos 1*

# Arena e MDB: 1966-1979

A votação do projeto de reforma partidária do governo caminhou pela madrugada adentro, mas já no começo da noite dúvidas não pairavam no Congresso quanto à sua aprovação. Emedebistas e dissidentes da Arena mais dotados de esperança ainda acreditavam na possibilidade de derrubar o item do projeto que estabelecia a sublegenda para eleições municipais. Ainda assim, mesmo neste restrito campo, tais esperanças pareciam exageradas. Não careceu a noite, no entanto, de emoções. Tomando assento nas galerias, funcionários da administração pública arrebanhados pela situação e estudantes arrebanhados pela oposição envolveram-se em acesos duelos corais desde o começo da sessão conjunta de Câmara e Senado. De um lado ouvia-se "Abaixo a ditadura!" Do outro, respondia-se: "Brasil, Brasil". E os estudantes retrucavam: "Livre, livre". Exasperou-se o clima, até o tumulto, enfrentado pelos guardas da segurança com bombas de pó lacrimogêneo, duas exatamente, cujo resul-

tado foi, além de ataques de choro e acessos de tosse, o desmaio do funcionário João Luis da Silva, da administração regional da cidade-satélite de Gama, que integrava a torcida arenista e assim inscreveu seu nome na história. Diante de eventos tão graves, o presidente do Congresso, senador Luis Vianna, houve por bem suspender a sessão, às 10 horas da noite, para reabri-la às 10h45, serenados os ânimos. Durante todo o dia de ontem, para demonstração da escassez das ilusões quanto ao desfecho da votação, alguns líderes emdebistas articulavam o partido que nasceria das cinzas do MDB extinto. Já tinham um documento, como plataforma da nova agremiação, cujos pontos principais são: prosseguir na luta do MDB; exigir a restauração dos poderes do Congresso; reivindicar a Constituinte; defender a liberdade de organização popular; pleitear um programa antimultinacionais.

Páginas 2 e 3

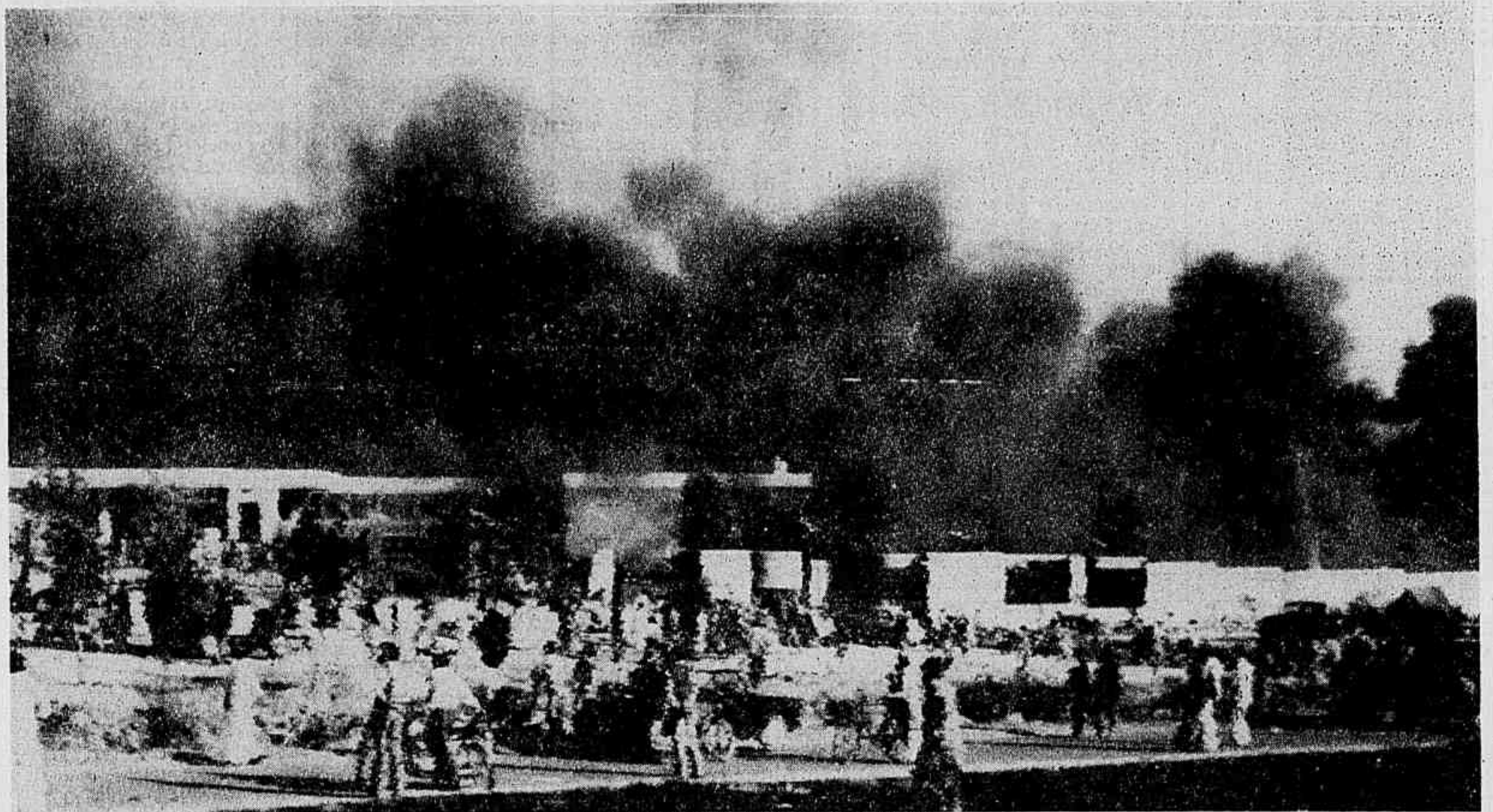
### Exclusivo: freios às indústrias de São Paulo

*A região da capital de São Paulo responde por praticamente a metade do valor da produção industrial do Brasil. Para "redistribuir o crescimento da indústria", daqui para a frente, o ministro Camilo Penna, em estudos já entregues ao presidente Figueiredo, propõe a extinção total dos incentivos às fábricas da área metropolitana*

Página 8

# Embaixada dos EUA no Paquistão incendiada pela fúria mulçulmana

*Uma multidão invadiu ontem a embaixada dos Estados Unidos em Islamabad, capital do Paquistão, e pôs fogo ao edifício. Um fuzileiro naval americano morreu nos distúrbios. Enquanto isso, no Irã, surgia uma nova ameaça aos 49 reféns americanos ali-retidos: eles serão mortos, caso os EUA consumem alguma intervenção militar no país*



A EMBAIXADA EM CHAMAS

*A massa estava incontrolável. Houve luta e tiros. Os funcionários americanos acabaram salvos pela ação do governo paquistanês*

### "Não aceitar a negociação é burrice"

*Olívio Dutra fala sobre a chance de acordo governo-trabalhadores*

Página 9

### A multidão invade o Fórum e arrasta o marginal. Começa um novo linchamento

*A pacata Matão, no interior de São Paulo, repetiu ontem tudo o que viu na véspera numa série da TV. A vítima foi o menor "Tuim", um assassino*

Página 10

### Brizola já anuncia o seu PTB

*Recebido em Brasília por 30 emdebistas, vai registrá-lo hoje*

Página 2

### Imposto de Renda cresce 87% em 1980

Página 9

### Trânsito de São Paulo, causa perdida

Página 13

### Universidade, fábrica de desempregados

Última página

### Delfim tenta petróleo a preço fixo

Página 5

VENDA FRENTE

## AGENDA

## Um cronograma muito exato

A fábrica de estratégias implantada desde os primeiros tempos do governo Geisel no Palácio do Planalto tem precisão quase científica. No início deste ano, antes mesmo de o presidente João Figueiredo mudar-se do quarto para o terceiro andar do Palácio, o ministro Golbery Couto e Silva fazia planos para a concessão da anistia, requisito fundamental para a extinção do bipartidarismo. Os planos eram nítidos, assim também as datas: Anistia no primeiro semestre, para que os parlamentares pudessem aproveitar o recesso do meio do ano para debater o assunto junto a suas bases; reformulação partidária no final do segundo semestre. É oportuno lembrar que, aprovada a extinção dos partidos — cuja ideia, aliás, foi lançada oficialmente na exposição de motivos do projeto de lei da anistia —, o presidente Figueiredo deveria sancioná-la após o encerramento do ano legislativo. O recesso de fim de ano deverá ser aproveitado pelos parlamentares para a organização das novas legendas.

O cronograma político foi, portanto, obedecido em todas as suas fases, seguindo a orientação que, mesmo antes do início do governo Figueiredo já havia sido decidida. O desaparecimento lento e dramático das duas legendas partidárias aponta, agora, no sentido dos pontos a serem ainda cumpridos no minucioso esquema governista. E sobra uma pergunta: o governo conseguirá, apesar da abertura que ele mesmo provocou ou permitiu que acontecesse, continuar a dar, com esta precisão até o detalhe, os próximos passos do seu avanço político?

A partir das eleições de 1982, a pró-

pria política vai responder sobre as possibilidades que o governo ainda terá de ditar as regras do jogo com a tranquilidade de hoje. Mas o fato é que se 1979 foi o ano que o Palácio do Planalto ou sou mais, foi mais longe na tentativa de reorganizar a seu modo a vida político-partidária do país, os próximos lances do cronograma de ação não poderão deixar de levar em conta o que já foi feito.

A fábrica de estratégias ainda prevê uma reforma eleitoral, que está germinando pouco a pouco nos gabinetes da assessoria presidencial. Cogita-se da adoção do voto distrital no país, um mecanismo que concedeu relativa estabilidade política ao Brasil do segundo império, permitindo a alternância no poder de liberais e conservadores. Os assessores do presidente já recolheram alguns estudos de caráter histórico sobre o assunto, que nos últimos dias vem merecendo a atenção do Conselho de Segurança Nacional. A ideia ainda vai rolar por muitos gabinetes, mesmo porque existem várias formas de voto distrital. Mas, como tem sido usual na metodologia de trabalho do Palácio do Planalto, ovoto distrital, ainda no nível de ideia, vai receber alguns reparos, antes de chegar à imprensa, na forma de um balão de ensaio, e de alcançar, então, o debate parlamentar. O que importa, neste momento, é saber que depois da organização de seu partido, o governo pretende propor a adoção do voto distrital. E, mais para frente, após as eleições de 1982, em seguida à reformulação ministerial destinada a contemplar os novos líderes políticos, o processo, vai atingir o grande final, a reforma constitucional.

André Gustavo Stumpf



JURUNA

Uma aula no Congresso

## O Congresso dos brancos é escola de índio

Não se pode afirmar que o Brasil inteiro estivesse representado, dentro e fora do plenário, no movimentadíssimo dia de ontem no Congresso Nacional. Mas o fato é que além de Leonel Brizola, de lideres regionais expressivos (houve também o boato de que Arraes rondava Brasília), até as mais expressivas lideranças indígenas passaram pelas cercanias do plenário. Aniceto e Mário Junna de ram entrevististas, visitaram os comitês de imprensa e mantiveram contatos com políticos. Explica-se: os dois disputam a hegemonia dentre seu povo. E ontem, quando nada, aprenderam e extinguir lição.

## E o CCC não podia faltar. Caçou estudantes

Dois atentados a bomba, contribuíram ontem para aumentar a temperatura dentro do Congresso Nacional. Os dois atentados estão sendo atribuídos ao inolvidável Comando de Caça aos Comunistas — CCC. As bombas foram colocadas, nos automóveis de líderes estudantis da UNB e CEUB, universidade particular. O carro do presidente do DCE-Livre da UnB foi completamente destruído pelo fogo.

## A sobremesa de Ulysses não será bomba "surprise"

Ulysses Guimarães, presidente do MDB, convocou a imprensa para um almoço-entrevista na churrascaria do Lago, em Brasília, distante 600 metros do Palácio da Alvorada, antiga residência presidencial. O comandante-em-chefe da oposição já não dispõe de legenda, depois do funeral partidário. Espera-se que Ulysses sirva como sobremesa o anúncio do seu novo partido. Mas não será uma bomba "surprise".

## Seca, um assunto de segurança nacional

O general Danilo Venturini, chefe da Casa Militar, fará hoje de manhã, no Conselho de Segurança Nacional, do qual é o secretário-geral, uma exposição a quatro ministros de Estado e ao superintendente da Sudene sobre os estudos que o Palácio do Planalto fez a respeito

da seca no Nordeste e as tensões sociais que provoca. O encontro deverá reunir os ministros do Interior, Agricultura, Indústria e Comércio, e Previdência Social. A presença de Venturini e o local da exposição revelam que a seca no Nordeste é, agora, assunto de segurança nacional (aliás, o próprio general Octávio Aguiar de Medeiros, chefe do SNI, esteve no interior de Pernambuco para avaliar a situação dos flagelados). Venturini vai dizer que o governo encontrou o ovo de Colombo para resolver o problema: pagar aos moradores das regiões atingidas para trabalhar em propriedades particulares. Assim, evita-se o êxodo rural e promove-se a construção de açudes e o preparo de terras para o cultivo.

## Presidente liquidante preocupado com fichas

Bem-humorado, o senador José Sarney admitiu ontem, no intervalo de nervosas articulações parlamentares, ser chamado de presidente liquidante do partido do governo. Mas acabou revelando sua preocupação atual: "Quem vai ficar com os fichários dos partidos?" perguntava, para responder que Thales Ramalho e Prisco Vianna cresceram muito em importância. Os dois deputados de Pernambuco e da Arena da Bahia, são os atuais secretários-gerais dos partidos extintos.

## João Figueiredo, agenda cheia

O final deste mês de novembro está particularmente movimentado para o presidente João Figueiredo. No dia 23 ele irá a Fortaleza inaugurar conjuntos habitacionais. Do Ceará segue diretamente para o Rio de Janeiro onde vai almoçar com os companheiros da turma de 1936, da Escola Militar do Realengo. Logo depois vem a São Paulo, assistir a prova hípica "General Euclides Figueiredo". No dia 27 volta ao Rio para participar das solenidades dos mortos na Intenona Comunista. No dia 29 vai a Curitiba instalar o 9º Congresso Brasileiro de Municípios. Viaja para Florianópolis dia 30, para assinar convênios e participar de um almoço com 190 prefeitos da Arena.

## 1964: um filho de muitos pais

O anunciado livreto A Revolução de 1964 — Resumo dos Principais Acontecimentos, do marechal Odilo Denys — no qual ele chama para si o papel de articulador do movimento de 64 — não é novo como chegou a ser divulgado. Trata-se, na verdade, de um trabalho feito por amigos do marechal, que circula há quase dois anos. Nele eles narcam o papel desempenhado por Denys em 1964, um papel que, a rigor, nunca chegou a ser reconhecido pelos condottieri do movimento. Em oito páginas, rubricadas por Denys, eles fazem uma cronologia de 64 e historiam os contatos do marechal feitos em Minas.

À medida que o tempo passa o golpe militar de 64 — por mais claras que fiquem suas deformações — vaiganhando paternidade de variadas patentes. Terminaram todos, aliás — de Castello Branco a Denys, de Mourão Filho a Costa e Silva —, engolidos pelo próprio Sistema que criaram.



AS ÚLTIMAS ARTICULAÇÕES

Pouco antes da votação, Ulysses ainda tenta o apoio do dissidente arenista Herbert Levy

## REFORMA PARTIDÁRIA (I)

## O MDB morreu. Mas há outro, pronto

Os formadores querem Tancredo neste partido, mas sem adesistas

JOSÉ CARLOS BARDWIL e CARLOS ALBERTO SARDENBERG

Convencidos da inevitável extinção do partido, alguns chefes do MDB reuniram-se ontem à tarde, reservadamente, no Senado, para já tratarem da organização da nova frente parlamentar da oposição — um partido que aproveitará quase toda a estrutura emedebista e terá no seu nome, certamente, a palavra "popular". Vários programas para esse novo MDB já estavam esboçados e, durante essa reunião, chegou-se a um documento único, contendo os dez princípios programáticos da nova agremiação. 22 senadores assinaram esse documento, mas Tancredo Neves, o chefe do grupo "moderado", preferiu deixar sua definição para mais tarde. Antes, ele tentou de todos os modos convencer seus colegas a aceitarem a permanência, no novo partido, de todos os seus companheiros de grupo, mesmo daqueles acusados de adesismo e que, segundo os

planos dos formadores do partido novo, estariam desde logo excluídos da tentativa.

Os argumentos de Tancredo, porém, só conseguiram fazer com que os senadores deixassem as portas abertas para ele e mais alguns moderados insuspeitos de adesismo. Sua presença é até desejada no novo partido — disse-lhe o senador Franco Montoro. Contudo, sobre a permanência dos adesistas não se podia chegar a um acordo, pelo menos naquele momento. Havia compromissos já firmados, anteriormente, entre os senadores, para a sua exclusão. Esses compromissos não podiam ser rompidos.

Assim, o documento acabou ficando com um dos seus itens — aquele que considerava "inaceitável" a presença no partido novo de políticos considerados "confiáveis" pelo governo.

Tratava-se de uma referência quase direta a Tancredo, que caía para demonstrar a boa vontade de negociar, dos formadores do "MDB renovado". Mais do que isso, porém, os moderados não iriam conseguir. Se não quisessem o acordo nesses termos teriam de formar mesmo o seu partido de centro, correndo o risco eleitoral de enfrentar, em 1982, uma eleição com sublegenda municipal, na qual, certamente, estarão em perigo suas bases em Minas e em São Paulo.

Assim, o documento ficou pronto e seus redatores decidiram lê-lo ainda na sessão de votação da reforma — logo após o anúncio do resultado. Seus pontos principais, depois das revisões, eram os seguintes: 1) o novo partido propõe-se substituir o MDB na luta pela democracia total; 2) reivindicará a restauração dos poderes do Congresso;

3) propõe a formação de uma Assembleia Nacional Constituinte; 4) será formado a partir das bases municipais, através de mobilização popular em todas as frentes, e principalmente fora do Congresso; 5) pregará por uma política econômica nacionalista, contra as multinacionais; 6) exigirá maior participação política para os assalariados; 7) propugnará pela liberdade sindical e de associação; 8) propõe a formação de uma grande frente de oposições que inclua, também, o PT — Partido dos Trabalhadores e o PTB.

Pela manhã, a liderança do MDB resolveu o derradeiro ponto de seu plano de votação do projeto da reforma partidária. Eles decidiram ficar em plenário e votar contra a sublegenda, mesmo que os dissidentes da Arena votassem, anteriormente, pela extinção dos partidos — como se previa. Não prevaleceu, assim,

a opinião dos mais exaltados emedebistas, que defendiam a retirada do plenário, logo que fosse aprovada a extinção.

A liderança do MDB também decidiu pedir destaque para a votação em separado do item da reforma que previa a extinção dos partidos. Não porque tivesse qualquer esperança de vitória. Mas porque desejava marcar a posição contrária ao que considera "uma violência legal" do governo — a extinção dos dois partidos pelo voto de um deles. Diante da notícia da chegada de Brizola, à tarde, houve emedebistas que ainda pensaram em tentar um último esforço para atraí-lo ao novo partido. O senador Jason Barreto, por exemplo, em tom de esperança brincalhona, ainda comentou: "Se assim fosse, o partido poderia chamar-se Popular Trabalhista. Não seria uma boa?"

## Brizola pede hoje o registro do PTB

O ex-governador voltou a Brasília, ontem, depois de 15 anos de ausência. E defendeu o direito de ser favorável ao fim do MDB

RICARDO PEDREIRA, de Brasília

Quinze anos depois de partir para o exílio, o ex-governador Leonel Brizola voltou ontem pela primeira vez a Brasília, anunciando que entrará com pedido de registro provisório do PTB "nos primeiros minutos após a aprovação da reforma partidária". Sorriente, vestido no seu já conhecido terno de brim azul e portando uma miniatura em ouro da bandeira petebista na lapela, o ex-governador gaúcho chegou a Brasília às 18h30, vindo do Rio, e foi recebido no aeroporto por mais de trinta parlamentares emedebistas, numa clara demonstração de seu poder de arregimentação política.

Assim que apareceu na sala de desembarque do aeroporto de Brasília, Brizola foi imediatamente cercado por correligionários, cada um deles fazendo questão de oferecer ao líder petebista seu carro. Brizola acabou optando pelo Dodge preto do senador Leite Chaves (MDB-PR), que o levou ao apartamento do deputado Getúlio Dias (MDB-RS). Atrás, uma verdadeira comitiva.

No apartamento de Getúlio Dias, um problema aguardava Brizola: embora ele já tivesse anunciado que os parlamentares dispostos a entrar no seu partido deveriam votar a favor do substitutivo de reforma partidária patrocinado pelo governo, os futuros petebistas, até o início da votação, às 20h30 de ontem, ainda garantiam que acompanhariam o resto do MDB.

Com evasivas, o líder petebista negou-se a reconhecer qualquer choque com seus correligionários. "Não trago orientação", dizia Brizola, enquanto os futuros petebistas, a seu lado, procuravam puxá-lo para longe dos repórteres. Naquele mesmo momento, o Congresso preparava-se, para iniciar a votação da reforma partidária, mas Brizola afirmava não saber ainda se presenciaria este ato final do bipartidarismo: "Vou agora para a casa do Getúlio Dias conversar com meus amigos, discutir como faremos para registrar nosso partido. Minha ideia é fazê-lo amanhã (hoje) mesmo, nos primeiros minutos após a aprova-

ção da reforma partidária. Depois que o TSE receber nosso registro provisório, partiremos para o trabalho mais duro, que é o de conseguir os parlamentares necessários para a instalação definitiva do partido".

Antes de seguir para o apartamento de Getúlio Dias, Brizola ainda posou para os fotógrafos à frente de uma pequena bandeira do PTB, erguida pelos deputados J. G. de Araújo Jorge (MDB-RJ) e Genival Tourinho (MDB-MG).

Teve tempo então de fazer média com o MDB, que o acusa de abandonar o trabalho de extingui-lo, dizendo que ainda espera encontrar-se com o presidente do partido, deputado Ulysses Guimarães. "Queremos nosso partido e por isso vejo pontos positivos no projeto de reforma partidária, que, entre outras coisas, teve o mérito de levantar a proibição à legenda do PTB. Mas nossos companheiros todos votarão contra a extinção do MDB e contra a manutenção da sublegenda", acabou prestando o ex-governador gaúcho.

## Ele divulgou ontem a carta a Montoro

Logo após sua chegada, ontem, em Brasília, Leonel Brizola divulgou o texto da carta que dirigiu, no dia 18 de novembro passado, ao senador Franco Montoro, do MDB. A carta foi postada do Rio e tem o seguinte texto:

"Ao ilustre sen. Franco Montoro: Dois motivos principais levaram-me a dirigir justamente a você prezado amigo a presente carta. Em primeiro lugar, nosso antigo relacionamento pessoal, sempre caracterizado pela maior cordialidade e maior franqueza, quanto também pela identificação de suas ideias e ação de experiência homem público com o trabalho brasileiro. De outra parte, reporto-me ao conteúdo da declaração pública, recentemente subscrita pela maioria dos srs. senadores do MDB e da qual o amigo foi um dos principais articuladores.

É que nós, trabalhistas, pensamos, também, que a democratização de nosso país, a defesa dos interesses nacionais e dos direitos de nosso povo, muito

especialmente, das grandes maiorias marginalizadas, devem constituir, neste momento, a essência de todas as nossas preocupações.

Por acreditar nessa identidade de pensamento e objetivos, senti-me encorajado a propor aos srs. senadores, signatários da declaração referida, por intermédio do amigo, um diálogo amplo, uma reflexão conjunta, sobre as alternativas viáveis de construção do futuro democrático de nosso país, único caminho através do qual o povo brasileiro conseguirá equacionar e resolver seus problemas e decidir, soberanamente, seus destinos.

Estou convencido de que desse encontro obtiveremos resultados construtivos, muito particularmente, considerando a gravidade deste momento de incertezas e desejo profundo de todos nós de responder às expectativas de nosso povo.

Animado da melhor intenção, entrego esta iniciativa à consideração e aos cuidados do prestigioso senador e amigo. Cordialmente Leonel Brizola."

REFORMA PARTIDÁRIA (II)

# Sarney já pensava nas futuras acomodações

ARMANDO ROLLEMBERG, de Brasília

Os dissidentes precisaram ainda de duas demoradas reuniões antes de aceitar ontem as condições impostas pelo governo. Entrariam no plenário para votar a favor do substitutivo do governo, sem restrições, a não ser em relação ao artigo 5º, que mantém a sublegenda. Os líderes da Arena, Jarbas Passarinho e Nelson Marchezan, por outro lado, garantiam que pediriam o destaque para a votação nominal da sublegenda. Caberia ao plenário, portanto, decidir a questão.

A decisão dos dissidentes foi influenciada pela garantia dada pelo deputado Ulysses Guimarães ao enviado do grupo, o deputado Magalhães Pinto, de que os emedebistas permaneceriam no plenário para votar contra a sublegenda, mesmo após a extinção do MDB. Dos rebeldes da Arena, apenas dois — os deputados Antônio Mariz (PB) e Carlos Wilson (PE), futuros petebistas — se solidarizaram com a resistência oposicionista.

Feitas as contas, ao final da tarde, o deputado Jorge Vargas (MG) declarava que a previsão mais pessimista indicava que pelo menos 49 arenistas votariam contra a sublegenda. Com os votos de 162 deputados emedebistas ganhava-se a parada.

No outro lado, no fim do Tunel do Tempo, o presidente da Arena, senador José Sarney, também comemorava a vitória. Em relação à sublegenda, no entanto, ele admitia que ainda havia o risco do artifício ser derrubado na votação. Mas não parecia muito preocupado. Preferia especular sobre as complicações resultantes da extinção dos partidos e conseqüente criação dos novos blocos partidários.

"Com quem vão ficar os funcionários dos partidos? Existe acomodação, no Congresso, para os diversos líderes dos blocos? E automóveis? Os líderes naturalmente vão exigir automóveis..." A conversa fluía informalmente por esse rumo.

Nem todos os membros da cúpula arenista estavam tão tranquilos. O líder Jarbas Passarinho, por exemplo, chegava a assustar os repórteres como o seu estado de espírito diante da votação que se desenrolaria dali a algumas horas. "Querem fazer de dona Ruth Passarinho viúva, eu sei bem disso. Se é esse o preço a pagar, pagaremos", dizia, atormentado com os ataques que recebera de alguns emedebistas durante as discussões do projeto. "Tudo está bem preparado. Estão apalando 3 mil pessoas contra mim. Por que eu?", perguntava, exaltado, ressaltando que durante a sua vida pública jamais havia cometido violências contra ninguém. Sentia-se ameaçado: a ameaça era fruto de um "ódio ideológico, frio, calculista". E concluiu dizendo que estava preparado para enfrentar essa situação, mas que, ao contrário do que fora dito por um deputado pela manhã, não havia passado seis horas no stand de tiro treinando pontaria. "Vou entrar no plenário desarmado", arrematou Passarinho, abrindo o paletó sob as vistas dos repórteres. Quando o líder se acalmou, os repórteres ainda tiveram tempo de perguntar quais as previsões que fazia sobre o resultado da votação. E ele respondeu, sem titubear, que a aprovação do substitutivo seria tranquila, mas que era provável a queda da sublegenda. O líder Nelson Marchezan confirmou o mesmo prognóstico: com a decisão do MDB de permanecer em plenário, era bem possível a exclusão do artigo 5º.

Nem Passarinho nem Marchezan, pareciam preocupados com a perspectiva da eliminação da sublegenda. E a razão disso — segundo confidenciou um bem-informado dirigente arenista — é que eles têm a certeza de que o presidente Figueiredo vetará o artigo 13 do substitutivo, restabelecendo, dessa forma, a sublegenda inclusive para as eleições estaduais. "E é isso justamente o que mais lhes interessa — completou essa fonte — já que são potenciais candidatos ao governo de seus Estados".



FIGUEIREDO Teve torcida ontem PASSARINHO Era o chefe da charanga

## Parecia mais um jogo entre times do interior

A torcida uniformizada, desta vez, foi organizada pelo clube da casa

LUÍZ AUGUSTO GOLLO, de Brasília

Parecia um jogo de futebol em cidade do interior, entre o time local e o visitante; jogadores e torcedores começaram a chegar ao estádio antes das oito e meia da manhã. Depois das nove horas, quando começou o primeiro tempo (com duração de 240 minutos), já havia metade da lotação das arquibancadas, que neste estádio são permanentemente franqueadas

ao público. Temeroso da possível exaltação dos torcedores, o policiamento, habitualmente composto por pouco mais de trinta homens, foi duplicado. De início houve rigorosa revista a cada um que chegava, para evitar acidentes de maior gravidade. Ninguém podia entrar com bolsas, embrulhos, pacotes, que ficaram guardados em salas especiais. Mas, à me-

diada que o tempo corria, constatou-se a impossibilidade de deter um a um os torcedores e todos foram liberados do desagradável apalpar da segurança.

Tão logo começou a partida, notou-se a clara superioridade do time da casa, apoiado pela torcida organizada. O outro time, habituado há anos às palmas das arquibancadas, mandou verificar que torcida era aquela, que só gritava cores a favor do João (havia até crachá, onde se lia: "Clube do João"). O chefe da charanga, responsável pelo comparecimento de tanta gente e tão cedo, foi identificado como Jarbas Passarinho, que passou os últimos dias convidando funcionários do SNI, das polícias Federal e do Distrito Federal e do Ministério da Justiça para prestigiar as cores de sua agremiação. E esta torcida ainda dissimulava suas intenções diante da imprensa, dizendo-se convidada por Alberto Goldman, um dos artilheiros do time visitante. Por esta pequena mentira os torcedores pagaram caro: ao contarem a seus lugares para o segundo tempo, foram obrigados a deixar os seus revólveres nas salas antes destinadas às bolsas e embrulhos de conteúdos misteriosos.

Mas, se do lado de dentro do estádio havia tanto controle, o mesmo não pode ser dito da parte externa, onde as torcidas estacionaram os carros. Dois Volkswagen de torcedores visitantes sofreram atentados com explo-

sivos, sem que a polícia lograsse localizar os autores. Os dois carros pertencem a estudantes universitários, entusiastas do time visitante, e dentro deles foram encontrados milhares de panfletos conclamando a população a lutar contra a extinção de seu time, àquela altura da partida visivelmente cansado em campo, sem entrosamento nem técnico capaz de dirigi-lo. E seus melhores jogadores, cujos passes deverão ser negociados por novos clubes que agora se organizam, continuavam sem poder jogar o que sabem, devido às vaia ininterruptas, apesar das constantes ameaças do juiz de esva-ziar as arquibancadas.

Como se tratava do último jogo entre os dois times, também a imprensa especializada compareceu em número excepcional ao estádio. Três rádios instalaram seus equipamentos bem cedo no local, para a transmissão direta, enquanto repórteres renomados em todo o país percorriam as dependências do estádio à cata de informações sobre futuras trocas de camisetas dos jogadores dos dois times. O ponto de encontro oficial, como em todo estádio que se preza, é o bar, e ontem ele teve um movimento inédito. Se normalmente são consumidos 4 quilos de café por dia no balcão, ontem foram servidos mais de 12 quilos; o calor tratou de fazer com que torcedores e jogadores consumissem as 288 garrafas de água mineral disponíveis, e o nervosismo causou o consumo de pelo menos 5 mil cigarros que se encontravam a venda.

O restaurante também viveu um dia de glória, sendo indispensável o reforço de cinco garçons para auxiliar os dez efetivos.

Quando começou o segundo tempo, no final da tarde, os torcedores do time visitante passaram a chegar em grupos para assistir ao que restava do espetáculo. É que são, na maioria, trabalhadores que, ao contrário dos torcedores do time da casa, não tiveram dispensa de ponto em seus empregos para engrossar a claqué do João. O resultado disto foi que a grande maioria não pôde mais entrar porque as arquibancadas estavam literalmente tomadas e formou-se uma fila tão extensa que descia escadas, espreguiçava-se pelo amplo salão de entrada e terminava apenas na parte de fora, sob a chuva fina que abriu a noite brasileira.

Mesmo não vendo o jogo de despedida, esses torcedores puderam acompanhar a euforia e a agitação de ontem. A cada porta, alguém exigia credenciais, perguntava o destino do cidadão e o encaminhava até outra passagem, onde novo agente de segurança repetia o ritual. Nos corredores e nos amplos salões, jogadores que deixavam o campo mostravam-se cansados mas animados, e tinham sempre uma palavra de otimismo com relação ao futuro.

É verdade que, como já se disse há alguns anos, o futuro a Deus pertence, mas todos tinham absoluta certeza, desde a manhã, de que aquele jogo não poderia terminar 1 a 1.

# O Planalto acompanhou tudo, minuto a minuto

O Palácio do Planalto montou, ontem, uma operação de estado-maior para acompanhar a discussão e votação do projeto de reforma partidária no Congresso. A operação começou cedo, antes mesmo de o presidente chegar ao Planalto. Quando dezenas de exemplares da ordem do dia da sessão do Congresso foram enviados aos principais gabinetes do palácio. E continuou até a hora da votação, à noite: o secretário particular do presidente, Heitor Aquino, foi ao Congresso, de onde transmitia, por telefone, suas impressões ao presidente João Figueiredo, aquela altura já recolhido à Granja do Torto.

Contrariando seus hábitos, o presidente não concedeu audiências, ontem pela manhã. Chegou às 9h15 ao palácio e logo iniciou a reunião com os ministros da casa. O tema principal do encontro, naturalmente, foi a votação do projeto de reforma. No Congresso já se encontrava o subchefe do Gabinete Civil para assuntos parlamentares, Alberto Cunha, encarregado de manter contatos com as lideranças arenistas com o objetivo de saber em que pé estavam os entendimentos do partido com seus dissidentes. Cunha, que um dia antes se confessara pessimista quanto a um acordo com o grupo dissidente, ouviu previsão otimista do líder do governo na Câmara, deputado Nelson Marchezan (Arena-RS), para quem o quadro melhorava "minuto a minuto".

Especialmente convocados pelo Palácio do Planalto, os governadores Marco Maciel (PE), Francelino Pereira (MG) e Amaral de Souza (RS) pressionavam parlamentares de seus Estados, ajudando o governo na tarefa de convencer os dissidentes a aprovar o substitutivo do senador biônico Aderbal Jurema (Arena-PE). Enquanto, no Congresso, os conchavos prosseguiram e parlamentares dos dois partidos discutavam em plenário, o presidente Figueiredo, depois da reunião das 9h15, lia os jornais do dia. As 11h30,

após receber dois informes do Gabinete Civil sobre as perspectivas para a votação, Figueiredo deixou seu gabinete e foi à sala de reunião dos ministros gravar, para a televisão, uma mensagem alusiva ao Dia Nacional de Ação de Graças, que transcorre hoje. Em tom de brincadeira, funcionários do Planalto comentavam que o presidente estava agradecendo, antecipadamente, o fim da Arena e MDB.

Antes de voltar à Granja do Torto para o almoço, o presidente Figueiredo ainda recebeu em seu gabinete o irmão, Guilherme Figueiredo, a quem transmitiu a certeza de que o projeto de reforma partidária seria aprovado exatamente como esperava: extinguindo os atuais partidos e mantendo a sublegenda a nível municipal. Em linha direta com o Gabinete Civil, o ministro da Justiça, Petrônio Portella, o presidente da Arena, senador José Sarney, e os líderes do governo no Congresso, senador Jarbas Passarinho e deputado Nelson Marchezan, confirmavam as informações otimistas da manhã: os contatos com os dissidentes prosseguiram a pleno vapor e o substitutivo seria aprovado na sua totalidade.

No centro de todo esse esquema de acompanhamento da sessão no Congresso, Heitor de Aquino quase não parou em seu gabinete, situado ao lado do presidente. Subia ao Gabinete Civil conversava com o ministro Golbery, ia ao Gabinete Militar e voltava à sua sala. Vez por outra transmitia as notícias mais recentes a Figueiredo. Pouco depois das 18 horas, em seguida às audiências com os governadores Jorge Bornhausen (Santa Catarina) e Marcelo Miranda (Mato Grosso do Sul), o presidente voltou à Granja do Torto e Heitor de Aquino foi para o Congresso. O presidente retirou-se tranquilo, certo de que amanhã (hoje) o país poderá partir para um novo quadro partidário", dizia um graduado funcionário da Presidência.

## E o MDB poderia ter negociado

Os partidos ainda não haviam sido extintos. Essa circunstância, no entanto, não deixou constrangido um importante personagem, ontem, em Brasília, que se dispôs a revelar alguns episódios ainda secretos desse último capítulo da história política brasileira.

O jogo estava feito e o governo continuava com todas as fichas na mão. Tudo, segundo ele, pela incompetência dos líderes emedebistas que preferiram agir como se fossem estudantes a negociar politicamente a reforma. O governo sentou-se à mesa com o bolso cheio de propostas para apresentar à oposição: eleições diretas

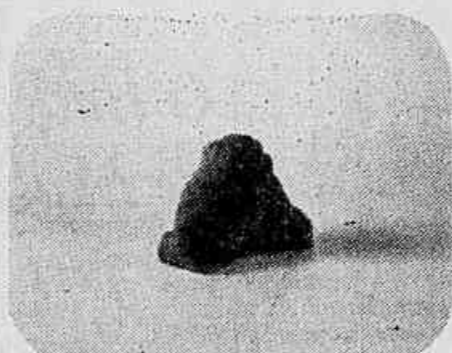
para os governos estaduais, fim da Lei Falcão etc. O MDB preferiu dar dois socos na mesa e recusou a parceria que lhe era oferecida. Resultado: perdeu o jogo.

O senador Tancredo Neves, comprometido no início das articulações com o projeto de reformulação partidária, cedeu o passo e a vez para a ala radical do seu partido, aliada, no último momento, aos chamados "não-alinhados". Thales Ramalho, outro eleito para sentar à mesa, também não soube corresponder às expectativas. Descobriu-se que também não tinha cacife.

E o futuro? Vai haver eleições diretas? Será implantado o voto distrital? O mesmo personagem, político com vários mandatos, faz um gesto de descaço. Para ele, as próximas eleições serão indiretas, as restrições à propaganda política vão continuar e o voto distrital será implantado. Tudo certo como dois e dois são quatro.

E ele conclui a conversa nostálgico, lembrando os velhos tempos, quando a UDN e o PSD, principalmente, faziam a verdadeira política, "quando as patilhas ideológicas não impediam a negociação entre líderes de correntes adversárias."

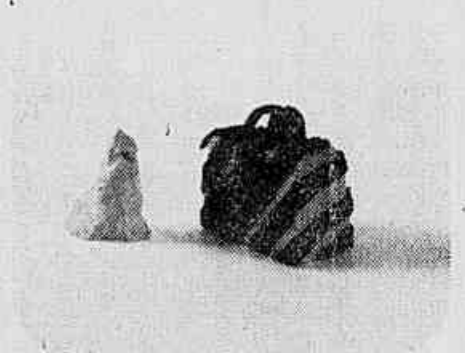
# A sua Caderneta de Poupança anuncia o TREZEMBRO



Você recebe seu 13º salário, separa uma parte



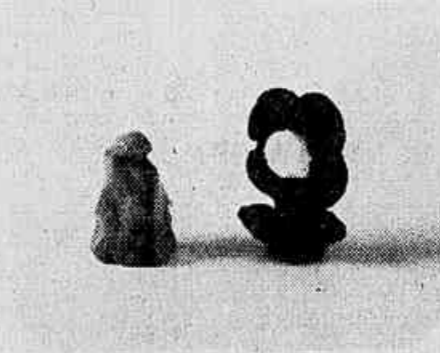
e põe na poupança: é o Trezembro.



Ai você usa o restante



para as festas de fim-de-ano.



O que você gastou...



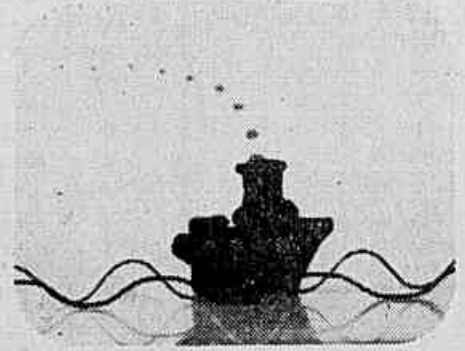
acabou. Mas o seu Trezembro



cresce junto com a sua poupança.



Um dia, você realiza



aquele velho sonho...

## A parte mais rentável do seu 13º salário.

Caderneta de Poupança

Quem poupa conquista o que a vida tem de melhor.

CARTAS

"Sr. redator:  
Lendo as manchetes de capa da revista mensal O Cruzeiro (nº 4, de 15/10/79) uma delas me chamou a atenção, sob o título de Baciais na Selva. Supus tratar-se de um relato sobre perversões sexuais de ricos excêntricos, mas ao folhear a revista tive a feliz surpresa de saber que a matéria do título vinha informar ao povo brasileiro particularmente sobre a vida sexual de diversas comunidades indígenas. Só mesmo do ponto de vista dessa indústria de exotismo montada sobre povos índios é que se pode cometer tamanho absurdo. O texto não se propõe a nada além das habituais banalidades e ao sensacionalismo; serve somente de moldura para uma série de fotos coloridíssimas de manequins favoritos para esse tipo de comércio. É uma verdadeira demonstração de desrespeito e chega ao seu clímax nos subtítulos como 'Eles praticam o onanismo, o tribalismo e a sodomia, além de usarem peças artificiais', ou nas legendas sob as fotos: 'Casal solteiro no banho que pode terminar em ato de amor'; e na foto de uma kamayurá: índia 'moça' (o grifo é da matéria). Levando ao conhecimento da Comissão Pró-Índio/SP em assembleia (entidade da qual fazemos parte), queremos externar nosso mais profundo protesto por esse tipo de exploração criminosa das culturas indígenas numa hora tão difícil para essas comunidades. Há de chegar um dia que, sob a foto de Takumá, chefe do povo kamayurá, não se leia 'guerreiro kamayurá ao natural'."

Lúcia M.M. de Andrade, Helena M.S. Sampaio, Paulo Marcos Noronha Serra, Rosa Maria Costa Penna, Terézinha Mariano Galante e Maria Luiza R. Souza, SP

"Sr. redator:  
Fui surpreendido pela enorme quantidade de cartazes espalhados pelas ruas, ônibus e repartições públicas convidando a população a participar de uma campanha nacional pela desburocratização. Participe! Intimam as mensagens. Pensei cá comigo: poxa, que bom. Não vou precisar enfrentar filas e dias de espera para conseguir um atestado de bons antecedentes.

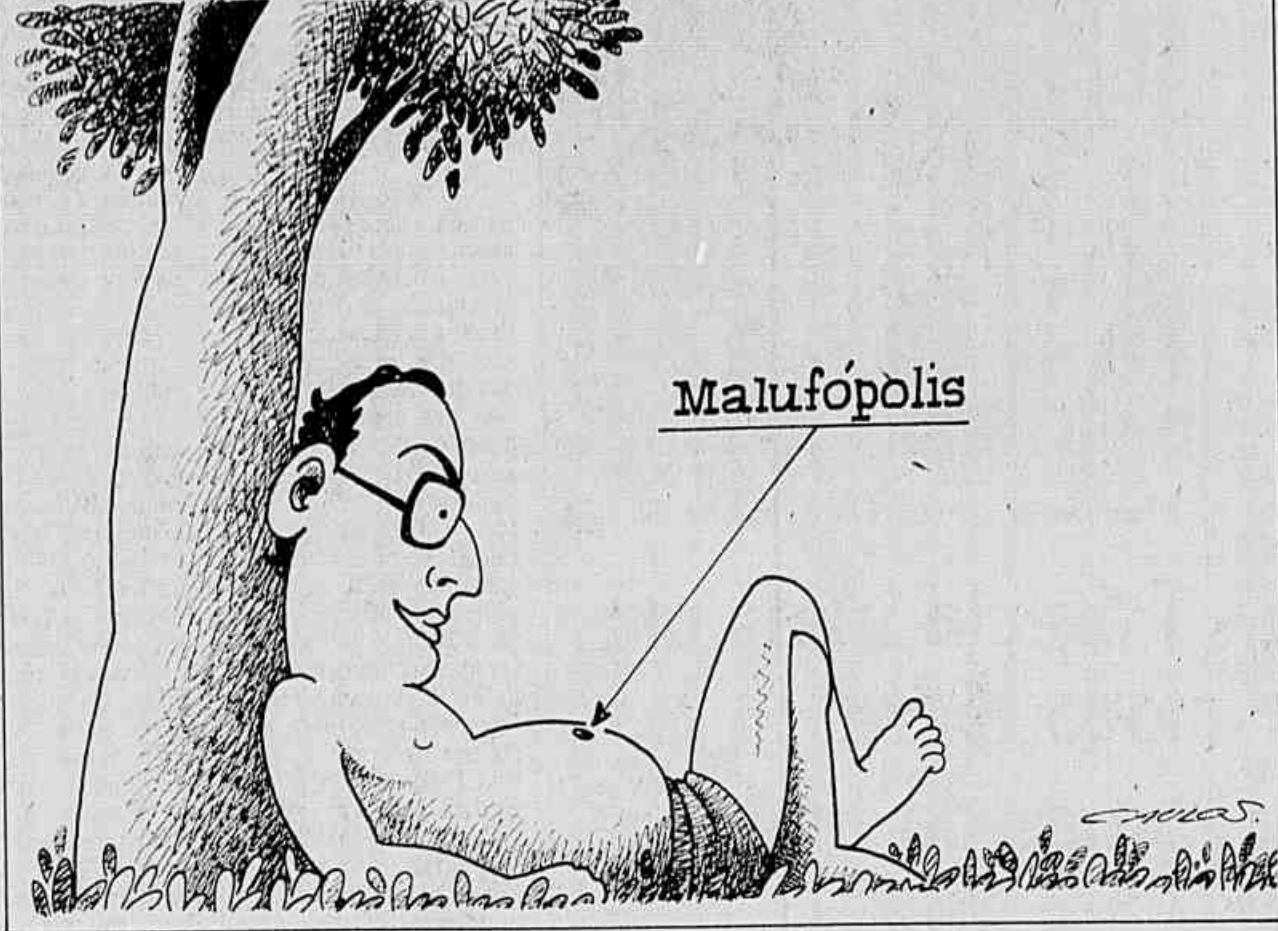
Dirigi-me à Delegacia Regional do Trabalho de São Paulo para conseguir meu registro de professor dentro da nova realidade apreendida pelo sr. Hélio Beltrão. Já sabia, pela campanha, que não era mais necessária a apresentação dos atestados de vida, de residência, de pobreza, de dependência econômica, de idoneidade moral e de bons antecedentes. Vã ilusão a minha... No comunicado do nosso Ministro Extraordinário para a Desburocratização, reproduzido pelos cartazes a que me referi, há a seguinte ressalva: 'Quando a lei exigir expressamente a apresentação de qualquer documento, o servidor que o receber anotará os elementos essenciais e devolverá o documento ao interessado no ato'.

Pois é. Isso quer dizer que a repartição pública continua exigindo os documentos, só que não fica mais com eles. Ou seja, estão aliviando os arquivos (desburocratizando?), e o contribuinte que se dane. Dele, a burocracia continua a exigir a pesada via cruz das filas e da lentidão dos serviços públicos.

É como dizia uma funcionária da DRT: 'Desconheço um documento que seja que não conste em lei'. E então, seu Beltrão?"

Luiz Egypto, SP

CAULOS



Um tumor a ser extirpado

Desafiados pela explosão de irracionalismo político-religioso que se abateu sobre o Irã, os Estados Unidos, depois de esgotarem os meios pacíficos para a solução do grave problema criado pelos adeptos do ayatollah Khomeini estão sendo compelidos a brandir as armas da intervenção militar. Se infelizmente o fizerem, estarão respaldados em princípio inscrito na Carta das Nações Unidas, que consagra o direito à autodefesa individual ou coletiva.

Indiferente a toda espécie de intermediação diplomática, inclusive a do papa, Khomeini não só não contribuiu, para que o conflito refluísse, como está esmerando em agravá-lo, pondo em risco a ordem internacional. Não fez evacuar a embaixada norte-americana em Teerã, invadida por um grupo de estudantes tângidos pela paranóia ideológica. E, agora, ameaça processar os reféns ali retidos como num campo de concentração. Não será necessário nenhum esforço de imaginação para que se preveja o que poderá acontecer: a condenação dos prisioneiros, levados à morte sob o estigma de espíões. Hitler está sendo reeditado em Teerã com os caprichos colocados num decalque que abala os fundamen-

tos éticos da civilização ocidental.

As sedes das representações diplomáticas não são casas alugadas, cujo locador pode tratar como entenda os seus inquilinos. Onde quer que se instalem, são extensão do território nacional do país que, nesses tratos de terra, mantém sua presença diplomática. Esse é um princípio básico do Direito Internacional. Portanto, ao invadir e ocupar a embaixada norte-americana em Teerã, o que o Irã fez foi violar a soberania dos Estados Unidos. Apesar da brutalidade do ato, Washington consumiu semanas em busca de uma solução que não colocasse em risco a paz mundial. Nem as mediações diplomáticas nem o bloqueio econômico, medida que já deixava patente a inconformidade dos Estados Unidos com a agressão que lhe foi feita, conseguiram desmobilizar a insanidade irianiana.

Essa persistência na atitude insólita leva a Humanidade a admitir que a ocupação da embaixada norte-americana não é um ato isolado. Os acontecimentos registrados na Arábia Saudita e no Paquistão, que assomaram o noticiário nesta hora de perplexidade mundial, induzem a crença

na existência de um plano destinado a atirar o mundo árabe contra o Ocidente — esquema no qual os Estados Unidos entram apenas como pretexto. A liberação de reféns — algumas mulheres e alguns negros — levada a efeito pelo ensandecido poder que se plantou em Teerã, à base do fanatismo religioso e da demência ideológica, é agora entendida no seu significado real, de mera manobra publicitária de Khomeini e seu bando. Esta é a palavra exata — nenhum governo age com a irresponsabilidade criminosa que vem inspirando a conduta de Teerã.

Nesse contexto a extradição do xá Reza Pahlevi, que só poderia ser obtida pelas vias definidas nas normas internacionais, perde o seu relevo. Toma o seu lugar o propósito de criação de um conflito armado, de consequências imprevisíveis. A ausência de um pronunciamento oficial da União Soviética não deixa de ser significativo, nesse quadro de desafio aos valores do mundo ocidental. O silêncio de Moscou contrasta com o apoio da Comunidade Europeia a Washington. Teerã criou um tumor de fixação no Oriente Médio que precisa ser extirpado com pericia que não exclua energia.

Ou o PT corre em faixa própria, ou põe a viola no saco

Raia pesada

FRANCISCO C. WEFFORT

"Não há nada mais burguês do que o Congresso." A frase é do deputado Djalma Marinho num debate recente em São Paulo. Respondendo a uma pergunta do público, o ilustre parlamentar da Arena apresentava, com brilho e veemência, a concepção liberal dos partidos de opinião. Os partidos se definiriam pelas ideias que defendem e não pela classe que se propõem representar ou pela proveniência social dos seus membros. Embora muitos dos presentes ao auditório da PUC naquele momento talvez preferissem um critério teórico diferente, estava evidente que o deputado do Rio Grande do Norte conseguia para as suas palavras o halo de simpatia que sabem conquistar os homens que não poupam a franqueza na exposição de suas convicções nem temem reconhecer, diante de um público talvez adverso, a classe à qual pertencem.

A ideia é mais rica de significados do que poderia parecer à primeira vista. Não deixa de ser importante que o desnudamento do sentido de classe do Congresso tenha sido feito por um liberal de nomeada. E tanto melhor se tal foi feito no contexto de uma crítica, aberta e leal, à proposta de um Partido dos Trabalhadores. Apresentada por alguém simpático a esta proposta, correríamos sempre o risco de que a veemência soasse como dogmatismo e o possível brilho esmaecesse, aproximando-nos dos limites indesejáveis de mais uma vulgaridade supostamente marxista. Em todo caso, e aí está um indicio da sua riqueza, a ideia nos estimula a refletir sobre muito mais do que a simples proposta de um Partido dos Trabalhadores. Basta ampliar um pouco mais o foco e veremos que é todo o sentido da atual reforma partidária que aparece em questão.

Por mais que se saiba que a reforma é de iniciativa do Executivo de um regime forte, a participação do Congresso já se fez em escala suficiente para comprometê-lo. Como ocorreu quando da criação do atual sistema bipartidário, também agora os novos partidos devem ser criados de cima para baixo, através de um privilégio concedido aos parlamentares. Inútil imaginar que isto resulte apenas de uma imposição do Executivo. A hipótese não serve para ressaltar nem mesmo as possíveis intenções democráticas da minoria

quanto mais a de uma possível maioria que diante de um poder mais forte fosse obrigada a meter a viola no saco. Como ocorreu quando da aprovação da Emenda nº 11, também agora discutiu-se tudo, menos o essencial. Se alguns poucos chegaram a manifestar o seu desaprovação pelo privilégio que lhes era outorgado, falaram tão baixo que ninguém conseguiu ouvi-los.

Já é tempo de que se comece a reconhecer com toda a clareza as responsabilidades do Congresso, por ação ou por omissão, no encaminhamento que se vem dando ao processo de transição. Dir-se-ia que o regime autoritário-corporativo concentra os poderes no Executivo. De acordo, mas como poderemos sair disto se os membros do Congresso aceitam, em sua esmagadora maioria, que a representação se desnature em privilégio, comportando-se como se fossem eles próprios membros de uma corporação? Como pode vir o Congresso a retomar as suas funções de instituição representativa se quase todos os seus membros se comportam diante da reforma partidária como se fossem mestres-de-ofício da política? Prevê-se a formação de quatro partidos, a partir de um exercício de engenharia institucional carregado de fórmulas casuísticas para as quais o Congresso acabou oferecendo uma contribuição preciosa.

"Não há nada mais burguês do que o Congresso". Deve-se entender que os partidos nascidos do Congresso sejam partidos burgueses? A frase do deputado Djalma Marinho foi dita num contexto marcado por preocupação diversa e é de se supor que a sua concepção dos partidos de opinião tendesse a recusar esta conclusão. É possível mesmo que uma conclusão como esta apareça como duvidosa por razões outras. Em todo caso, um ponto deve ficar bastante claro: ou os proponentes do Partido dos Trabalhadores se decidem a correr em raia própria, enfrentando as chuvas e trovoadas que se vislumbram no caminho até 1982, ou então chegou a sua vez de meter a viola no saco. Do Congresso já não há nada mais a esperar.

Francisco C. Weffort é sociólogo e presidente do CEDEC

Os protestos dos grupos sociais ficarão adstritos ao seu campo

Estado e partidos

PAUL SINGER

Partidos, de acordo com toda a experiência histórica, são associações da sociedade civil, isto é, de todos nós que não mandamos no aparelho de Estado, para precisamente disputar este mando. Partido só faz parte do aparelho de Estado quando é partido único, mas neste caso é uma contrafação, é a aparência civil do oficialismo, destinada a fingir que há uma disputa que de fato não existe. Partidos para valer são sempre vários e articulam interesses civis diferenciados, que concorrem pela hegemonia política.

No Brasil, no entanto, é diferente. Os partidos são emanados do poder de Estado, sob o estrito controle do mesmo. Os grupos sociais entram neles como gado no curral: por uma porta estreita, tângidos e vigiados. É este um viés antigo na vida nacional. Associações, que, em outros países, nasceram livres, como expressão do protesto de segmentos sociais subjugados e desprivilegiados — como sindicatos, cooperativas, partidos — são suscitados no Brasil de cima para baixo, legalizados sem luta prévia e enquadrados em moldes estritos que lhes outorgam privilégios (o monopólio da representação por exemplo), mas ao preço do controle externo que lhes tira muito de sua representatividade.

Com a votação do projeto de reformulação partidária pelo Congresso, esta nossa infeliz tradição está sendo mais uma vez reforçada. Os dois partidos atualmente existentes estão sendo dissolvidos pelo mesmo Estado que os criou. O vício de origem predetermina o seu fim. Em países com outra tradição política, episódio como este é impensável. Basta imaginar o que aconteceria nos Estados Unidos se Carter propusesse a dissolução do Partido Democrático e do Partido Republicano. Mas no Brasil é quase normal. Em 1965, todos os partidos foram extintos por ato institucional. Mesmo antes, em 1945, quando o Brasil começou a praticar a democracia moderna, o registro de partidos foi submetido a regras legais estritas e sua vida interna foi sujeita ao controle externo (e ilegítimo) da Justiça Eleitoral. Quando esta cassou, em 1947, o registro do PCB, ficou claro que partidos políticos, no Brasil, são entidades toleradas pelo poder, que pode permitir sua existência ou acabar com eles de acordo com razões de Estado, que natu-

ralmente se confundem com os interesses partidários dos que se encontram no governo.

Os atuais partidos vão ser dissolvidos não porque não sejam representativos, mas porque ao menos um deles — o MDB — se tornou representativo demais. Ao ganhar eleições, o MDB ameaça transformar disputas eleitorais, que são puramente plebiscitárias, ou seja, mera manifestação de opinião, em eventos com reais consequências para o equilíbrio político. E é isso que o regime não pretende tolerar. Portanto as regras do jogo partidário vão ser mudadas, tendo em vista assegurar que nas próximas eleições o poder não esteja em jogo.

No fundo, o governo pretende ganhar tempo numa situação econômica que tende a se complicar seriamente. Sem partidos organizados por vários anos — e isso as complicadíssimas exigências burocráticas da nova lei garantem —, não haverá eleições municipais no ano que vem e a influência do parlamento será ainda mais reduzida. Nestas condições, o governo pensa que terá as mãos mais livres para pôr em prática políticas que serão necessariamente impopulares. Já temos amostras delas: aumentos de impostos, altas brutais de preços de insumos básicos, cortes de verbas para serviços sociais, que ocasionam crises em hospitais e nas universidades etc... Enquanto as forças oposicionistas se acharem ocupadas em sua própria organização interna, obrigadas a criar e a sustentar extensos aparelhos burocráticos chamados "partidos", os inevitáveis protestos dos grupos sociais atingidos ficarão circunscritos ao plano social, sem afetar o exercício do poder.

A manobra é hábil, mas está suscitando bastante resistência. A questão da liberdade partidária, fundamento essencial de qualquer democracia digna deste nome, está começando a adquirir a devida importância na consciência popular. É uma luta, portanto, que está apenas se iniciando. Em pouco tempo a prática dos novos dispositivos legais vai mostrar que ou se devolve à sociedade civil o direito de formar partidos ou o jogo político carecerá de toda legitimidade e representação.

Paul Singer é economista e pesquisador do Cebrap

Está feito: acabaram os dois partidos

Volvido mais de um ano da Emenda Constitucional nº 11, que situou o problema, chega ao termo a reforma partidária; o ponto básico, que diz respeito ao pluripartidarismo, estava definido, como definida estava a extinção dos partidos mediante lei ordinária. O projeto de lei, de iniciativa do Poder Executivo, não trouxe no seu bojo, a rigor, nenhuma novidade, não surpreendendo ninguém no astuto mundo político. Os clamores, agora vibrados, na verdade, contra a reforma à Carta Magna e não contra a adjectiva alteração que culminou na noite de ontem. Do projeto, dois aspectos se tornaram polêmicos, ainda que em debate sem atualidade: a extinção dos partidos e a sublegenda municipal. Em ambos os casos o governo usou de toda sua força para que prevalecesse seu ponto de vista, não o mais adequado à autenticidade e à legitimidade dos pleitos. Não havia motivo para extinguir os atuais partidos, dado que essa medida não obstará que, do ventre ou a ilharga dos atuais, outros se organizassem. A sublegenda municipal não constitui uma reforma digna deste nome. Não passa de um truque, de um expediente, de um ardil, para, com a fraqueza eleitoral, fazer a maioria. No essencial, entretanto, não houve desacordo de monta entre os partidos: ambos desejavam a ruptura do bipartidarismo. Teriam divergido apenas quanto à modalidade adotada de pluripartidarismo, marcada pela experiência alemã, adversa à proliferação descontrolada dos partidos, atenta ao desastre de Weimar. A essa lição se teria somado o malogro do período 1945/65, com partidos fictícios, em número superior a uma dezena, que serviam para as barganhas e para desfibrar as maiorias parlamentares em grupos e blocos sem homogeneidade.

PRIMO FIGUEIREDO

Parabéns ao Citibank, que acaba de nomear o Simonsen para o seu Conselho-Diretor.

Parabéns, Citibank. Agora vocês têm para orientá-los, aí em Nova York, o homem que dirigiu a economia do Brasil por quase seis anos, o homem que sabe tudo, tudo, mas tudo mesmo sobre os segredos mais íntimos da nossa pátria.

Sejam justos. Paguem a este homem tão valioso pelo menos 30 dinheiros.

Keygel

Sem pão. Mas também sem circo?

Com seu ar que recorda a milonga, o sr. Nabi Abi Chedid tanto misturou e mexeu e tanto tresleu que acabou por se tornar uma ameaça ao futebol. Estamos no fim de um campeonato que não se sabe se chegará a ele, enquanto os dirigentes bufam, os jogadores esfregam os pés no gramado e a assistência — o público — ulula, impaciente e perplexa.

O sr. Nabi foi colocado nesse posto para garantir, por conta dos seus chefes, a ordenada e tranqüila vida do futebol, derradeira instância da população sem escolha. Mas revelou-se um desastroso. Não é assim que se serve os interesses de quem manda no futebol, na política e nos assuntos de Estado. Já se tirou quase todo o pão do povo. Que não lhe retirem, por obra do Nabi, também o circo.

O linchamento de Matão e o júri

Outro linchamento ensangüentou uma cidade brasileira, a cidade de Matão, em pleno tribunal do júri. A vítima, que matara, com requintes de crueldade, um motorista de táxi, estava em julgamento, diante do juiz e dos jurados. A população desvairada, ao fazer justiça pelas próprias mãos, dirigiu sua cólera contra um criminoso e contra o tipo de julgamento a que ele estava sendo submetido. Não se acreditou que o júri fosse o meio capaz de punir o crime, sobretudo tendo em conta a conhecida complacência com que julga. Não se confia que o júri puna. Sobretudo depois do julgamento de Cabo Frio, que, graças à televisão, repercutiu em todo o território do país.

Antes da eventual absolvição, no caso realmente improvável, liquidou-se o acusado, pelos mesmos meios bárbaros que ele utilizou ao delinquir.

A revolta da população, a de Cantagalo e a de Matão, não pode comprometer a instituição do júri, que outra coisa não é senão a justiça praticada pela comunidade, pela via popular. O instrumento jurídico não pode ser condenado por haver-se mostrado defeituoso em uma ou outra ocasião. Se complacência houve, a mácula vem da própria sociedade civil, que traduz, ao se investir de funções judiciais, os preconceitos que secularmente nela residem. Por que isso ocorre, será que conviria banir das instituições a única forma de julgamento popular, restrita aos crimes dolosos contra a vida? Se válida fosse a afirmativa, seria necessário tirar do fato outras consequências. O erro no voto, com a eleição de um candidato infiel, invalidaria a eleição? Num caso e noutro, o remédio está na prática, só ela capaz de, pela experiência, transformar o desacerto de ontem na correta decisão de hoje.

journal da  
**REPÚBLICA**

DIRETOR-PRESIDENTE  
Raymundo Faoro  
EDITOR-CHEFE  
Mino Carta

CONSELHO DE DIREÇÃO  
Armando V. Salem,  
Cláudio Abramo,  
Fernando Sandoval  
Hélio de Almeida, Mino Carta  
Raymundo Faoro,  
Tão Gomes Pinto

DIRETOR-RESPONSÁVEL  
Armando V. Salem

ENCONTRO EDITORIAL LTDA.  
DIRETORES  
Armando V. Salem  
Fernando Sandoval  
Mino Carta  
Raymundo Faoro  
Tão Gomes Pinto

SÃO PAULO  
Redação, Administração e Publicidade:  
Rua da Consolação, 293, 8º ao 12º andar  
Telefones: 258-6699, 258-8244,  
257-0099 (Publicidade)  
Caixa Postal: 22185  
End. Telegráfico:  
EDITRES (CEP. 01310 - São Paulo-SP)  
Sucursal BRASÍLIA (DF):  
SRTN - Edifícios Brasília Rádio Center,  
Salas 3080/81 Fones: 225-9296 /  
225-8396 / 224-6873  
SUCURSAL RIO DE JANEIRO (RJ):  
Editora Três Ltda.  
Av. Almirante Bártolo, 63, grupo 517  
Fone: 232-7352  
Impresso na S.A. Diário da Noite

VENDA AVULSA  
São Paulo ..... Cr\$ 10,00  
Rio de Janeiro ..... Cr\$ 12,00  
Porto Alegre, Florianópolis,  
Curitiba, Belo Horizonte e  
Brasília ..... Cr\$ 14,00  
Salvador, Recife e  
Fortaleza ..... Cr\$ 15,00  
Demais cidades ..... Cr\$ 18,00

## PETRÓLEO

# Negociações difíceis para Delfim, no Iraque

Os árabes querem 20% das vendas sem preço fixo

O Iraque só aumentará o volume de seus fornecimentos de petróleo ao Brasil se o governo brasileiro aceitar pagar 20% das novas compras aos preços do mercado livre. Essa informação — fornecida, ontem, oficialmente, por uma fonte da delegação brasileira em Bagdá — mostra, exemplarmente, as dificuldades que terá de enfrentar o ministro do Planejamento, Antônio Delfim Netto, para aumentar, sob contrato, a compra brasileira de óleo, em sua viagem de duas demanas por países árabes produtores de petróleo.

Delfim chegou ontem à capital do Iraque para uma visita de três dias. E, apesar das primeiras informações sobre as condições que seriam impostas pelos iraquianos, depois da rodada de negociações de ontem, uma fonte da embaixada brasileira em Bagdá declarava-se "esperançosa" de que o ministro consiga, afinal, firmar um acordo para o aumento dos fornecimentos.

De qualquer forma, ontem, Delfim não estava tão esperançoso quanto alguns de seus companheiros de delegação ou quanto o embaixador do Iraque em Brasília, Zaid Haidar, que se manifestou "otimista" quanto à possibilidade de ser firmado um acordo. Na mesa de negociações, Delfim teve a seu favor a confirmação ontem, de que estará provavelmente pronta até 1985 uma ferrovia de 550 quilômetros, entre Bagdá e as minas de fosfato localizadas na parte oeste do Iraque, e que será construída a partir de um projeto binacional. Brasil-Iraque, de 1,3 bilhão de

dólares. Mas tem também desvantagens: o acordo de cooperação econômica assinado há pouco mais de 45 dias entre, o ministro da Indústria e do Comércio, Camilo Penna, e seu colega iraquiano Hassam Ali está sendo considerado agora pelos iraquianos como uma "declaração de intenções". Depois de Bagdá, Delfim deve ir a Riade Jeddá, embora tenham circulado rumores, ontem, de que o ministro poderia cancelar sua viagem à Arábia Saudita, em função dos últimos acontecimentos nesse país.

De qualquer forma, em Brasília, a possibilidade da

viagem do ministro do Planejamento fracassar não está preocupando demasiadamente os altos escalões do governo. Nas assessorias dos ministérios da área econômica, o racionamento ainda é considerado uma hipótese remota. Os assessores do próprio Delfim que ficaram em Brasília, apesar de estarem acompanhando atentamente o agravamento da crise no Irã, não acreditam que o Brasil sofra um colapso no fornecimento, pois os 150 mil barris diários que deixariam de vir do Irã poderiam ser compensados pela antecipação das remessas de outros países, com os quais

o Brasil tem contratos de longo prazo. Ao contrário do que vem sendo anunciado pelos ministros Saraiva Guerreiro do Exterior, e Karlos Rischbieter, da Fazenda, a respeito da existência de um esquema de emergência para evitar um colapso no fornecimento, nos gabinetes econômicos de Brasília nega-se que a possibilidade esteja sendo examinada concretamente. Ontem, alguns assessores dos ministérios econômicos afirmavam que há ainda possibilidades de o Brasil escapar dos 20% que teria de comprar no mercado livre. Ao menos por enquanto.

## Limpeza no ministério de Cals

Confirmada ontem pelo presidente João Figueiredo, a demissão do general Otaviano Massa do cargo de secretário-geral do Ministério das Minas e Energia é apenas parte de um "processo de limpeza" na pasta imposto pelo governo como condição para a sobrevivência política do desgastado ministro César Cals. Esta era a interpretação mais corrente em Brasília, para a inesperada derrubada de Massa, a que se seguiu ontem, a revelação de que Cals já exonerou também há algum tempo, e discretamente seu genro Sanelva Vasconcelos, que ocupava o cargo de chefe de gabinete e o próprio filho Sérgio Cals, representante do ministério do Rio de Janeiro. E há mais: além do remanejamento, que deverá forçosamente ocorrer nas seis secretarias subordinadas à secretaria-geral, já se fala na substituição do presidente da Companhia Auxiliar de Empresas de

Energia Elétrica (CAEEB), almirante Dantas Torres. Ele é criticado por ser contrário à participação de empresas privadas, nacionais e estrangeiras, na distribuição do carvão mineral.

O demitido general Massa era antigo colaborador de Cals. Eles trabalhavam juntos desde que o atual ministro comandava a Eletrobrás. Massa empre foi qualificado no Ministério das Minas e Energia como "um excelente engenheiro". Ontem, no entanto, os assessores ministeriais mudavam sua definição: Massa teria sido, ao longo do tempo que passou na secretaria-geral "uma grande decepção". Sua principal falha teria sido não ter conseguido formar uma equipe eficiente para operar as seis secretarias a ele subordinadas. Assim, acumulou tarefas em excesso, e, também, uma série de reclamações sobre seu desempenho tanto do pró-

prio ministro como, principalmente, dos outros órgãos do governo vinculados ou ligados a ele, bastante desgastado Ministério das Minas e Energia.

Ontem, ao deixar o ministério ao meio-dia, César Cals, preferiu falar pouco, evitando responder as perguntas dos repórteres que o cercaram pedindo esclarecimentos sobre as demissões. Ele apenas confirmou que já havia proposto ao presidente Figueiredo alguns nomes para substituir o general Massa. Entre eles, o primeiro — acrescentou — é o de Arnaldo Barbalho, ex-secretário-geral do antigo ministro Shigeaki Ueki. Os outros prováveis substitutos do general Massa, segundo assessores de Cals, são o ex-presidente de Furnas Luis Cláudio Magalhães, o ex-subchefe de gabinete Ney Webster e o diretor do Departamento de Águas e Energia Elétrica, Luis Carlos de Menezes.

## Pilotos cassados em 64 querem indenização

Os advogados Sérgio Bermudes e Hariberto de Miranda Jordão Filho, do Rio, preparam-se para iniciar, nas próximas semanas, uma ação de indenização para cerca de duas dezenas de oficiais cassados em 1964, todos eles da Aeronáutica, "pelas perdas e danos decorrentes do não-exercício da profissão no meio civil".

Os militares, além de atingidos pelos atos institucionais que cassaram suas patentes, tiveram proibida a prática da profissão no meio civil, por uma portaria secreta do Ministério da Aeronáutica — assinada pelo brigadeiro Eduardo Gomes, em 1964 — que não permitia a concessão de suas carteiras de piloto. A portaria foi revogada, em maio deste ano, pelo ministro Délio Jardim de Mattos, mas, apesar dos requerimentos enviados ao Departamento de Aeronáutica Civil, os aviadores continuam "encostados". Alguns pela própria idade, outros por falta de treinamento prático — que é, aliás, um dos requisitos básicos para a obtenção do documento.

Enquanto os diversos setores da Aeronáutica trocavam cartas sobre o assunto, nenhuma carteira de piloto era liberada. O único ato de liberalismo, em todos estes anos, foi do próprio ministro Délio, quando era comandante da 4ª Zona Aérea. Ele permitia o voo dos pilotos cassados, em sua jurisdição, mesmo sem a carteira de habilitação. Um desses casos foi o do coronel Odair Fernandes Aguiar, que trabalhava, no início da década, em detetização aérea de cafezais.

M.H.M.

## INDULTO

# Os presos políticos reagem com protesto

Mas querem opinião do Comitê de Anistia

MARIA HELENA MALTA, do Rio, e CARLOS MAURICIO, de São Paulo

Enquanto se aguardava a relação oficial do Superior Tribunal Militar dos presos políticos beneficiados pelo indulto presidencial, três prisioneiros políticos de São Paulo, Aton Fon Filho, Carlos Alberto Soares e Francisco Gomes da Silva, divulgavam manifesto em que repudiam a medida mas solicitam a opinião do Comitê de Anistia sobre sua posição ante o ato que os beneficia e a atitude que considera correta. No Rio aguardava-se um manifesto semelhante, na tarde de ontem. Tudo indicava que os seis condenados do Rio rejeitarão o indulto, como já o fez Gilney Amorim Viana; em carta ao último congresso dos Comitês de Anistia, em Salvador, ele anunciou que não fará o requerimento que lhe daria acesso ao indulto e, se sua prisão for relaxada pela auditoria, não assinará o alvará.

Os prisioneiros políticos de São Paulo dizem no documento que "de modo algum e em nenhuma ocasião concordamos em requerer que tal medida a nós fosse aplicada, por entender que, se o fizéssemos, estaríamos consoando a artimanha governamental que busca fazer passar por marginais não apenas presos políticos de hoje mas todos os outros que, por combaterem o regime ditatorial, foram levados aos cárceres ou neles foram assassinados". O indulto, dizem, visa enfraquecer "a luta dos brasileiros por uma anistia ampla, geral e irretrita", que "liberte não apenas os que estão presos como os que na clandestinidade combatem o regime opressor e os que no exílio penam longe da pátria, os que tiveram seus direitos postergados com a anistia parcial e os que buscam seus parentes desaparecidos"; pedem ainda a "punição para os agentes torturadores".

Eles afirmam que a possibilidade que lhes resta perante o indulto decretado é a recusa formal do indulto ou da redução da pena, fazendo uso do art. 649 do Código de Processo Penal Militar. Os signatários afirmam que, entretanto, "em função do respeito que votam a essa como a outras entidades, somente nos decidimos a assumi-la após conhecimento de sua opinião a respeito de sua correção e oportunidade", e pedem uma resposta "urgente".

No Rio, a discussão para estabelecer uma posição coletiva dos presos começou anteontem à noite e deve prolongar-se. Ontem mesmo um grupo de presos lançou nota denunciando o indulto como "uma mistificação, cujo único beneficiário é o

próprio governo". A nota é assinada pelos seis presos do Rio e expressa, basicamente, a mesma perplexidade de seus advogados. Apenas o ex-estudante Perly Cipriano, será realmente beneficiado pelo indulto; sua pena (23 anos e quatro meses), modificada com a redução de 1/5, cairá para dezoito anos e oito meses, o que lhe permitirá fazer o pedido de livramento condicional. Todos os outros, inclusive Alex Polari de Alverga e José Roberto de Resende, citados na relação dada não oficialmente no STM, já tinham direito a livramento condicional, independentemente do indulto. Os presos qualificam o indulto de "indigno, injustificável e inócua, pois só liberta quem tem pena de até quatro anos, o que não é o caso de nenhum dos presos políticos do Brasil". Definindo-se a si mesmos como "verdadeiros reféns da abertura do regime", eles acusam a Justiça militar de recorrer a expedientes burocráticos para "manter-nos na prisão".

O advogado Nélcio Machado, que defende Alex Polari e José Roberto, confirma que o "indulto é inútil, pelo menos para ambos". Eles estão condenados a catorze anos e já cumpriram mais de oito, já tendo portanto direito à liberdade condicional. Os casos de Gilney Amorim Viana, Hélio da Silva (que ganhou um habeas corpus ontem no STM, tendo a pena reduzida) e Manoel Henrique Ferreira são idênticos aos de Alex Polari e José Roberto. Todos eles têm direito à liberdade condicional, que já foi requerida por todos e negada recentemente a Gilney, em Juiz de Fora. No caso de Carlos Alberto Salles, uma das penas foi erroneamente reduzida para quinze anos (em lugar de oito) e por isso ele não tem direito a livramento condicional. Seu advogado, Márcio Donnici, tem recurso em andamento; mas, segundo a nota, Salles não precisaria dele: como era menor ao ser preso, teria direito à condicional com 1/3 da pena cumprida.

A nota acrescenta que o indulto é "mais uma demagogia, pois poderiam estar todos soltos pelo simples cumprimento da lei". O advogado Heleno Fragozo diz que o indulto "resulta de uma mentalidade altamente repressiva" e considera o decreto "muito negativo para os presos, pois admite a desigualdade entre primários e reincidentes". Para o advogado Augusto Sussekind, "há desigualdade também no percentual, que devia ser o mesmo".

## PT pensa no registro

"Nunca estivemos preocupados com a legislação. O movimento pró-PT vai continuar após a reforma partidária. Não vamos acelerá-lo. Mas já há uma ideia — que ainda será objeto de decisão — no sentido de registrarmos as 101 assinaturas, no TSE, para a fundação do partido. Até o fim do ano vamos nos reunir, durante uns três dias, para decidir tudo." A afirmação foi feita, ontem, pelo presidente da comissão nacional pró-Partido dos Trabalhadores, também presidente do Sindicato dos Petroleiros de Campinas, Jacó Bitar. Ele esteve reunido

durante mais de cinco horas com o presidente dos metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, Luis Inácio da Silva, com Henos Amorina, presidente dos metalúrgicos de Osasco, e com o presidente destituído dos bancários de Porto Alegre, Olivio Dutra, além dos professores José Alvaro Moisés e Francisco Welfort. Quase no final da reunião chegou o ex-deputado Francisco Julião.

Oficialmente, o encontro ontem foi convocado para continuar "a avaliação da última greve dos metalúrgicos".

## O presidente no Ceará

Para inaugurar conjuntos habitacionais e assinar convênios da União com o Estado do Ceará, o presidente João Figueiredo viaja amanhã a Fortaleza. Ele será recebido no aeroporto pelo governador Virgílio Távora, seguindo, imediatamente, para o distrito industrial da capital cearense, onde inaugurará um conjunto habitacional e fará a entrega das chaves ao primeiro morador.

Deslocando-se então para outro extremo da cidade,

## Amazonas volta sábado

João Amazonas, primeiro-secretário do PC do B — Partido Comunista do Brasil —, retorna ao país neste sábado, desembarcando no aeroporto do Galeão, pela manhã, em voo da Air France. Amazonas está com 67 anos e vive em Paris, onde ontem distribuiu uma nota à imprensa dizendo que retorna "para contribuir na luta do nosso povo pela conquista da plena liberdade política e pela liquidação do sistema opressivo, antinacional e antipopular". Ex-líder operário, ele rompeu com o PCB de Luis Carlos Prestes

em 1962 e tornou-se líder do PC do B, criticando a política de alianças e de tomada do poder sem luta armada que seu antigo partido começava a pregar. Em 1967, o PC do B tentou formar focos guerrilheiros no campo, enviando militantes para a zona do Araguaia. Em 1972, o foco foi localizado e travaram-se, até 1975, os combates da "guerrilha da Araguaia", entre os militantes do PC do B e forças especiais do Exército. Amazonas foi um dos únicos sobreviventes do grupo comunista. Desde então exilou-se na Europa.

## NOVA CAPITAL

## Mensagem irá terça para a Assembléia

A mensagem do governador Paulo Salim Maluf que propõe a transferência da capital do Estado, e que acompanhará um alentado volume de mais de trezentas páginas contendo os estudos de viabilidade socioeconômica, chegará à Assembléia Legislativa na próxima terça-feira, dia 27 — ou, excepcionalmente, no dia seguinte. A mensagem não fará, no entanto, qualquer referência a respeito da área escolhida para a localização da nova capital.

O governador não confirmou ainda oficialmente a sua disposição de convocar os deputados, em caráter extraordinário, durante o recesso parlamentar que começa dia 5 de dezembro, para debater e votar a sua proposta. Mas de que isto acontecerá nem os contínuos da Assembléia têm dúvidas. E alguns deputados já fazem planos de como melhor gastar os 42 mil cruzeiros que receberão pela convocação extraordinária.

Na Assembléia, o dia de ontem foi de calma, pois na noite anterior alguns deputados já haviam esgotado a sua cota semanal de esforço físico, depois da briga entre Walter Auada (MDB) e Osmar Fonseca (Arena) e Sérgio Morinaga e José Storópoli, estes dois do MDB. Auada e Morinaga, adiestrados, não resistiram à tentação de revidar, no braço, as críticas que sofreram o dia inteiro. De arenistas e emedebistas.

A transferência da capital parecia não preocupar particularmente os deputados, ontem. Os arenistas, por meio do seu líder, Armando Pinheiro, diziam-se convencidos de que a mensagem de Paulo Maluf será aprovada. E já não se preocupam com a reformulação partidária, que poderia tumultuar a questão, pois a

mensagem será enviada já sob a existência de blocos parlamentares.

O MDB — ou o que dele resta na Assembléia — insiste nas suas esperanças. De acordo com o presidente da Comissão de Constituição e Justiça, deputado Flávio Bierrenbach, a proposta do governador será rejeitada quanto ao mérito e, por consequência, arquivada. Bierrenbach defende o ponto de vista de que, mesmo chegando à Assembléia como uma proposta de emenda à Constituição do Estado, a mensagem é um projeto "pois uma emenda não deixa de ser um gênero de projeto".

E Bierrenbach tem plena confiança de que, mesmo sob a vigência dos blocos parlamentares, a atual maioria que o MDB detém na comissão será suficiente para mandar para o arquivo as pretensões do governador. Uma maioria de 6 a 3.

Se a Arena e o governador estiverem certos de que com a reformulação partidária muda a constituição das comissões técnicas da Assembléia, que percam as esperanças, disse Bierrenbach. "Afinal" concluiu, "a Constituição garante os cargos aos que foram eleitos para as comissões, independente de partidos ou blocos".

O deputado Fernando Moraes pretende garantir ainda mais esta aparente vantagem. Ele apresentou projeto de resolução propondo a dilatação dos prazos de exame das emendas constitucionais, pelo menos enquanto os blocos parlamentares não estiverem funcionando normalmente. A aprovação desta proposta empurraria a votação da mensagem para fins de fevereiro, o que seria muito tarde para Maluf.

Vicente Alessi Filho

# NAS BANCAS

As agonias dos independentes ...  
A odisséia de Delfim ...  
As lições da revolta do Hipódromo ...  
Culto do diabo no Rio de Janeiro ...  
As novas gafieiras ...



O ISTO É

A SEMANA DECISIVA DA REFORMA

PETRONIO PORTELLA

IRÁ E LÁ COMO ESSA CRISE ATINGE O BRASIL COMO A REPRESSÃO FABRICADA POR EMPENHAMENTOS

EUA X MUÇULMANOS

# Destruída a embaixada americana no Paquistão

A multidão enfurecida ateou fogo ao prédio, ao saber que o ayatollah Khomeini culpava os EUA pela profanação da Mesquita de Meca

A crise iniciada há dezoito dias com a ocupação da embaixada dos Estados Unidos em Teerã acabou produzindo efeitos ontem também no Paquistão. Em Islamabad, capital desse país, milhares de manifestantes muçulmanos enfurecidos invadiram a embaixada americana e atearam fogo ao prédio, que foi totalmente destruído. Um marine morreu e cerca de cem funcionários da embaixada só foram salvos graças à intervenção das tropas paquistanesas. Houve também ataques a consuladros e a um centro-cultural americano em três outras cidades do país (leia abaixo).

ni pelo ataque à embaixada em Islamabad, o porta-voz do Departamento do Estado, Holding Carter, acusou veladamente o ayatollah de incitar à desordem na região. «Estamos verificando o que parece ser um extraordinário conjunto de ações coincidentes, que podem ter algumas conexões profundas», disse Carter.

No Congresso americano, o senador Henry Jackson, reagiu com irritação aos acontecimentos do Islamabad: «Esta é uma situação muito perigosa. Cuidado com os americanos», avisou ele. Ameaças, porém, não pareciam mais surtir efeito em Teerã, onde Khomeini mantém 49 reféns na embaixada dos Estados Unidos. Ontem, após a advertência feita pela Casa Branca na véspera, de que poderia usar a força para resgatar os reféns, os estudantes que ocupam a embaixada ameaçaram matar todos eles e dinamitar o prédio, ao primeiro sinal de intervenção militar americana no país.



MANIFESTAÇÃO «Khomeini combate, Carter treme»

## Ameaça agora é matar todos os 49 reféns

Será a reação a uma intervenção militar no Irã

Enquanto grandes unidades da Marinha dos Estados Unidos começavam ontem a navegar em direção ao Golfo Pérsico, em Teerã, 1 milhão de pessoas manifestavam-se ruidosamente diante da ocupada embaixada americana. «Khomeini combate, Carter treme», gritava a multidão. No interior do prédio, os estudantes que mantêm ainda em seu poder 49 reféns americanos, ameaçavam matá-los se o presidente Carter ordenasse uma intervenção militar no Irã.

O clima era de grande tensão e já se falava de preparativos militares do Irã que implicariam o fechamento imediato do estreito de Ormuz, a estratégica rota do petróleo que liga o Golfo Pérsico ao Mar Árabe. A informação procedia de Tóquio e o comandante da Marinha iraniana, almirante Hmaid Madani, apressou-se em desmenti-la. Disse apenas que ordenara à sua frota que vigiasse a movimentação dos navios que cruzam o Golfo, dedicando atenção especial à base naval que os Estados Unidos têm em Bahrein.

Em Washington e nas capitais europeias faziam-se também conjecturas a respeito da forma que assumiria uma possível intervenção militar americana na região. Falava-se de um bombardeio maciço contra objetivos industriais e militares, por causa das dificuldades logísticas de uma operação terrestre em grande escala. A força de combate americana mais próxima do Irã é uma brigada de 1.700 fuzileiros navais, a bordo de unidades da VI Frota do Mediterrâneo. Comentava-se também que uma unidade de pára-quedistas acantonada na Alemanha Federal fora transferida para o sul da Itália. Mas essas forças seriam ainda insuficientes para um grande assalto.

Enquanto se faziam essas conjecturas a respeito de um conflito militar apenas hipotético, prosseguia nas mais diferentes capitais do mundo a guerra real deflagrada há mais de duas semanas entre os EUA e o Irã — a guerra econômica, com as suas seguidas retaliações e contra-retaliações. Ontem, a Companhia Francesa de Petróleo e os importadores japoneses informaram oficiosamente que já

receberam as primeiras instruções de Teerã sobre como pagar o petróleo comprado. «Nada mais de dólares, os iranianos querem marcos alemães», disse os informantes.

Mas o ataque contra a moeda americana não ficou sem resposta. O Chase Manhattan Bank propôs a outras grandes instituições financeiras cobrir as dívidas com elas contraídas pelo governo de Teerã usando os dólares iranianos congelados nos Estados Unidos por ordem de Carter. O Chase encabeça um consórcio bancário internacional que concedeu créditos, ainda não saídos, ao Irã. A proposta do banco presidido por David Rockefeller teve, no entanto, fria acolhida entre os demais membros do consórcio, em sua maioria japoneses.

Em Túnis, tendo toda essa crise internacional como pano de fundo, os dirigentes da Liga Árabe faziam desesperados esforços para encerrar rapidamente a reunião de cúpula por eles iniciada na terça-feira. Os delegados dos vinte países-membros da Liga, dos quais quinze são chefes de Estado, cercados por um rígido esquema de segurança, faziam o possível e até o impossível para evitar os explosivos temas da ocupação da embaixada americana em Teerã, e do ataque à mesquita de Meca. Não conseguiram, porém. A noite, uma delegação do Irã, que não é membro da Liga e que viajou sem convite, despençou em Túnis e teve de ser recebida pelos participantes da conferência. Os emirados de Khomeini conversaram primeiramente com o presidente da OLP, Yasser Arafat, e depois com o chefe de Estado sírio, Hafez Assad. A missão específica da delegação de Teerã não foi revelada. Considera-se, no entanto, improvável qualquer manifestação aberta de apoio de todo o mundo árabe à conduta das autoridades iranianas que, para efeito externo, tentavam ontem atenuar suas ameaças. O chanceler Abol Hassan Bani Sadr, por exemplo, declarou em entrevista a jornalistas estrangeiros que a decisão de julgar os 49 reféns americanos por espionagem não implicaria necessariamente uma condenação, mesmo que os tribunais islamitas os considerassem culpados.

## Não restou nada da embaixada em Islamabad

«Começou a guerra santa», comentou um americano

«Abaixo o Cão Carter. Abaixo o imperialismo». Estes eram os lemas que milhares de manifestantes, em Islamabad, gritavam ao invadir ontem a embaixada dos Estados Unidos no Paquistão ao mesmo tempo em que outros edifícios de propriedade americana eram atacados em diferentes pontos do país. Os distúrbios começaram pela manhã, quando a rádio e a televisão paquistanesas transmitiram as informações sobre o ataque à mesquita Al Haram, em Meca, e divulgaram a declaração do ayatollah Khomeini responsabilizando os Estados Unidos e Israel pela profanação do templo. Imediatamente, um grupo de estudantes, com fuzis e outras armas de fogo, invadiu a embaixada, matando o cabo Steven Crowley, do Corpo de Fuzileiros Navais. Os americanos que se encontravam no interior do prédio refugiaram-se num salão blindado do terceiro andar. E só puderam ser retirados pelo teto, após uma angustiante espera de uma hora, por soldados do exército paquistanês. Na rua, concentrava-se uma multidão furiosa gritando slogans e erguendo fotografias das mesquitas de Meca e Medina.

Os invasores saquearam e incendiaram a embaixada e as autoridades paquistanesas pouco puderam fazer. No final, o edifício era só destroços. E houve agitação também em Rawalpindi, separada de Islamabad por um rio, onde os manifestantes incendiaram o Centro Cultural Americano, uma agência da American Express e a biblioteca do Conselho Britânico. O edifício do Banco da América em

Islamabad também foi atacado, e os consulados americanos em Karachi e Lahore apedrejados.

Em Washington, os acontecimentos eram acompanhados minuto a minuto no Departamento de Estado, onde o porta-voz Tom Reston fornecia seguidos relatos à imprensa. Segundo Reston, cerca de duzentas pessoas participaram do ataque inicial à embaixada, e o número foi engrossando até atingir dezenas de milhares. Os funcionários americanos, cerca de cem trancaram-se imediatamente no salão blindado do terceiro andar, ficando à espera de socorro. Mas os soldados paquistaneses enviados ao local tiveram de abrir caminho à força, porque os manifestantes haviam ocupado o teto do edifício onde se situava a saída de emergência. Enquanto resistiam ao assédio, alguns diplomatas tentavam desesperadamente salvar a vida do cabo Crowley, atingido por uma bala na cabeça. Os esforços foram vão. «Só tínhamos quatro balões de oxigênio. Se o socorro tivesse chegado um pouco antes ele poderia ter sido salvo», disse um dos diplomatas resgatados assim que chegou à embaixada da Grã-Bretanha, onde todos os americanos foram provisoriamente instalados.

«Podíamos ter morrido assados, se o Exército demorasse mais meia hora para intervir», disse uma secretária da embaixada, soluçando. À noite, Islamabad era iluminada pelas chamas gigantes que se elevavam do prédio abandonado. «Parece que começou a guerra santa», afirmou um dos americanos,

ao comentar o fanatismo religioso da multidão, que continuava na rua e sequer permitia a aproximação dos bombeiros.

De nada valerem, para salvar o edifício, os esforços do presidente paquistanês, general Mohamed Zia Ul-haq, que seguidamente falou pela rádio nacional pedindo calma à população e explicando que «a ocupação da grande mesquita de Meca nada tem a ver com o mundo ocidental». O general havia recebido um telefonema do presidente Carter que lhe solicitava garantias para os diplomatas sediados. E salvar os americanos foi onde o presidente paquistanês se concentrou. Sua polícia evitou intervir, porém, contra a multidão fanatizada que dominava as ruas da capital.

### No México, tudo pronto para a volta do xá

Apesar dos desmentidos, em Cuernavaca espera-se, para «qualquer momento», a volta do ex-xá Reza Pahlevi. As autoridades desta cidade de veraneio, distante 95 quilômetros da capital mexicana, estão ultimando os preparativos junto à equipe de seiscentos homens, encarregada de zelar pela segurança pessoal do ex-xá do Irã, e comentam que ele deverá chegar ainda esta semana.

Ninguém pode se aproximar do refúgio de Reza Pahlevi, uma enorme residência chamada «La Villa», situada no fundo de uma rua sem saída. Mas, de longe, é possível perceber um grande movimento de homens armados nos jardins e pátios da residência. Carlos Morel, chefe de segurança da família Pahlevi, limita-se a informar que estão todos trabalhando para receber de volta o ex-xá. As autoridades policiais de Cuernavaca dizem que a presença de Reza Pahlevi, na cidade «não será nenhum problema».

Na capital mexicana comenta-se que influentes amigos de Pahlevi, como o ex-secretário de Estado americano Henry Kissinger e o banqueiro David Rockefeller, o teriam aconselhado a deixar Nova York e retornar a seu refúgio mexicano «o quanto antes». Um alto funcionário da Secretaria de Justiça do Estado de Morelos, onde está Cuernavaca, confirmou ontem ter obtido «informação segura», na cidade do México, sobre o próximo retorno do ex-xá à cidade. Martha Vianna, do México

## Na Arábia Saudita, tiroteio na mesquita

Até a noite de ontem, alguns dos fanáticos muçulmanos que atacaram na véspera a Grande Mesquita de Meca, o principal templo do islamismo, na Arábia Saudita, continuavam entrenchados no segundo pavimento, com cerca de trinta reféns, resistindo ao assalto das tropas de elite sauditas. E as origens e as reais intenções do grupo continuavam quase tão nebulosas quanto no dia anterior. O ministro do Interior da Arábia Saudita, emir Nayef Ben Abdel Aziz, identificou os apenas como «um bando de fanáticos renegados que traíram o Islão». Outras fontes indicaram que se trataria de membros da seita mahdistas, uma dissidência ultra-ortodoxa do ramo xiita — o mesmo que, no Irã, é liderado pelo ayatollah Khomeini — que não aceitam a Meca como cidade sagrada. Os sauditas, como a maioria dos muçulmanos, são sunitas.

mortuários. Seu objetivo, conforme explicaram aos guardas da mesquita, seria o de rezar por seus mortos, numa espécie de cerimônia de corpo presente, diante da kaaba venerada pedra negra que, segundo a fé islâmica, foi trazida dos céus pelo anjo Gabriel. Dentro dos caixões, porém, não havia cadáveres, mas armas. Numa rápida ação, os fanáticos lançaram mão das armas e fecharam as portas do templo, que naquele momento tinha em seu interior perto de 3 mil peregrinos. A seguir, um deles teria sido apresentado à multidão presa no templo como o «mahdi esperado», o «Iman oculto» ou profeta que, segundo a crença xiita, voltará um dia à Terra. Sob a mira de fuzis e metralhadoras, os peregrinos foram obrigados a adorar o novo profeta.

Mas não por muito tempo, pois imediatamente as tropas sauditas, apoiadas por blindados, cercaram o templo e começou um tiroteio. A maior parte dos fanáticos mahdistas e dos reféns logo deixaram a mesquita. Não se sabia ao certo, na noite de ontem quantas pessoas morreram ou ficaram feridas na operação.

Segundo essas fontes, os invasores seriam cerca de 300 peregrinos de diferentes nacionalidades, alguns deles iranianos, e teriam entrado na Grande Mesquita da Meca, na manhã da terça-feira, carregando caixões

## Os pesadelos rondam a família real

SERGE AKIM

A tomada da grande mesquita de Meca, anteontem, terá configurado-se num golpe severíssimo para os conservadores que detêm o poder na Arábia Saudita. A política da família real tem sido, ao longo dos anos, de preservar a estabilidade interna do reino e, de maneira geral, a do próprio Oriente Médio árabe — com intenções hegemônicas que nunca chegaram a ser dissimuladas, mesmo antes da morte do corolêo Gamal Abdel Nasser. A queda do xá do Irã e a impotência dos Estados Unidos em impedi-la já haviam provocado um choque psicológico considerável para os sauditas, já pressionados, diga-se de passagem, pelos efeitos da «iniciativa histórica» do presidente Anwar Sadat e a sua paz com Israel. Imagine-se agora o efeito de um incidente que dá ideia de conturbações internas.

De algum tempo para cá, os sauditas enfrentam complicações de variada ordem. Os «radicais» árabes — haja vista as proposições do Iraque na presente reunião de Túnis — estão forçando os sauditas a definirem a sua política petrolífera em função das opções e interesses políticos árabes. Por outro lado — e eis aí o dilema —, a reticência dos sauditas em apoiarem o presidente Sadat e a sua política de paz com o Estado sionista acabou gerando sérios mal-entendidos entre Riad e Washington. As relações não se estabilizaram totalmente. Exemplo disso é a insistência dos americanos em acusarem os sauditas de não utilizarem o peso de sua influência junto aos países-membros da OPEP, no sentido de conter as sucessivas altas de preço do petróleo.

Essa conjugação de fatores tem causado um certo nervosismo da parte dos saudites no trato das questões surgidas tanto no plano interno como na área diretamente sob sua influência — o Golfo Pérsico. Em fevereiro passado, ocorreram sérios distúrbios na região onde estão localizados importantes complexos de extração petrolífera. Este do país, onde existe ainda uma larga concentração de muçulmanos xiitas. Parece claro que essas manifesta-

ções foram de fundo religioso e inspiradas pela turbulência islâmica do Irã, assim como ocorreu no Bahrain, no sultanato de Oman e também no Kuwait. A Guarda Nacional saudita, ao que se sabe, reprimiu essas rebeliões com mão-de-ferro. Isso não quer dizer, entretanto, que os ódios e as insatisfações tenham desaparecido entre uma minoria religiosa que se prova cada vez mais militante.

Em março passado, por outro lado, o Exército saudita foi colocado em estado de alerta, a ponto de serem recolhidas algumas de suas unidades, que se encontravam em Beirute integrando a chamada «Força Árabe de Paz» no Líbano, a razão alegada ostensivamente por Riad, para que suas Forças Armadas entrassem de prontidão, foi a de que os dois líemens estavam empenhados em combate numa área muito próxima à fronteira saudita. Posteriormente, porém, fontes ligadas a serviços de inteligência ocidentais — a CIA, principalmente — atribuíram o alerta à existência de graves dissensões entre a Guarda Nacional, chefiada pelo príncipe Abdullah, e o Exército, cujo comandante-em-chefe é o ministro da Defesa, príncipe Sultan.

Na realidade, são frequentes as indicações de que os dois príncipes estão empenhados numa «guerra» pelo poder, preparando-se para a eventualidade do desaparecimento e do Rei Khalid, um homem de saúde frágil. Não há problemas quanto à sucessão, já que ela é automática e o príncipe herdeiro é Fahad, um homem de visão moderna, liberal, moderada e pró-ocidental. O problema reside na sucessão de Fahd. Pois, uma vez ocupando o trono, ele terá que nomear o novo príncipe herdeiro. Trata-se, portanto, de uma escolha crucial, em consequências das ambigües dos demais membros da família real. E o grande perigo está no fato de que «alguém» possa vir a tirar partido dessas dissensões, provocando então o fim de uma dinastia de príncipes do deserto, e quem sabe instaurando na Arábia Saudita um regime islâmico «puro» e «duro», no melhor modelo iraniano.

## Na Europa, ambigüidade

ROSA FREIRE D'AGUIAR, de Paris

Espanta na crise iraniana que se prolonga há dezoito dias, o clima de resignação dos dirigentes europeus. Os nove países do mercado Comum Europeu esperaram até anteontem para constatarem, numa sabedoria acácia, que a detenção dos funcionários da embaixada de um país estrangeiro como reféns constitui uma violação do direito internacional, e pediram que o governo iraniano resolvesse o impasse da melhor forma possível. Ontem foi a vez do governo da França emitir uma declaração semelhante — afirmando que, sejam quais forem as emoções sentidas pelo povo iraniano, nenhum motivo pode justificar a ocupação de uma embaixada e a transformação de seus funcionários em reféns.

Esta aparente displicência política e diplomática tem, no caso europeu, seu reverso econômico. O presidente Jimmy Carter, depois do boicote imposto ao petróleo iraniano, tem-se desdobrado para convencer os europeus a não se deixarem levar por uma possível crise no mercado petrolífero. Anteontem, o presidente telefonou para o chanceler Helmut Schmidt, com o propósito bem preciso de pedir-lhe encarecidamente que não deixe de comprar petróleo

das companhias americanas só por causa do excedente iraniano de 700 mil barris por dia, que agora, não se destinando mais aos Estados Unidos, poderiam ter novos e interessados compradores. Jimmy Carter, é claro, não esqueceu de agradecer Schmidt sua solidariedade em relação à firmeza das últimas decisões americanas.

Na verdade, a moleza dos europeus aliados dos Estados Unidos é mais uma prova de que, quando o petróleo está em jogo, neste continente quase a cem por cento desprovido de recursos petrolíferos próprios, togam-se difíceis, ou mesmo impraticáveis, os entendimentos internacionais. Na semana passada, a França, a Itália e a Alemanha aceitaram, em princípio, não interromper suas importações de petróleo americano. Já a Holanda e o Japão estão em situação mais delicada. O Japão produz apenas 1% do petróleo que consome. E seu maior fornecedor (26%) é o Irã. A Holanda, interessa o petróleo iraniano para revendê-lo no câmbio negro de Roterda, onde esta semana o barril atingiu 45 dólares.

A França tem uma posição bastante ambígua em relação ao Irã. Quando, no final do ano passado, o presidente Valéry Giscard d'Estaing

aceitou dar asilo político ao ayatollah Khomeini, não estava apenas cumprindo um gesto humanitário ou reforçando a tradição de asilo do país. Apostava na queda do xá Pahlevi, na chegada de Khomeini ao poder. E esperava ganhar muito em troca. Não ganhou e isso talvez, explique o comportamento das filiais dos bancos americanos em Paris, desde que o dia em que Jimmy Carter ordenou o congelamento das reservas iranianas em todas as sedes e sucursais dos bancos americanos. Legalmente, cabe ao governo francês decidir um bloqueio financeiro de qualquer banco do país, seja estrangeiro ou não. Ora, o jornal Le Monde de ontem afirmava que as três grandes filiais de bancos americanos em Paris obedeceram a Carter. Desafio ao Banco Central Francês ou, ao contrário, cumprimento de uma ordem vinda dos meios financeiros franceses? No Bank of America e no Morgan Guaranty, os gerentes afirmam não ter recebido nenhuma ordem a favor ou contra o congelamento das reservas iranianas. E o Chase Manhattan Bank, o banco que retém a maior quantidade dos bens iranianos, a direção em Paris respondia às informações do Le Monde com um seco No Comment

**DINHEIRO VIVO MUDOU DE ENDEREÇO**

Fácil-fácil para o que você precisa. Agora o Hot Check está bem no centro de São Paulo. Lá, você pode ter Cr\$ 20.000,00, em 24 horas, ou no mesmo dia.

Vá ao Hot Check quando você precisar. Chegar lá é tão fácil quanto conseguir o dinheiro vivo que você quer.

Para maior facilidade, traga seus documentos. 2ª a 6ª: das 8.30 às 18 horas - sábado: das 8.30 às 13 horas.

**HOT CHECK**

Rua Major Quedinho, 111 - 14º andar, com entrada pelo Viaduto 9 de Julho, 167.

Atendemos também em: Santo André - Rua Salvador França, 45 - 2ª andar - Mogi das Cruzes - Av. Voluntários F. Pinheiro Franco, 412

**DIA A DIA**

**Já é certa uma mudança profunda**

Qualquer que seja o desfecho da atual crise envolvendo o Irã e os Estados Unidos — com respingos em outras partes, como a Arábia Saudita e, ontem, também o Paquistão — o que já não desperta dúvidas é que se está diante de um acontecimento maior, capaz de projetar sua sombra longamente tanto sobre a situação interna dos países direta ou indiretamente envolvidos no episódio como na ordem internacional como um todo. O destino dos Estados Unidos — ou pelo menos sua força, como potência, está sendo testado. Assim como se encontra num ponto de fúria jamais alcançado, anteriormente, o desafio lançado pelas massas muçulmanas — não só do Irã, mas, ontem, também do Paquistão — à superpotência ocidental.

Este é um duelo de forças que não pode terminar sem escorizações profundas para uma das partes, quando não às duas. Algo mudará no mundo, encerrando o episódio atual.

● Aos sessenta anos, o ex-primeiro-ministro canadense Pierre Elliot Trudeau, anunciou ontem que renunciará à liderança do Partido Liberal e convocou uma convenção do partido. Trudeau chefou o governo canadense durante onze anos, de 1968 até maio passado, quando os liberais perderam as eleições para os conservadores-progressistas liderados por Joe Clark, o atual chefe do governo de Ottawa.

● Dois diplomatas nicaraguenses foram presos e espancados pela polícia de Honduras. Com isso, as relações entre os dois países, que haviam piorado após a vitória da revolução sandinista na Nicarágua, ficaram ainda mais tensas. Recentemente, o embaixador do governo sandinista em Tegucigalpa fora praticamente convidado a retirar-se. Dias mais tarde, a Nicarágua passou a denunciar a invasão de seu espaço aéreo por aviões hondurenhos e instalou baterias antiaéreas na fronteira. Ontem, pediu explicações pela prisão dos diplomatas.

● Um grupo de oficiais bolivianos que se dizem leais à Constituição pediu à presidente Lydia Gueiler que destitua todos os membros do Alto Comando nomeado pelo coronel

Alberto Natusch Busch, chefe do golpe fracassado de 1º de novembro último. A presidente respondeu aos oficiais que «a situação é muito delicada». Prossegue, assim, o acerto de contas no Exército boliviano.

● O governo angolano parece ter dúvidas sobre as circunstâncias exatas da morte do patriarca do país, o presidente Agostinho Neto, que faleceu em Moscou, em setembro passado — de câncer e cirrose, segundo a versão oficial. Tanto que formou duas comissões, uma médica e outra política, para investigar o caso. Moscou, que certamente teve alguma participação no abortado levante comandado pelo ministro do interior Nito Alves, em maio de 1978, seria responsável pela morte de Agostinho Neto? Esta pergunta vem sendo feita com insistência em Luanda, nas ruas e nas repartições oficiais.

● «A única solução para o futuro do Chile é uma consulta popular legítima e qualquer outra solução será simplesmente uma grandiosa farsa.» Palavras do ex-presidente chileno Eduardo Frei, que acaba de regressar de uma viagem à Europa, onde conversou com representantes de vários governos.

ESTADOS UNIDOS

**Em curso o julgamento de Jimmy Carter**

A atmosfera está ficando cada vez mais carregada

RODOLFO BRANDOLI, do La Repubblica, de Roma

NOVA YORK — Como interpretar a ameaça americana de usar a força no Irã? Ela deve ser vista, sobretudo, como mais um elemento de pressão psicológica, enquanto ainda se procura uma saída diplomática para a questão. Mas o clima no país está mudando. Existe uma crescente exasperação, observável inclusive pelos pequenos fatos da crônica diária. Aumentou, por exemplo, o volume de vendas de bandeiras iranianas. Antes não se vendiam mais do que quatro ou cinco unidades por mês. Atualmente, porém, as fábricas vêm recebendo dúzias e mais dúzias de pedidos. O destino dessas bandeiras é sempre o mesmo: serem queimadas.

Os homens do governo puderam afirmar, até agora, que tudo o que era possível fazer foi feito. Que o único curso aconselhável é o que inclui a flexibilidade e a prudência — e que é este caminho que vem sendo

seguido. Os acontecimentos estão, porém, tomando um outro rumo. A crise está se aproximando rapidamente do estado agudo. E não se sabe até onde a nação achará tolerável a linha prudente e flexível.

Se é verdade que até o momento as manifestações antiiranianas foram contidas, já está bem claro que, por baixo desta aparente serenidade da sociedade americana, movimentam-se humores e tensões que poderão explodir no momento em que a crise piorar. E as repercussões políticas dessa explosão serão inevitáveis. Na verdade existe um clima de julgamento na atmosfera. E o acusado está dentro da Casa Branca. Não que Jimmy Carter esteja sendo condenado pela administração da crise — não é isso. O processo que pesa sobre ele é menos por sua atuação no momento, e mais pela origem da crise.

Até agora, somente vozes isoladas exigiram, gestos resolutos. Ou seja, prevaleceu um consenso a respeito da conveniência do curso moderado que foi adotado. Mas, enquanto são marginais as críticas à conduta específica adotada por Carter na atual circunstância, mais consistente se faz na imprensa a percepção de que o problema iraniano representa o ponto de chegada de um processo de recuo geral iniciado após o empenho no Vietnã, e que se tornou mais grave nas suas consequências pelo impacto acumulativo das iniciativas tomadas nestes anos. É assim que Carter termina — talvez sem razão, mas isso é quase irrelevante — representando simbolicamente uma América à mercê de forças incontroláveis, chantageada por países de segunda ordem, incapaz de exercer um papel hegemônico. Estes são fatores que, numa reviravolta psicológica importante, a opinião pública começa a recusar.

IRÁ

**O plano do regime é prolongar a crise**

O «processo» dos reféns só daqui a dois meses

PIERO BENETAZZO, do La Repubblica, de Roma

TEERÁ — Passarão dois meses, talvez três, antes que se enfrente o problema do processo que o ayatollah Khomeini ameaça desencadear contra os reféns que permanecem retidos na embaixada americana em Teerá. Será necessário primeiro, segundo afirmou o chanceler Bani Sadr, instalar as novas estruturas institucionais do governo iraniano. Bani Sadr falou especificamente de dois meses, outras fontes falam de três. Será algo em torno disso.

O processo de institucionalização se desdobra em várias etapas. Primeiro, está programado para os dias 2 e 3 de dezembro um referendo sobre a nova Constituição. Depois, haverá a eleição do novo Parlamento, e enfim as escolhas do presidente da República e do novo governo. Serão batalhas políticas difíceis para os khomeinistas. Em particular, a nova Consti-

tução, que propõe a identidade entre o Islã e o Estado, tem suscitado críticas e perplexidade. Por isso, os partidários do ayatollah têm interesse em manter uma situação de mobilização popular que possa forçar consensos e amainar críticas e divergências.

Não é difícil assim perceber que a «operação embaixada» tem uma «função eleitoral» a desempenhar. Caso, entretanto, o processo contra os reféns seja realizado, afirma-se em Teerá que ele se desenvolverá numa atmosfera de maiores garantias, para os réus, do que as atuais. Já se estaria vivendo dentro das instituições «saídas da revolução».

Esses dois ou três meses de processo de institucionalização da revolução islâmica tem uma importância fundamental nos cálculos dos dirigentes de Teerá — e não apenas no que se refere à

atual pendência com os EUA. Espera-se também, nesse prazo, colocar um ponto final na confusão atualmente reinante no Irã e recuperar a capacidade de governar o país. Neste sentido, a ofensiva já foi iniciada. O Conselho Revolucionário, num longo documento, atacou todos os que estão paralisando a produção econômica com greves, sit-ins ou sequestros de dirigentes, caracterizando os responsáveis por esses movimentos como «inimigos da revolução e agentes do sionismo». Por sua vez, o chanceler Bani Sadr tem-se referido à «disciplina revolucionária, como meio de vencer a batalha antiimperialista» e atingir com sucesso os objetivos substanciais da revolução. Em síntese, mesmo para os fanáticos dirigentes de Teerá, está ficando claro que não se pode permanecer indefinidamente na situação de caos atual.

**Cámpora faz biópsia**

O ex-presidente argentino Hector Cámpora foi submetido a uma biópsia, no Hospital Italiano de Buenos Aires, na madrugada de ontem, que confirmou o diagnóstico dos médicos: o ex-presidente, de 70 anos, sofre de um «tumor maligno na laringe, com ramificações cervicais». Cámpora, que há 44 meses estava asilado na embaixada mexicana na capital argentina, fora levado para o hospital há dois dias, após um acordo feito entre as autoridades do México e da Argentina, que resultou na aplicação do princípio da extraterritorialidade ao hospital onde

o ex-presidente está internado. Assim, para todos os efeitos, Cámpora, mesmo no hospital, está sob a proteção da bandeira mexicana.

Essa solução foi a única que restou após as sucessivas negativas do governo militar argentino aos pedidos de concessão de um salvo-conduto em favor de Cámpora, apresentados pelo governo mexicano. Um representante das Forças Armadas, o coronel médico Roberto Estevez, chefe do serviço de Oncologia do Hospital Militar, acompanhou a biópsia. O Hospital Italiano está fortemente policiado.

**Uruguai: "Plano Attica"?**

Presos políticos uruguaios recém-libertados estão denunciando a montagem de um tenebroso plano destinado a liquidar em massa os presos recolhidos ao presídio ironicamente chamado «La Libertad», a cinquenta quilômetros de Montevidéu, ao qual estão recolhidos cerca de 1.400 pessoas. O plano, segundo as denúncias, leva o nome em código de Plan Attica (nome da prisão de Nova York onde em 1971, houve célebre levante de presos, seguido de dura repressão). A ideia, ainda de acordo com as denúncias, seria a de provocar uma revolta dos prisioneiros para poder massacrá-los em seguida.

três presos citados — presos comuns que, se misturaram aos políticos durante a fuga de 106 pessoas do presídio de Punta Carretas, em 1971, e com eles permaneceram desde então — seriam utilizados no esquema de provocação que leve à revolta e ao subsequente massacre.

Há outros indícios da marcha do Plan Attica à como, por exemplo, a realização de um «alarme de situação real», em julho último durante o qual os presos tiveram que ficar estendidos com a boca colada ao solo, mãos na nuca e armas apontadas para a cabeça, provocando «uma situação de tensão máxima entre o pessoal militar encarregado da custódia e uma situação de grande nervosismo entre os presos», segundo as denúncias de elementos que assistiram às cenas e hoje estão em liberdade.

A situação é mais grave no segundo andar, onde se concentram os presos com condenações maiores (até 45 anos). Nesse andar, as ameaças de morte «são feitas de forma explícita e sem eufemismos», segundo as denúncias. Em outubro, vários presos foram maltratados antes de serem conduzidos ao local onde recebem, mensalmente, a visita de familiares.

A denúncia acrescenta que existe «particular sanha» contra os presos Ricardo Perdomo e Antonio Más, que são fustigados em suas celas, durante a noite, e foram vítimas de fuzilamentos simulados.



**Em nome do sabor, do prazer, da satisfação.**

Em nome da felicidade e da alegria de viver. Do sagrado direito das pessoas de gozarem o que a vida tem de bom. Um gostoso sanduíche de presunto, queijo e Margarina Primor num pátio de colégio. Um delicioso cachorro-quente com mostarda e Maionegg's num começo de madrugada. Um suculento assado com gostinho de Margarina Flor numa manhã de domingo. Uma salada, uma fritada, um bolinho preparado com o insuperável Óleo Primor. São sabores que a gente não esquece e que enri-

quecem nossas vidas. Aliás, desde 1929, a Samrig participa da vida diária das pessoas. Naquele ano, em um moinho em Porto Alegre, a empresa começava a produzir farinha de trigo. Hoje, 50 anos depois, no maior parque integrado de processamento de soja da América Latina, em Esteio, a Samrig fabrica óleos vegetais, margarinas, maioneses, proteínas. E seus produtos vão à mesa de milhares e milhares de brasileiros, todos os dias. Em nome do prazer, da felicidade e da delícia de viver.



Há 50 anos participando da vida de nossa gente.

DESCENTRALIZAÇÃO DO CRESCIMENTO

# São Paulo perde os incentivos

A nova política industrial tentará conter a expansão das indústrias na região metropolitana

ANTÔNIO MACHADO DE BARRROS e ALOYSIO BIONDI

O governo Figueiredo mede cuidadosamente o terreno para ver se dispõe de municião suficiente para entrar em nova batalha: a implantação de uma política industrial no país, que, entre outros objetivos, procuraria também conter o crescimento industrial da região metropolitana da Grande São Paulo — onde pouco menos de quarenta municípios concentram praticamente a metade de todo o valor da produção industrial brasileira. As diretrizes da nova política já foram entregues pelo ministro Camilo Penna, da Indústria e do Comércio, ao presidente da República, contidas em uma exposição de motivos de cinco laudas, acompanhadas de cinco anexos, entre os quais a minuta de um decreto-lei sobre a concessão de incentivos fiscais, e a minuta de uma relação do CDI, sobre a desconcentração.

Os documentos ainda têm um caráter sigiloso, mas em breve estarão sendo examinados pelas entidades de classe empresariais — e pode-se prever que, então, surgirão os protestos ostensivos e as pressões de bastidores contra as inovações, renovando-se as acusações de que o governo federal deseja «esvaziar São Paulo», ou «donar um cerco contra São Paulo». Exatamente como ocorreu no governo Geisel, que, através da Resolução 14, tentou tirar as vantagens concedidas à instalação de indústrias na Grande São Paulo. A iniciativa recebeu tantas emendas, por parte do empresariado paulista, que acabou virando

uma farsa. E melhor prova da vitória dos grupos de pressão de São Paulo, esvaziando a Resolução 14, foi a aprovação, este ano de 2 mil novas fábricas na região. Um dado que, certamente, o governo federal vai utilizar para mostrar que esse processo de concentração não pode prosseguir.

O ministro Camilo Penna, tentando agir diplomaticamente, tem repetido que o governo federal não pretende fazer uma «desconcentração industrial», mas apenas promover uma «desconcentração do crescimento industrial». Isto é, não se pensa em transferir, maciçamente, indústrias da Grande São Paulo para outras regiões — mas, tão-somente, estimular os empresários a, daqui para a frente, instalarem suas fábricas em novas áreas. Como isso seria obtido? Através da concessão de vantagens — redução de impostos e financiamentos — de uma forma seletiva: esses incentivos serão tanto maiores quanto menor for o desenvolvimento da região (leia a minuta da resolução, no quadro abaixo). E para a região metropolitana da Grande São Paulo, evidentemente, não haverá a concessão de nenhuma vantagem, ou incentivo. Além disso, as empresas que desejarem transferir-se para outras regiões — por problemas como controle de poluição, problemas de infra-estrutura etc. — terão uma vantagem: não pagarão IR sobre os lucros na venda de seus terrenos e instalações industriais que possuam na Grande São Paulo.



CAMILO PENNA  
Tentando vencer as pressões

ERNESTO GEISEL  
Uma derrota em seu governo

## Criação de empregos, o único esquecimento

A proposta enfrenta as demais distorções

Na verdade, a desconcentração do crescimento industrial é apenas um dos objetivos da reformulação da política para o setor — o que não significa que ele não tenha imensa importância, em termos de economia nacional. Fala-se muito em desconcentração da renda no país mas se ignora, frequentemente, que ela não deve ser buscada apenas através de mudanças na política salarial, ou mesmo na cobrança de impostos. Para que o problema seja atacado em suas raízes, é preciso promover o crescimento industrial (e agrícola) das regiões menos desenvolvidas — exatamente para criar empregos e renda para a sua população.

Há outras distorções, além da desigualdade no crescimento, visadas pelas propostas de Camilo Penna. A instalação de indústrias, no país, como de resto, a expansão de outros setores, tem-se baseado na concessão de incentivos pelo governo: redução do IPI sobre máquinas e equipamentos nacionais; redução no imposto de Renda, através do mecanismo da «depreciação acelerada» (uma aberração, pela qual os equipamentos da indústria são «desvalorizados» violentamente a cada ano; essa «desvalorização» é contada como «despesa» da empresa, em seu balanço, de dessa forma, reduz seus lucros — e o IR); redução do imposto estadual, o ICM, e, finalmente, a isenção do imposto de Importação sobre máquinas, equipamentos, peças, componentes, matérias-primas — além das taxas de juros subsidiadas, artificialmente baixas, com uma parcela paga pela

nação. Todas essas vantagens às empresas trouxeram as distorções bastante focalizadas, nos últimos meses, e que sintetizam o chamado «modelo concentrador» brasileiro: «doação de capital» (sob a forma de perdão de impostos, juros subsidiados etc.) aos empresários, às custas do Tesouro; crescimento do déficit do Tesouro, por causa das doações, levando-o a endividar-se, e a pagar juros sobre suas dívidas, com uma parte dos impostos arrecadados — o que o leva a um déficit cada vez maior; desperdício e má utilização dos recursos nacionais, com as empresas instalando grandes fábricas apenas para aproveitar-se dos incentivos, sem levar em conta a existência ou não de mercado (o que a leva, posteriormente, a precisar do «socorro oficial», isto é, mais dinheiro do governo); agravamento dos problemas, da balança comercial e da dívida externa, já que muitos produtos, dependentes de importações, passam a ser produzidos no país apenas graças aos incentivos (que reduzem seus preços), forçando o fechamento de fábricas que produziam produtos concorrentes e que só usavam matéria-prima nacional, e assim por diante.

Do ponto de vista específico da própria indústria, há duas distorções principais: instalação de fábricas em setores de mercado já saturado (apenas para aproveitar os incentivos), e importação de equipamentos, componentes etc. graças à isenção do imposto.

As propostas do ministro Camilo Penna visam, basicamente, extinguir os incentivos, ou melhor, reservá-los a casos especiais, de forma a

aproveitar o seu uso para o alcance de objetivos da política econômica. Ou, mais claramente: eles serão usados para reduzir as desigualdades regionais, para crescimento da produção em setores nos quais ainda haja demanda não atendida e para proteger a indústria nacional. Como chegar até lá? O MIC propõe dois critérios: o de «regiões incentivadas» e o de «setores prioritários» (leia a minuta no quadro ao lado). A redução de impostos fica reservada para equipamentos nacionais, e a isenção do imposto de Importação (sobre equipamentos importados) será concedida em dois casos: Da empreendimento de relevante interesse nacional, a serem aprovados pelo próprio presidente da República; e 2) a projetos aprovados no chamado programa Belfex, onde empresas assumem o compromisso de exportar determinada parcela da produção, ao longo de um número determinado de anos. Finalmente, também para resolver os problemas da balança comercial, o Conselho de Desenvolvimento Industrial fixaria índices de nacionalização para bens produzidos no país, e os incentivos seriam reservados a projetos que atingissem a essas exigências.

Um único dado parece ter sido ignorado na proposta do ministro Camilo Penna: a concessão de estímulos mais agressivos à utilização de mão-de-obra, e não de máquinas nos projetos industriais. Essa falha foi detectada pelo Ministério do Planejamento, que deseja incluir esse critério — criação de empregos — ao lado dos outros dois, a saber, regiões incentivadas e prioridades setoriais, na concessão dos incentivos.

ANOTE

## Maior rigor sobre firmas petrolíferas

As dezoto maiores empresas petrolíferas dos Estados Unidos deverão ser impedidas de adquirir outras grandes companhias, caso o Senado aprove projeto de lei de autoria do senador democrata por Massachusetts, Edward Kennedy, candidato à Presidência da República. O projeto objetiva assegurar que os lucros resultantes dos aumentos nos preços do petróleo sejam usados para desenvolver fontes alternativas de energia. A lei — aprovada por no e votos a oito na Comissão de Justiça do Senado — proibirá a compra de companhias energéticas cujos capitais sejam equivalentes ou superiores a 100 milhões de dólares.

● O ministro da Indústria e do Comércio, Camilo Penna, lançou ontem o Programa Pró-Estância, criado pela Empresa Brasileira de Turismo (Embratur). Trata-se de um programa turístico destinado a classe média, que, de dezembro a junho de 1980, poderá fazer excursões às estâncias minerais de Lambari, Cambuquira, Caxambu e São Lourenço, todas em Minas Gerais, ao preço de Cr\$ 2.500,00 por pessoa.

● Será realizado dia 7 de dezembro, às 12 horas, no Clube Atlético Paulistano, o almoço anual dos dirigentes da indústria eletroeletrônica do Brasil. Durante o encontro, será apresentado o balanço do desempenho do setor durante o ano de 1979.

● O ministro da Defesa do Paraguai, general Marcial Samaniego, concluiu ontem, em Brasília, negociações para a compra de doze aviões militares Xavante, no valor de 40 milhões de dólares.

● Pioneira no lançamento da caderneta de poupança no país, a Continental S/A de Crédito Imobiliário está completando 13 anos de atividades no mercado financeiro. Com um capital mais reservas de 280 milhões de cruzeiros, a empresa se classifica entre as maiores do SBPE, contando com um volume de depósitos superior a 3,5 bilhões de cruzeiros.

● A Olivetti fornecerá à Embratel 12 mil unidades de teleimpressores, num valor aproximado de 35 milhões de dólares. O prazo de entrega deverá ser de 18 meses. O contrato foi assinado na semana passada e, com ele, a Olivetti complementa o fornecimento à Embratel de 50 mil teleimpressores, das quais 35 mil já instaladas na Rede Nacional de Telex e operando em todo o território nacional.

● A Comissão Nacional de Bolsas de Valores promove, ainda este ano, mais quatro seminários sobre mercado de ações, nas cidades de Blumenau, Fortaleza, Belém e Marília.

● Com um investimento da ordem de 7 milhões de dólares, na construção de seu Centro de Administração e Desenvolvimento, a Du Pont do Brasil lançou a pedra fundamental da obra, no km 23,5 da rodovia Castelo Branco, no bairro de Alphaville. O novo prédio, de três andares, em área de 43 mil metros quadrados, dos quais 10 mil serão construídos, abrigará cerca de quinhentos funcionários.

● A Superintendência Nacional da Marinha Mercante foi autorizada, por decreto do presidente da República, a conceder até dezembro de 80, permissão para que navios estrangeiros possam fazer cabotagem nacional.

● A Superintendência Nacional da Marinha Mercante foi autorizada, por decreto do presidente da República, a conceder até dezembro de 80, permissão para que navios estrangeiros possam fazer cabotagem nacional.

● A Olivetti fornecerá à Embratel 12 mil unidades de teleimpressores, num valor aproximado de 35 milhões de dólares. O prazo de entrega deverá ser de 18 meses. O contrato foi assinado na semana passada e, com ele, a Olivetti complementa o fornecimento à Embratel de 50 mil teleimpressores, das quais 35 mil já instaladas na Rede Nacional de Telex e operando em todo o território nacional.

● A Comissão Nacional de Bolsas de Valores promove, ainda este ano, mais quatro seminários sobre mercado de ações, nas cidades de Blumenau, Fortaleza, Belém e Marília.

● O empresário João Brotto, da Brotto S/A (casas pré-fabricadas), disse que nos últimos noventa dias

## Rumo à desconcentração

É a seguinte a íntegra da resolução sobre descentralização industrial: «O CONSELHO DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL no uso de suas atribuições e tendo em vista o disposto nos artigos 1º e 4º do Decreto-Lei nº....., de ....., resolve:

**RESOLVE:**  
I. Considerar, para efeito de concessão de incentivos fiscais de projetos de desenvolvimento industrial aprovados pelos órgãos referidos no «caput» do artigo 1º do Decreto-Lei nº....., de ....., o conceito de Região Incentivada, segundo seu grande desenvolvimento sócio-econômico.

II. Estabelecer, na forma disposta no inciso anterior, a seguinte classificação de Região Incentivada:

**REGIÃO I:** áreas de influência da Sudam e Sudele, excetuando-se as regiões metropolitanas do Recife, de Salvador e de Manaus;

**REGIÃO II:** regiões metropolitanas do Recife, de Salvador e de Manaus, os Estados de Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, excetuando-se as regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre;

**REGIÃO III:** regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre, do Distrito Federal e o Estado de São Paulo, excetuando-se a região metropolitana de São Paulo;

**REGIÃO IV:** região metropolitana de São Paulo.

III. Considerar, para efeito de concessão de incentivos fiscais, os dois níveis de prioridades setoriais, conforme listagem anexa.

IV. A concessão de incentivos fiscais a projetos de desenvolvimento industrial aprovados considerará os conceitos de regiões incentivadas e setores prioritários, observada a origem de fabricação das máquinas e equipamentos, de acordo com a seguinte graduação:

1. Crédito presumido do Imposto sobre Produtos Industrializados, incidente quanto

da aquisição de máquinas e equipamentos de fabricação nacional:

REGIÃO	PRIORIDADE I	PRIORIDADE II
I	100%	70%
II	80%	50%
III	50%	30%

2. Redução dos impostos de Importação e sobre Produtos Industrializados, incidentes na importação de máquinas e equipamentos de fabricação estrangeira:

REGIÃO	PRIORIDADE I
I	80%
II	70%
III	50%

— Para projetos industriais localizados na Região IV, que tenham por objetivo a implantação ou expansão do setor de controle de qualidade, modernização tecnológica e melhoria dos fatores poluidores, o CDI poderá conceder incentivos equivalentes da Região III desde que:

- a) Não resultem em aumento da capacidade de produção da unidade industrial;
- b) Não impliquem acréscimos na demanda da infra-estrutura disponível.

VI — A suspensão do recolhimento do Imposto de Renda como estímulo à realocação de indústrias, de que trata o artigo 7º do decreto-lei nº....., de ....., se realizará consoante os seguintes percentuais de redução:

REGIÃO	Para a REGIÃO
I	80%
II	60%
III	20%
IV	40%
V	30%
III	—

VII — Os percentuais de redução estabelecidos no inciso anterior serão acrescidos de 20%, no caso das empresas virem a se localizar em áreas apropriadas, definidas pela Autoridade Estadual.

VIII — Esta resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário».

BOLSA DO RIO

## Os investidores vão participar das decisões

Dois investidores integrarão o colegiado da Bolsa

O Conselho de Administração da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, numa iniciativa inédita no país, aprovou ontem a admissão de representantes de investidores institucionais e individuais em sua composição elevando o número de conselheiros de oito para dez.

A decisão será votada na Assembleia Geral Extraordinária das sociedades corretoras associadas à entidade marcada para 15 de dezembro — mesmo dia em que será renovado um terço do Conselho de Administração. Após a aprovação da mudança do estatuto da Bolsa de Valores do Rio, a decisão será submetida à Comissão de Valores Mobiliários. A partir daí serão eleitos os dois representantes dos investidores, escolhidos entre os membros de uma lista tripartite a ser elaborada pelo

Conselho de Administração, com mandato de um ano. Até agora, segundo o estatuto da Bolsa de Valores, o Conselho de Administração era composto por representantes das sociedades corretoras, pelo superintendente-geral da entidade e por um representante das sociedades de capital aberto.

Nova decisão visa a dar maior representatividade ao conselho que, pela primeira vez no Brasil, terá representantes de investidores.

Caso a mudança seja aprovada pela assembleia-geral de 15 de dezembro, o artigo 29 do estatuto da Bolsa de Valores do Rio passará a ter a seguinte redação:

«Art. 29 — O Conselho de Administração será constituído de dez membros e respectivos suplentes, pessoas físicas, sendo: A) Seis escolhidos dentre os titulares de

firmas individuais, diretores ou gerentes de sociedades corretoras, com mandato de três anos; B) Um eleito em lista tripartite, dentre os representantes legais das sociedades anônimas abertas, registradas na Bolsa, com mandato de um ano; C) Um representante dos investidores individuais, cadastrado como cliente das sociedades corretoras, eleito através de lista tripartite organizada pelo Conselho de Administração, dentre pessoas de ilibada reputação, com mandato de um ano; D) Um representante dos investidores institucionais, eleito através de lista tripartite, organizada pelo Conselho de Administração, dentre pessoas de ilibada reputação, com mandato de um ano; e E) O superintendente-geral, que será havido como membro nato, depois de investido nas suas funções.

### Refesa deve sair logo do vermelho e até dar lucro

O transporte ferroviário de carga pela Rede Ferroviária Federal está caminhando para o equilíbrio entre a despesa e a receita operacional — disse ontem, em Brasília, o diretor comercial da empresa, René Fernandes Schoppa. Ele defendeu o «realismo tarifário», como medida destinada a eliminar os prejuízos da Refesa, os quais, segundo disse, são gerados nas linhas da Regional do Nordeste e no transporte ferroviário urbano. A perspectiva de transporte de carga da Refesa este ano é de 28 bilhões de TKU (tonelada/quilômetro/útil), e para 79, da ordem de 32 a 33 bilhões de TKU. O transporte ferroviário este ano deverá crescer 10% em relação a 1978. René Fernandes afirmou que 90% do faturamento da empresa provém do transporte de carga. Atualmente, a participação do transporte ferroviário na movimentação global de carga no país é de 17% dos quais 8% a carga da Refesa».

### Advertência: mão-de-obra especializada pode faltar

«Se o Brasil não agilizar com urgência seus programas de formação e treinamento de profissionais, dentro de dez anos, no máximo, estará importando mão-de-obra especializada em quantidade», advertiu o presidente da Associação Brasileira de Treinamento e Desenvolvimento (ABTD), Paulo Roberto Pizzaro. No entanto, em seu entender, esta responsabilidade «não deve recair apenas sobre governos e empresas, cabendo também aos sindicatos de trabalhadores — não apenas pela defesa do próprio interesse da classe, mas para que os programas tenham a contribuição do trabalhador, no sentido de se evitar a violentação de sua posição como homem». E acrescentou: «Os programas de treinamento e desenvolvimento de recursos humanos devem criar condições favoráveis de trabalho para o indivíduo, e proporcionar o aumento de sua produtividade — mas não podem interferir nos outros papéis que ele desempenha».

### Inglaterra não aceita reduzir sua produção de açúcar

O governo inglês não está disposto a acatar o pedido da Comissão Executiva da Comunidade Econômica Europeia (CEE) no sentido de que oito dos estados-membros reduzam a sua produção de açúcar de beterraba. No caso da Inglaterra, que só produz açúcar de beterraba, recomenda-se redução de 30%. O assunto será discutido no dia 11 de dezembro pela CEE. O chefe-executivo da Corporação Inglesa de Açúcar, John Beckett, argumenta que a medida é prejudicial a uma empresa do país que investiu 150 milhões de libras (327 milhões de dólares) visando a auto-suficiência nacional na produção de açúcar. Mais ainda, disse que outros resultados negativos seriam inevitáveis, como o fechamento de fábricas e a ruína de 14.500 agricultores. Beckett, entretanto, admitiu uma ressalva: a Inglaterra aceitará a restrição se todos os países membros da CEE reduzirem a produção, mediante um acordo geral na base de 7 a 8%.

BOLSA

### Em São Paulo

Acentua-se a tendência de queda dos preços. Ontem, o índice recuou 1,1% no fechamento, ao situar-se em 5.008 pontos, refletindo as desvalorizações médias das cotações dos papéis blue-chips e de segunda linha, respectivamente, de 0,7% e 1,4%. O movimento aumentou 24,1%, totalizando 219.435,3 mil cruzeiros, dos quais 15.709,4 mil a termo — 6,9% do volume global — com 109.432.043 ações transacionadas. Os papéis blue-chips responderam por 10,3% dos negócios à vista e 5,2% do a termo. Os papéis mais negociados à vista foram: Eluma PP, com 4,7% do movimento; Varig PP, 4,2%; e Cobrasma PP, 4,2%. Maiores altas na carteira do índice: Bradesco Inv. PN, 5,8%; e Bco. Real ON, 5,5%. E maiores baixas: Const. Beter PP, 10,0%; e Servix OP, 6,2%.

### No Rio

Os negócios evoluíram 27,51%, com 156.842.522 títulos transacionados a 303.177,5 mil cruzeiros. As ações de empresas governamentais abocanharam 64,44% do movimento, cabendo os restantes 35,56% aos papéis de companhias privadas. O índice subiu 0,7% no fechamento, situando-se em 7.471 pontos. Maiores negócios à vista: Bco. Brasil ON 16,98%; Bco. Brasil PP, 13,76%; Petrobrás PP, 12,51%; e Souza Cruz OP, 5,29%. Ações que mais subiram no índice: Tibrás PPA, 2,5% e Mesbla OP, 1,43%. Desvalorizações principais: Samitri OP, 3,33%; e Brahma PP, 3,26. O mercado futuro movimentou ações no valor de 155.843,2 mil cruzeiros.

OPEN

Letras do Tesouro Nacional: O mercado de Letras do Tesouro Nacional apresentou-se pouco movimentado. Os negócios, com leve tendência vendedora para papéis com vencimento em janeiro de 80, foram cotados entre 24,60% ao ano e 24%. E os de vencimento em maio cotados entre 21,35% e 20,75%.

Financiamentos: Os financiamentos por um dia com Letras do Tesouro Nacional apresentaram-se tranquilos na abertura a 24% ao ano, subindo para fechar pressionados a 36%. Média dos negócios a 27,40% ao ano.

Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional: O mercado de Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional apresentou-se movimentado. Os papéis de 2 anos de prazo e 6% de juros, com vencimento no segundo semestre de 81, foram cotados a 108,20% para compra e 108,40% para venda.

Financiamentos: Os financiamentos com Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional apresentaram-se tranquilos durante todo o período, abrindo a 25,80% ao ano, subindo até níveis de 28,80, declinando para fechar a 21,60%. Média de negócios a 27,40% ao ano.

### O Imposto de Renda na fonte em 1980

Renda líquida Mensal	Aliquota	Parcela a deduzir
Até 15.000	isento	
De 15.001 A 22.000	10	1.500,00
De 22.001 A 30.000	12	1.940,00
De 30.001 A 42.000	16	3.140,00
De 42.001 A 66.000	20	4.820,00
De 66.001 A 106.000	25	8.120,00
De 106.001 A 150.000	30	13.420,00
Mais de 150.000	35	20.920,00

## O peso da carga do assalariado

O governo quer aumentar violentamente sua arrecadação em 1980, para reduzir o déficit do Tesouro, e um dos principais caminhos escolhidos para isso foi a introdução de modificações no Imposto de Renda. Ontem, o secretário da Receita Federal, Francisco Dornelles, anunciou em Brasília que a receita do IR deverá crescer em 87% este ano, para 240 bilhões de cruzeiros, contra 128 bilhões em 1979. A arrecadação, na verdade, deverá ser ainda mais alta, atingindo cerca de 300 bilhões de cruzeiros, para que reste aquele saldo, de 240 bilhões, depois que o Fisco devolver 120 bilhões de cruzeiros: 45 bilhões arrecadados em 1979, outros 66 bilhões que as empresas receberão de volta, para aplicar em empresas das áreas de incentivos fiscais (Nordeste, Amazônia, pesca, reforestamento e turismo), mais 13 bilhões de cruzeiros para as pessoas físicas aplicarem nos Fundos 157. Os dados divulgados por Dornelles, quando analisados, revelam distorções gritantes do IR no país segundo o secretário da Receita, no próximo ano, as empresas vão receber devoluções de 66 bilhões de cruzeiros do IR pago em 1979, e recolherão, em 1980, 73 bilhões de cruzeiros (depois de descontada aquela devolução), quer dizer, terão de pagar, na verdade, a metade do que deveriam ter pago ao Fisco.

De onde virá, então, a grande massa de dinheiro que permitirá o aumento de 87% na arrecadação? Basicamente, do Imposto de Renda recolhido na fonte, que deverá subir a 152,5 bilhões de cruzeiros — e que, como se sabe, recai esmagadoramente sobre o assalariado ou ganhos resultantes do trabalho, em geral. E, ainda, dos «aumentos indiretos» do IR para os ganhos do trabalho,

provocados pelo reajuste de apenas 45% nas tabelas de 1980, conforme o JORNAL DA REPÚBLICA demonstrou.

Na verdade, a situação poderia ser ainda pior, se não fossem algumas medidas de emergência adotadas pelo governo, como a elevação do IR das empresas, de 30 para 35%, e — uma inovação também anunciada ontem por Dornelles — uma nova política de pagamento antecipado do imposto. As empresas, que não encerrarem seu balanço anual em 31 de dezembro, e cujo último pagamento de IR tenha sido igual ou superior a 300 mil cruzeiros, estão obrigadas, a partir de 1980, a recolher parcelas mensais de antecipação do imposto que somente seria calculado em 1981.

Segundo portaria divulgada ontem mesmo pelo Ministério da Fazenda, em 1980 as parcelas serão de 1/48 do último valor do imposto anual. Em 1981, a parcela subirá para 1/36, e finalmente, em 1982, atingirá 1/12, tornando-se então um sistema permanente de antecipação, como existe para as empresas que fecham o balanço em dezembro.

O secretário da Receita Federal divulgou a nova tabela para desconto do IR na fonte e ainda as novas datas para apresentação das declarações do IR em 1980: até 24 de março, para o contribuinte com direito a restituição; até 7 de abril, para quem tiver imposto a pagar; até 15 de maio, os isentos. Segundo ele, cerca de 90% dos assalariados não são atingidos pelo Imposto de Renda: somente cerca de 3 a 3,5 milhões devem apresentar declarações, dos quais, 1,0 milhão vão pagar o Imposto de Renda em 1980.

### CONGRESSO DE FUNDIÇÃO

## Um dia de repetições

Discursos maçantes, cochilos no auditório

MARIA CÂNDIDA VIEIRA

A ausência do Ministro dos Transportes, Eliseu Rezende, e longos discursos lidos em vozes monótonas, provocaram ontem profundo tédio, e, inclusive ostensivos «cochilos» entre os presentes ao I Congresso Brasileiro de Fundação, no Hilton Hotel. Nem mesmo a fase de debates conseguiu empolgar o

ambiente, embora os temas abordados não deixassem de ter importância para a economia brasileira.

O representante do ministro, dos Transportes José Menezes Senna, leu um calhamaço sobre as diretrizes para o setor. Como não poderia deixar de ser, mais uma vez foi levantado o problema do efeito dos aumentos do petróleo sobre a economia brasileira. Entre as prioridades para o setor, disse Senna, figuram a necessidade de «melhorar a rede viária nos setores de maior demanda nas áreas de grandes concentrações industriais e de produção agrícola». Além disso, é preciso reformar os portos voltados para exportações e também projetos para corredores de exportação. Essas são algumas prioridades, porque existem ainda uma infinidade de outros, «que nem uma página inteira de jornal contaria».

Outros pontos que precisam ser reformados na área de transportes são nas áreas de novas fronteiras agrícolas, como por exemplo, no Mato Grosso, para poder escoar as safras, que têm crescido bastante nos últimos anos. A área urbana, é claro, precisa também de muitos reforços, entre eles: estimular os transportes coletivos e de massa, para evitar os grandes congestionamentos e economizar combustível. Assim, continuará a ênfase aos metrô do Rio e São Paulo, além de ampliar as faixas exclusivas para ônibus e adotar sincronização de sinais. E como vem sendo dito há vários anos, modernizar-se a rede ferroviária.

## Após anos de expansão, mercado chega ao teto

ANTÔNIO FÉLIX

Falta um dado ainda (o Índice de Preços por Atacado-IPA de novembro, que vai determinar a correção monetária de dezembro para janeiro), mas os técnicos do setor de poupança já têm estimativas sobre o rendimento das cadernetas no último trimestre do ano. O sistema fez projeções sobre várias hipóteses de IPA: se ele for de 5,0%, o rendimento do trimestre alcançará cerca de 15,5%. Tomando a projeção mais pessimista (1,96%) a rentabilidade iria a 14,6%. Luiz Alfredo Stockler, presidente da ABECIP - Associação Brasileira das Empresas de Crédito Imobiliário e Poupança, acredita que o mais provável seja cerca de 15,3%. Confirmando-se esse dado, as cadernetas teriam acumulado, no ano, nada menos que 58,0% — e, com o «desconto» do Imposto de Renda, mais de 60%.

Esses números fazem antever, por outro lado, um crescimento muito bom para os recursos aplicados em cadernetas. No último dia 15 de outubro, o total captado pelas instituições era de 485 bilhões de cruzeiros. Em 1º de janeiro, contando juros e correção monetária sobre os saldos, esse número, segundo os cálculos de Stockler, deverá estar entre 550 a 570 bilhões de cruzeiros.

Uma quantia, sem dúvida elevada, para um setor que, até há pouco, preferia deixar boa parte dos recursos depositados no FAL-Fundo de Assistência à Liquidez (cuja finalidade é garantir o sistema), alegando falta de opções para aplicar. Os recursos depositados no FAL chegam, hoje, a 65 bilhões de cruzeiros, ou 13,0% dos 485 bilhões. O que o BNH exige, porém, a título de depósito compulsório, é apenas 4,0% a 5,0%, explicou o presidente da ABECIP. Sobre isso, o banco paga correção monetária mais juros de 6,0% ao ano. Para a parte que exceder, contudo, o BNH remunera as instituições fazendo um rateio do rendimento obtido com aplicações em títulos federais — o que Stockler, particularmente, não julga atrativo.

Recentemente, porém, o BNH tomou algumas providências que, segundo o dirigente, foram suficientes para

despertar o interesse das empresas de crédito imobiliário. Entre elas, o leasing imobiliário, a possibilidade de aplicar no programa-empresa, o aumento de limite para financiamento de imóveis usados, (hoje, a maioria das instituições está com essa carteira aberta), a volta da Tabela Price para empréstimo até 2.000 UPs (cerca de 857 mil cruzeiros). O que, assim, poderá fazer diminuir o volume de recursos no FAL.

Os recursos das cadernetas, porém, não vão crescer sempre. Para este ano, Stockler prevê um crescimento real (descontando-se correção monetária e juros) entre 23,0% e 24,0%, considerado «excepcional», uma vez que no ano passado já havia atingido cerca de 22,0%. «Chega uma hora, porém, que a tendência passa a ser a estabilidade, porque não é possível grandes aumentos sobre os excelentes saldos obtidos antes. Se bem que os retornos de aplicações feitas (e o sistema está fazendo 15 anos) passem a ser expressivos».

Quais os rumos, todavia, que poderão tomar as cadernetas? Arthur Gorenstein, assessor de marketing da Continental, aposta que a tendência para os chamados depósitos livres (as cadernetas comuns) seja mesmo uma próxima estabilidade. Por isso, passou a incentivar a captação através de poupança programada. Um

momento, aliás, propício: essa modalidade não foi atingida pelas recentes restrições do BNH (redução, de 6,0% para 3,0%, dos juros anuais para contas superiores a 2.000 mil UPs). As contas novas ou as antigas, sem movimentação são encaminhadas para a poupança programada. Com isso, das 2,9 mil contas de poupança programada em dezembro de 78, a empresa atingiu, no último dia dez, 29,4 mil.

Gorenstein, por outro lado, acredita que a programada talvez tenha sido mal lançada. Em setembro, tomando-se dados da 7ª Região (São Paulo, Mat. Grosso e Rondônia), 125 bilhões de cruzeiros correspondiam à poupança livre e 758 milhões de cruzeiros correspondiam à programada. «Em uma pesquisa, encontrei um ambiente de antipatia em relação à nova modalidade, principalmente em função da existência de carnes, guias, etc. «Existem, todavia, outras razões para que a empresa cuide da programada. «Hoje, nossas contas de poupança livre somam 550 mil e as da programada 30 mil, com qual eu vou me preocupar?».

Qualquer que seja a estratégia de marketing das empresas, em uma coisa o sistema parece ter concordado, como reconhecem Stockler e Gorenstein: a rentabilidade (correção monetária e juros) parece ter sido abolida como apelo comercial.

### BANCO CENTRAL

## Fim de subsídios já tem estratégia

E empresários apoiam

O diretor da Área Bancária do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni, admitiu ontem que o Banco Central está preparando-se, agora, para a retirada dos subsídios, às taxas de juros nas operações de crédito com a área industrial e a outras atividades. A extinção dos subsídios à agricultura será gradual.

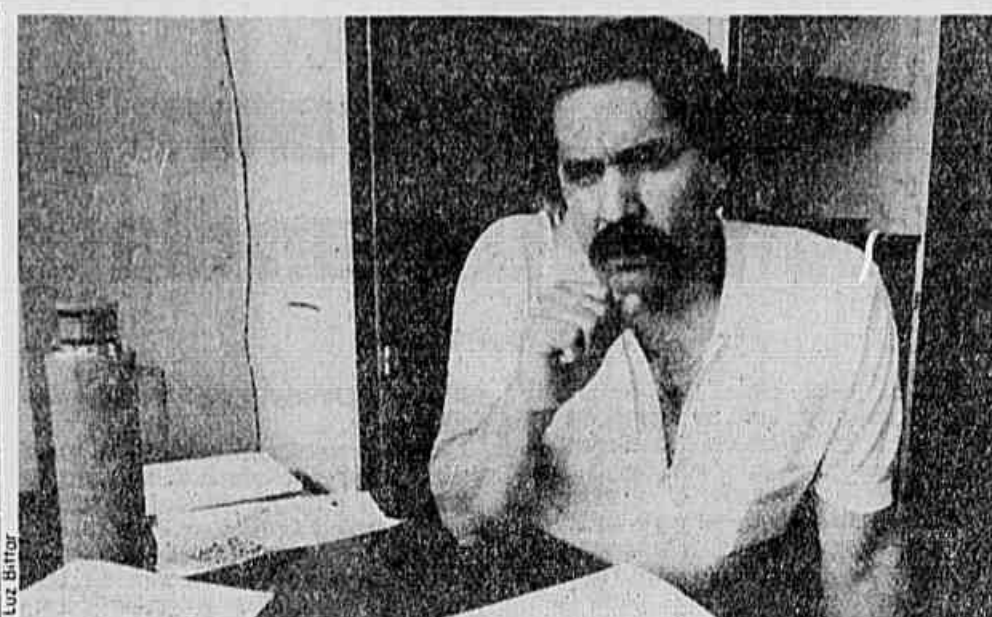
Langoni, alçou com empresários da área industrial e comercial, no Restaurante Baiuca, e manteve uma série de contatos na sede da delegacia do Banco Central, em São Paulo. Hoje, ele participará da sessão de encerramento do seminário da Federação Latino-Americana de Bancos, Felaban, no Guarujá. Os empresários que almoçaram com Langoni foram: Cláudio Bardella, do grupo Bardella; Jacques Eluf, da Jeluf; Paulo Villares, das Indústrias Villares; e Luis Eulálio Bueno Vidigal Filho, do grupo Cobrasma.

Os empresários manifestaram apoio à retirada dos subsídios às taxas de juros. Carlos Geraldo Langoni explicou que «a medida se impune devido à dificuldade de se controlar a inflação,

tendo-se no mercado taxas de juros subsidiadas».

«É realmente impossível um controle efetivo da inflação, havendo subsídios. Com sua retirada não só para a área industrial como também para outros setores, sendo que para a agricultura de forma gradual, poderemos exercer verdadeiramente um controle sobre a expansão dos meios de pagamentos e sobre a inflação. Isso não tenho dúvida», assegurou o diretor do Banco Central. E Acrescentou: «O Banco Central está preparando-se efetivamente para o fim do subsídio, criando condições para um controle efetivo da situação. Hoje, já há essa preocupação, pois as taxas de juros subsidiadas à indústria deixarão de vigorar a partir de janeiro próximo».

O governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, no entanto, defende a continuidade dos incentivos, pelo menos para as indústrias situadas nas regiões mais carentes, como o Nordeste. Mas não se sabe até o momento se o governo vai considerar este tipo de preocupação.



OLÍVIO DUTRA

«É preciso ter capacidade para negociar sem cooptação»

OLÍVIO DUTRA

## Recusar a negociação seria uma burrice

Ele só exige provas da sinceridade do governo

JOSE MEIRELLES PASSOS

«Para todos os efeitos, não temos nada a temer para sentar à mesa com o Delfim Netto. Seria uma infantilidade de qualquer temor. Demonstraria insegurança ou complexo de inferioridade não acreditarmos em nossas próprias propostas. Afinal, sentar à mesa com o governo é, no mínimo, a oportunidade que temos para reforçar as nossas propostas. Não aceitar o diálogo seria uma atitude burra».

Esta é a opinião de Olívio Dutra, presidente do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre, afastado do cargo há dois meses pelo governo, sobre a iniciativa do Ministério do Planejamento em negociar, com a classe operária, a criação de um pacto nas relações capital-trabalho — conforme o JORNAL DA REPÚBLICA revelou há dois dias. Dutra chegou ontem a São Bernardo do Campo, para participar de reuniões com líderes sindicais do eixo Centro-Sul. Tranquilo, como de costume, ele se dispôs a conversar sobre a iniciativa governamental. Atarefado, Luís Inácio da Silva, o Lula, não quis participar da conversa, numa das salas de seu próprio sindicato: «Mas o que o Olívio disser, eu assino em baixo».

O líder bancário foi bastante claro, realista: «Não tenho ilusão de que nós, trabalhadores, tenhamos condição a curto ou mesmo médio prazo, de conquistar as condições básicas necessárias para a melhoria de nossa vida, com o grau de mobilização que temos hoje. E preciso, portanto, ter capacidade para negociar sem cooptação. É hora de o movimento sindical ter uma postura digna: não se curvar a ninguém, mas ter a flexibilidade suficiente para conseguir melhorar as condições de vida dos trabalhadores. Isso é fundamental. Para conseguir isso, conversáramos até com o diabo».

Ele acha que ninguém pode se colocar, a priori, contra um diálogo. Mesmo porque, os próprios trabalhadores vêm propondo uma conversa direta há anos. «Nós, do movimento sindical em geral, acabamos de levar uma paulada. O governo tem um cajado: bate na hora que

quer bater, e agora joga um balde de água fria na gente. Nós percebemos que o cajado está em cima da mesa ou escondido sob ela. Mas... enfim, embora tardia, surge essa iniciativa que, de qualquer modo, reconhece a força e a representatividade dos sindicatos, especialmente os dos grandes centros industriais».

A negociação, porém, só acontecerá se os trabalhadores tiverem uma prova da sinceridade de propósitos do governo, conforme explica Olívio Dutra: «Teria que haver um acordo preliminar mínimo. Só poderemos negociar obtendo a normalização da vida sindical do país, o que vem a ser a extinção de todas as intervenções do governo nos sindicatos. Além disso, queremos uma harmonização do instituto do FGTS com a estabilidade dos trabalhadores nas empresas. Depois disso é que discutiríamos o salário-desemprego. E, por fim, a revogação da lei de greve. Provavelmente, outros companheiros terão outras questões preliminares, mas acho que essas três são essenciais. Depois de conseguir isso, poderemos discutir tudo».

Segundo informações de Brasília, além de criar o

salário-desemprego, o governo estaria disposto a alterar a CLT, no sentido de impedir a rotatividade de mão-de-obra, e também a garantir reajustes semestrais acima dos índices inflacionários.

Tudo isso, em troca de uma trégua de até 2 anos nas greves. Olívio Dutra comenta que, de qualquer forma, para aceitar as propostas do governo, os líderes teriam de consultar as suas bases.

Aceitar o diálogo, segundo Olívio Dutra, não significa que as condições de reivindicação e luta dos trabalhadores tenham-se esgotado. Pois, como ele diz, todo o trabalho de organização do movimento operário não visa apenas às greves, mas a dar uma representatividade aos trabalhadores. Dar-lhes organismos dignos, consistentes: «O movimento sindical está passando por uma profunda autocritica. Não podemos fechar os olhos e nos atrairmos contra o regime, assim cegamente. O que se está discutindo é a diversificação das formas de combate, e a crítica correta ao aventureirismo: estamos tratando de fazer o trabalho médio, mas permanente, constante, da organização dos trabalhadores. Temos que fazer o trabalho de formiguinhas, humildemente».

## Com quem Delfim falou

O ministro do Planejamento, Antônio Delfim Netto, e o deputado Almyr Pazzianotto conversaram longamente em meados de outubro passado, em São Paulo, na sala de estar de uma residência particular. Era uma tarde de sábado, e eles tomaram café e água. Naquele momento começaram as conversações preliminares para uma negociação mais ampla entre o governo e líderes sindicais mais representativos. Objetivo do governo: uma trégua de dois anos nas greves. Já na conversa com Pazzianotto, Delfim Netto adiantou algumas das vantagens oferecidas em troca: aumentos acima da taxa inflacionária;

criação do salário-desemprego; medidas contra a rotatividade da mão-de-obra, garantias de não-interferência por parte do governo nas negociações entre patrões e empregados sobre aumentos calculados com base no índice de produtividade.

Pazzianotto, deputado estadual pelo MDB, 43 anos, amigo pessoal de Lula e de outros líderes operários, tem larga experiência sindical e é advogado de dois sindicatos metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, e de São Paulo, e da Federação dos Químicos de São Paulo e Santo André.

### TRIBUNA LIVRE

## A vitória política do nada

OSMAR MENDONÇA\*

Nesta mesma Tribuna Livre, dia 10 passado, o companheiro Salvador Pires, presidente da FNT, publicou um artigo — A Greve foi uma vitória — onde analisa a recente greve dos metalúrgicos de São Paulo e Guarulhos. Diz que «ainda que não tivessem conquistados as suas reivindicações econômicas, no plano político colheram-se os melhores frutos: cresceu a consciência aumentou a organização, desmoralizou politicamente a nova formulação de imposição salarial, apontou quais os feroces inimigos dos trabalhadores».

A ser verdadeira a análise do companheiro Salvador, greve de São Paulo foi uma vitória política maior do que qualquer liderança sindical poderia imaginar, com o único sendo de que os metalúrgicos não conse-

guir nada quanto às reivindicações que levaram a categoria à greve, principalmente os 83% do aumento sobre a data-base de novembro do ano passado.

Tem alguma coisa errada nessa análise da greve. Parece-me que o companheiro Salvador considerou de forma ligeira o fato dos metalúrgicos não terem conseguido nenhuma das reivindicações pelas quais foi iniciada a greve. Na linha do que propõe o companheiro João Pires, de João Monlevade (MG), em artigo também nesta Tribuna Livre, é mesmo necessário refletir e rever algumas posições. Refletir sobre os objetivos do regime quanto ao movimento sindical e sobre quais devem ser as respostas e os objetivos do movimento sindical para enfrentar o regime. Rever a posição que sempre está

disposta a ir para o confronto para as provas de força — sem ter as mínimas condições para isso.

Se o regime e os patrões foram pegos de surpresa nas primeiras greves, no ano passado, de lá para cá eles não pararam de se preparar para enfrentar os novos movimentos grevistas, inclusive através de uma crescente unidade patronal. Na ofensiva do regime e dos patrões contra o movimento sindical, ao lado da intensificação da repressão às greves que nos últimos meses já custou a vida de alguns companheiros, veio a nova política salarial que é, sem dúvida, a ponta de lança desta ofensiva. Se nós entendemos que a grande questão política para o movimento sindical hoje, a que mais tem mobilizado os trabalhadores, são suas

reivindicações e lutas econômicas, é claro que a nova política salarial do regime é o meio que ele quer utilizar para esvaziar o movimento sindical. E até agora o movimento sindical quase nada fez contra essa política salarial, agora a mobilização de algumas lideranças que foram a Brasília protestar, mas que não tinham atrás o respaldo e a mobilização dos trabalhadores. Muitas lideranças sindicais constatarem e denunciarem que a nova política salarial é uma manobra para dividir e esvaziar o renascente movimento sindical brasileiro. Mas, infelizmente, esta constatação e a denúncia não chegaram à massa dos trabalhadores.

Quando a rever posições, mesmo sabendo da disposição de luta dos trabalhadores, temos que começar

com relação às greves. A greve deve ser consequência e expressão de um trabalho permanente organização, de discussão, de luta, dentro das fábricas e nos sindicatos. A greve de assembleia, de assembleias pouco representativas, pode satisfazer a ansia, muitas vezes justificada, de companheiros que querem ver avançar a luta de classe. Mas quase sempre é incapaz de conduzir os trabalhadores a vitórias, a conquistas, ainda que parciais. E, por maior que seja a combatividade, a disposição de luta dos trabalhadores, não há nada melhor para se fazer recuar o movimento, para demoralizá-lo e desmobilizá-lo do que uma sucessão de movimentos derrotados.

Osmar Mendonça é metalúrgico e sindicalista de São Bernardo do Campo.

**Pirelli compra a Goodrich**

A Pirelli concluiu um acordo para a compra da B. F. Goodrich, no Brasil, cujas vendas em 1978 se elevaram a cerca de 50 milhões de dólares. Ao confirmar a informação, nos EUA, John D. Ong, presidente da Goodrich, afirmou que a filial brasileira detinha apenas 5% do mercado, e a matriz chegou à conclusão de que poderia investir mais vantajosamente em outras regiões do mundo, onde o mercado de pneumáticos não é tão competitivo quanto no Brasil.

**Orquídea**  
Orequinte e o conforto do melhor hotel do litoral na praia, mais linda do Brasil.

Um empreendimento  
**Costa Verde-Tabatinga**

Rodovia Rio-Santos - Km. 14 da Estrada Caraguatuba-Ubatuba  
Reservas: 881-5345 e (0214) 22-1099

GREVE

# Os peões pararam Curitiba por um dia

MAURO MARTINS BASTOS

Curitiba parou ontem. Mais de 10 mil peões da construção civil, no segundo dia de greve, cruzaram os braços. Pela manhã, os piquetes paralisaram todas as obras da cidade. Sem qualquer liderança ou organização, foram chegando aos poucos na praça do Atlético, onde deveriam receber, às 10 horas, uma resposta sobre as negociações entre o sindicato e os patrões. Enquanto isso, desde as 8 horas da manhã, o presidente do sindicato e a comissão de greve aguardavam a presença dos empresários que não compareceram. As 10h30, o general Adalberto Massa, delegado do Trabalho, informou que os patrões não compareceriam, alegando que a greve é ilegal e que a decisão caberá à Justiça.

Incompatibilizado com a categoria, Agnaldo Ramos Forbici, o presidente do sindicato dos trabalhadores, perguntou ao general o que ele iria dizer aos peões na praça. O general disse, então, que o pedido de 80% é absurdo e ilegal. E que o sindicato deveria tentar na Justiça uma interpretação sobre se o fator de reajuste no INPC deveria ser calculado a partir do novo mínimo ou sobre o salário dos peões na data base da categoria, que foi em junho. «O senhor poderia ir lá com a gente e explicar isso para eles», sugeriu Agnaldo.

«Não posso, não sou Jesus Cristo, meu filho — respondeu o general Adalberto Massa. Na praça do Clube Atlético Paranaense, 8 mil peões da construção civil aguardavam inquietos a chegada da comissão e do presidente do sindicato, aos gritos de «oitenta, queremos oitenta». Muitos discursavam e eram aplaudidos, outros pediam calma e eram vaiados. A Polícia Federal filmava e fotografava todos que se manifestavam.

Agnaldo Ramos, presidente do sindicato, chegou e foi intensamente vaiado ao tentar falar com o auxílio de um megafone emprestado pela polícia.

«Companheiros, precisamos ter a cabeça no lugar, tem gente infiltrada querendo fazer subversão. O certo é que os patrões, numa atitude covarde, não compareceram para conversar.

Protesto geral: «Vamos para a praça Zacharias — no centro — vamos invadir o sindicato. Esse cara — o presidente — é safado, é ladrão. «Dai em diante ele não conseguiu mais falar. Tiraram o megafone da mão dele, e um dos peões gritou: «Estamos em greve, queremos 80, eles vão ter que dar».

O presidente do sindicato arrancou o megafone da mão do peão e começou um empurrão-empurrão em cima do palco do anfiteatro. O deputado Newton Friederich, do MDB, decidiu assumir o controle da situação. Propôs a todos que permanecessem no local para iniciar a votação de uma nova comissão de grevistas que, juntamente com a Comissão de Justiça e Paz, tentariam a partir das 14 horas uma mediação com os patrões.

Foram eleitos representantes das oito maiores empreiteiras da cidade. As 12h30, os peões se dispersaram, combinando retornar às 16 horas para receber uma resposta da proposta que eles estavam levando: piso de 6.500 — hoje é de 2.898. — garantia de não

punição aos grevistas e pagamento dos dias parados.

Foram enganados. A comissão de greve acabou dividida: metade ficou na praça do Atlético e a outra metade na Delegacia do Trabalho, junto à Comissão de Justiça e Paz. Os patrões novamente não compareceram. As 16 horas, ninguém apareceu para dar uma resposta aos peões. Alguns chegaram com um maço de papéis datilografados e jogaram para o alto: «Companheiros da construção civil, a assembleia para discussão do resultado das negociações fica para amanhã (hoje) às 16 horas, na praça do Atlético. Vamos nos organizar, a greve continua».

«Isso é grupo, é furado. Vamos pro centro, na praça Zacharias, vamos invadir o sindicato. Pelo menos 4 mil peões saíram correndo pela avenida Getúlio Vargas e várias ruas centrais, paralisando o trânsito, e a polícia atrás. Na praça Zacharias chegaram 2 mil. A tropa de choque aguardava. O tenente Raul Lopes pediu: «Vão para casa. A greve continua amanhã». Saíram pela Marechal Deodoro, praça Tiradentes e rumaram pela Cândido Lopes até a escadaria do Palácio Iguaçu: «Queremos oitenta, cadê o nosso?».

A guarda do palácio cercou a escadaria. Ney Braga, segundo assessor, havia se retirado, era a Hora do Brasil: 19 horas. Os grevistas decidiram retornar. Foram cercados pela tropa de choque numa operação peneirada. Fugiram pelas ruas laterais. Foram efetuadas quatro prisões. O delegado Elói Franca gritava: «Só os cabeças».

Os empresários da construção civil, ao final da tarde, divulgaram uma nota afirmando que há uma convenção salarial em vigência até 1980 que obedecerá à nova sistemática de reajustes semestrais estabelecido pela lei 6.708 de outubro de 79. E que estarão se dirigindo hoje à Justiça do Trabalho para se pronunciarem sobre as dúvidas surgidas quanto à aplicação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor — em dezembro — nos salários dos peões.

Os empresários entendem que a lei 6.708 estabelece que o provável índice de 30% do INPC deve incidir sobre os salários da categoria, vigentes na data base da convenção, em junho, quando era de 2.460 cruzeiros. E, portanto, passaria a 3.198 cruzeiros. Os trabalhadores na construção civil lembram, no entanto, que pela convenção coletiva de junho, a categoria tem direito a 5% sobre o salário, mínimo vigente — o que lhes dá 2.898 cruzeiros — e que não estariam sendo levados em conta pelos patrões. E justamente sobre este piso que eles pretendem receber o índice do INPC, o que lhes daria um salário de 3.636 cruzeiros.

O presidente do Tribunal Regional do Trabalho do Paraná, juiz Guimarães Falcão, admite que o texto da lei permite as duas interpretações. A decisão deverá ocorrer em dissídio de natureza jurídica, tal qual instaurado hoje, à margem do conhecimento da maioria dos peões que ainda sonha obter 80% de aumento.

## Uma nova ameaça nos canaviais

Uma nova greve pode atingir a zona canavieira de Pernambuco. Agora, no setor industrial. Os trinta e cinco mil trabalhadores na indústria do açúcar do Estado aguardam até amanhã uma resposta favorável a sua reivindicação de 30% de reajuste salarial este mês. Caso isso não ocorra, poderá decretar greve em assembleia marcada para domingo.

Os trabalhadores estão revoltados com os patrões, que prometem e não cumprem. O presidente do sindicato, Benedito Arcaño

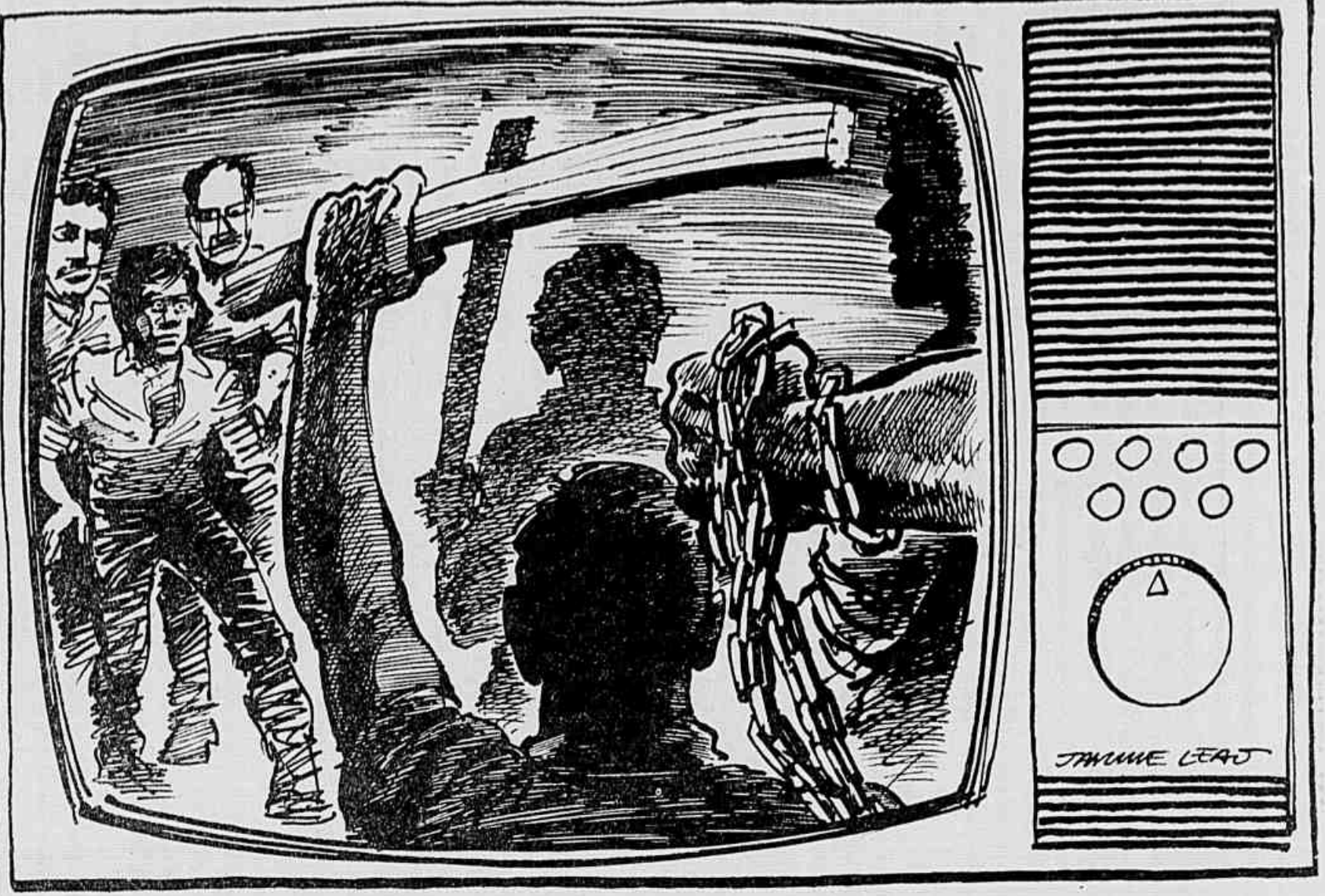
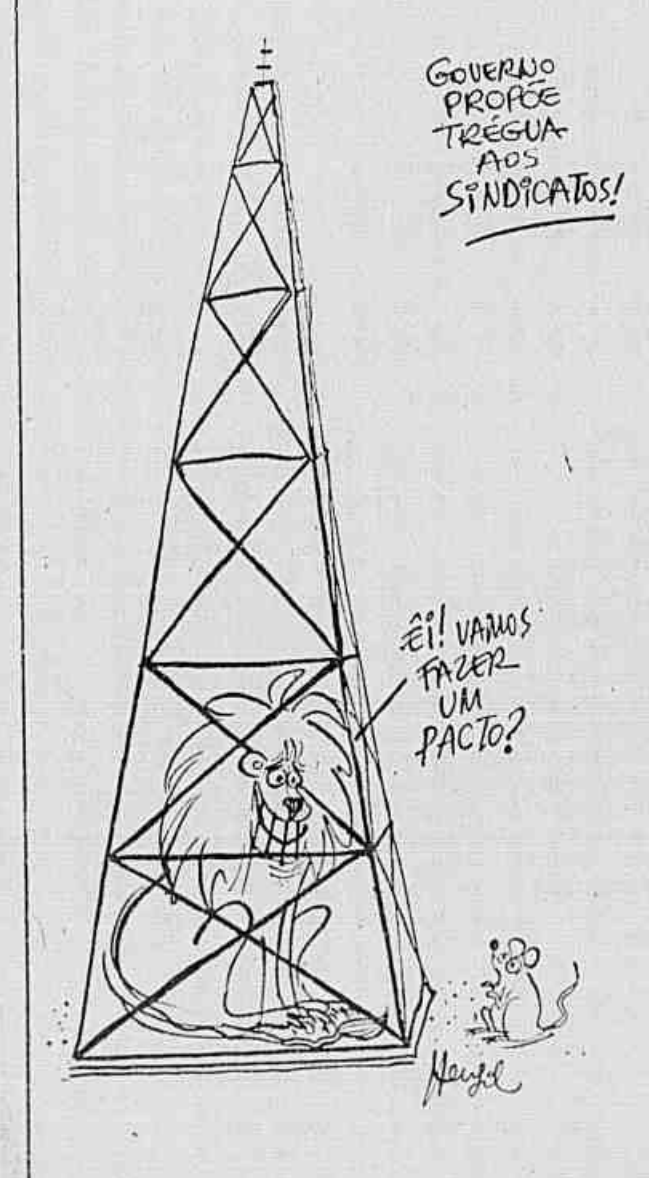
da Silva, procura manter contato com os usineiros e com o delegado regional do Trabalho, Alexandre Kruse, no sentido de encontrar uma solução para o problema, pois os trabalhadores estão conscientes de que somente com uma greve conseguirão que os patrões paguem o reajuste firmado em junho entre patrões e empregados.

O dissídio coletivo dos trabalhadores na indústria do açúcar ocorreu em junho. Naquela ocasião, os empregados, além da conquista do aumento de 60%, desejavam

dois reajustes automáticos, de 20% cada um, nos meses de setembro e janeiro. Como contra-proposta, os usineiros ofereceram um acordo de cavalheiro, no sentido de que, a cada aumento de preço da tonelada de cana fixado pelo governo, corresponderia um reajuste nos salários dos empregados. Ocorreram dois aumentos — em níveis superiores aos 50%. Os patrões estão silenciosos. E os trabalhadores estão dispostos a ir à greve, caso o acordo de cavalheiro não seja cumprido pelos usineiros. (Ricardo Ribeiro de Carvalho)

### Um acordo, e acaba a greve dos cegonheiros

Um acordo firmado com as empresas transportadoras pôs fim, ontem, à greve que os cegonheiros da região do ABC, em São Paulo, vinham mantendo há seis dias. Pelo acordo, os cegonheiros vão receber 35% do valor bruto do frete que consta da nota fiscal, em distâncias até cem quilômetros, 75% entre cem e mil quilômetros e 71% daí em diante. Além disso, as empresas comprometeram-se a não punir motoristas que participaram do movimento, e ficou estabelecida a criação de uma comissão permanente, composta de representantes dos dois lados, para a discussão das demais reivindicações dos cegonheiros, entre elas um contrato de trabalho e um seguro de vida pago pelas empresas.



CHACINA

# Matão imita a tevê. E lincha

À noite, viu Carga pesada. De manhã, justicou o assassino de um motorista

JARBAS CUNHA

Nervosos, os moradores de Matão — uma pacata cidade de 50 mil habitantes, apesar do pomposo título de «a capital industrial da Alta Araraquarense» — acompanharam, antemão à noite, as violentas cenas de linchamento mostradas na série Carga Pesada, da tevê Globo. Ontem, parte deles, por volta das 8 e 45 da manhã, repetiu o script ao vivo. E, nas mesmas condições em que morreram os vilões que tentaram incriminar os heróis da tevê «Bino» (Stênio Garcia) e «Pedro» (Antônio Fagundes), no emocionante episódio, também morreu José Dias, o marginal Tuim, de 17 anos de idade.

Com o pescoço envolto numa corrente, da mesma forma como aconteceu na televisão, ele foi arrancado da sala de testemunhas do Fórum pela multidão enfurecida, de mais de duzentas pessoas, lideradas por dois filhos do motorista Evaristo de Abreu, assassinado na madrugada de domingo por Tuim e seu irmão Carlos Eduardo Dias, o Parafuso (28 anos e uma extensa ficha policial). Os dois policiais que o escoltavam, ontem, no Fórum, ainda tentaram deter a multidão, dando alguns tiros para o alto, mas não foram sequer notados. Tuim foi levado para fora, socado, jogado contra uma parede, pisoteado — aos gritos de «confessa, confessa» — e a multidão só se satisfaz quando o menor já estava inconsciente e todo arrebatado. Ainda assim, houve uma tentativa de salvá-lo. Ele foi

levado para a Santa Casa local, mas seu estado era tão grave que os médicos recomendaram a transferência para Araraquara. Tuim, porém, não suportou a viagem e morreu no caminho.

Depois, a cristã e hospitaleira Matão voltou à sua tranquilidade habitual. Não havia resquício de remorso ou piedade. Para todos, mesmo os que não participaram do linchamento, a morte do marginal nada mais representava que um ato de justiça. A naturalidade com que os moradores receberam aquelas cenas de violência era tão grande que chegava a espantar o próprio delegado José Benedito Júlio, veterano homem da lei que iniciou a carreira policial na Força Pública: «Coisa igual a essa, eu só vi em 1960, quando era comandante do destacamento da PM de Catanduva e minha casa foi invadida, por causa de um problema com a empresa de energia elétrica. Até parecia um enxame de abelha africana. E quem é que consegue conter uma multidão enfurecida? É a mesma coisa que o estouro de uma represa». Benedito Júlio se vangloria de sua campanha contra os tóxicos na cidade, «que também se espalha para todo o Brasil», e garante que ainda vai descobrir os líderes da chacina: «Para a polícia — filósofa — nada é impossível. Até milagre nós fazemos».

Preocupado com a imagem da cidade, o vice-prefeito João Fecchio (que responde interinamente pela prefeitura,

devido a uma enfermidade do prefeito Laerte José Taralo Mendes) reuniu os jornalistas em seu gabinete: «O que aconteceu hoje — disse — prova que alguma coisa está errada. O povo deserdá da Justiça e sua revolta dá no que deu. Evaristo era um homem muito querido, trabalhador, honesto. Lamento que a violência tenha acontecido em Matão, mas talvez seja até bom para livrar-nos da onda de assaltos que vêm ocorrendo. Nossa delegacia está em condições precárias e a polícia luta com dificuldades materiais. Não sei se a Justiça falhou, mas que alguma coisa está errada, está».

O povo se arma porque coíve com marginais e acaba aprendendo a se defender».

Mas por muito tempo, certamente, a Matão da festa de Corpus Christi e tão decantada nos versos de Raul Torres também será lembrada por este linchamento. E tudo começou no fim da noite de sábado, quando os irmãos Tuim e Parafuso foram ao ponto de táxi da estação rodoviária, e contrataram o velho Evaristo (64 anos, pai de quatro filhos maiores) para aquela que seria a sua última corrida.

Enteado de Antonio Brandão, cozinheiro do restaurante da rodoviária e descrito pelo patrão como alguém que «não merece passar pelo que passou», os dois irmãos há muito tempo conheciam o motorista. Tanto que Evaristo não precisou discutir muito para acertar logo o preço da

corrida até uma cidade vizinha.

Quatro quilômetros depois de iniciada a viagem, entre tanto Parafuso alegou «precisar fazer necessidades fisiológicas», conforme consta do depoimento dos marginais na delegacia de Catanduva. Evaristo parou o carro e deixou os faróis acesos. Foi quando Tuim, mais do que de depressa, envolveu o motorista numa gravata, apertando seu pescoço até asfixiá-lo. Teve início, então, uma autêntica sessão de selvageria, com o velho (descrito por colegas como de compleição franzina) sendo massacrado a socos e pontapes. Os marginais despiram-no, roubaram uma importância pouco superior a 3 mil cruzeiros e deixaram o corpo — nu e mutilado — abandonado na estrada.

Domingo pela manhã, quando o cadáver foi descoberto, começou a romaria até o local, e a revolta foi crescendo em cada um, acirrada pela visão da barbaridade cometida. Imediatamente, teve início a caçada policial, que não demorou muito. O táxi abandonado em Taquaritinga foi o primeiro indicio. Dessa cidade, acompanhados de mais um marginal, José Carlos Alves, eles seguiram num táxi alugado para Catanduva, onde assaltaram uma mulher na zona do meretrício e acabaram presos.

Em Catanduva, mesmo, apertados pelos policiais, eles confessaram o crime e escaparam de uma primeira tentativa de linchamento.

Para protegê-lo, a polícia, levou-os para Araraquara. Enquanto isso, em Matão, a casa de Antonio Brandão, o padrasto dos dois irmãos, era apedrejada por uma multidão, ainda insaciada em seu desejo de vingança. A solicitação do juiz Ricardo Moreira Rebelo para ouvir Tuim em Matão, e mais a aula de linchamento dada por Carga Pesada acabaram sendo os ingredientes finais da tragédia. Quando a notícia da presença do menor na cidade se espalhou, os ânimos da população já estavam devidamente preparados para fazer justiça a qualquer custo.

Os antecedentes recomendavam prudência ao juiz. No dia 2 de janeiro deste ano, Luis Carlos Batista, servente de um circo, estuprou uma menor, e só escapou com vida porque naquela vez a proteção policial foi eficiente. Mesmo assim, e desprezando o conselho de um escrívão, de requerer escolta especial, o juiz convocou Tuim para prestar depoimento em Matão, o que pareceu muito estranho para várias pessoas na cidade.

Agora, espera-se pelo depoimento que também deverá ser prestado por Parafuso e pelo que poderá acontecer com ele quando chegar a Matão. Pois embora o padre Anador Romão (que chegou a dar a extrema-unção para Tuim) procure acalmar os ânimos, apelando para o sentimento cristão de todos, ainda há muitas pessoas pensando em dar-lhe uma «recepção especial».

ADULTÉRIO

# Garcia foi achar a mulher com o coronel

Movido por violento acesso de ciúmes, quando soube, ontem, por denúncia telefônica de alguém que não quis se identificar, que estava sendo traído pela sua mulher, o promotor público, Edson Garcia, não teve dúvidas: convocou vários policiais e invadiu um luxuoso motel, localizado no Ipiranga, onde estava de fato, sua mulher Regina. Acompanhada simplesmente um coronel do Exército, Adélcio Victor de Albuquerque. Com as testemunhas, o promotor, revoltado, rumou para o 6º Distrito Policial, no Cambuci, onde Regina Garcia, de 35 anos, foi autuada em flagrante de adultério pelo delegado Custódio Sampaio.

Argumentando tratar-se de questão «estritamente pessoal», o delegado impôs «absoluto sigilo» ao processo e recusou-se a prestar qual-

quer informação sobre o caso. A história, entretanto, não só vazou para a imprensa como trouxe à bila velhas discussões em torno da fidelidade conjugal e de toda uma legislação que, para muitos, só favorece ao homem. De fato, com o flagrante efetuado, ontem, na delegacia, Regina além de ficar sem uma pensão, como seria o caso de um divórcio amigável, perderá o direito sobre o filho do casal, um menino de 6 anos de idade. Essa, aliás, teria sido — passado o acesso de ciúmes — a razão pela qual o marido insistisse em levar a esposa até a delegacia, mesmo desaconselhado pelos amigos que falavam de uma «repercussão negativa».

Soubese que, logo depois de ter chegado do Rio de Janeiro, onde é professor de História do Colégio Militar, Adélcio Victor de Albuquerque,

que, coronel da Reserva, entrou em contato telefônico com a mulher do promotor, em sua residência na Aclimação.

Eles já se conheciam provavelmente há muito tempo do Rio, onde Regina residia antes de casar-se com Edson há oito anos. Depois de passar a tarde com Regina, no luxuosíssimo hotel Snob's, à avenida Ricardo Jafert, pagando 1.500 cruzeiros, o coronel deveria voltar ao Rio de Janeiro. Não esperava, contudo, ser surpreendido pelo rival no interior do próprio quarto. Há dúvidas ainda quanto ao modo como o promotor chegou ao endereço certo. Solidários, alguns amigos, no entanto, perguntavam até que ponto o promotor tinha direito de invadir a privacidade da esposa.

PÂNICO

# Em Salvador, assalto à carioca

Violência chega à classe A

Um crime revolta Salvador. E deixa a classe média local tão assustada com o futuro que, ontem, A Tarde, o mais tradicional jornal da Bahia, anunciava que grupo de senhoras já pensa em fazer passeata «exigindo das autoridades providências energéticas para acabar com a onda de assaltos». A média diária é de 1,5 assaltos, confirma a própria polícia — mas, se é desprezível em relação ao Rio e a São Paulo, em Salvador surpreende. E o mais recente motivo da indignação e dos comentários que tomaram conta da cidade, ontem, foi a morte da psicóloga Lúzia Costa Correia, 40 anos, quatro filhos menores, casada com um dos mais famosos psicanalistas baianos, Carlos Pinto Correia.

Lúzia tomava aulas de inglês num apartamento da

Barra, bairro de classe média alta, na orla marítima. Dois jovens bem vestidos tocaram a campanha e se disseram entregadores de uma firma. Assim que a porta foi aberta, um deles sacou do revólver. «Eram jovens, cabelos cortados, uns tipos simpáticos, não pareciam marginais», contou, depois, a professora, Nair Cunha Costa. Os assaltantes pegaram mil cruzeiros e as chaves do Opala da psicóloga e do Fiat da professora, estacionados na garagem. A psicóloga ameaçou gritar e recebeu um balcão no peito. Morreu a caminho do hospital. Ocorreu às nove horas da manhã de terça e ontem a polícia baiana, ainda atarantada com o inusitado do assalto classe A, só tinha como pista vagas impressões digitais encontradas no Fiat abandonado.



23 DE MAIO

As vias expressas também não resolveriam o problema, e poderiam arrasar boa parte da cidade

SÃO PAULO

# O trânsito está mal? Anime-se, pois ele vai piorar

O próprio diretor do DSV reconhece que a situação não vai melhorar nos próximos anos. Mas insiste em manter o otimismo e fala dos avanços que conseguiu, rejeitando a palavra caos

ANTÔNIO CARLOS GUIDA

O trânsito de São Paulo é ruim? Os que pensam assim tratam de se conformar e se habituar com o confuso tráfego da cidade. Pois nem mesmo o diretor do Departamento de Operação do Sistema Viário, José Roberto Salvador Scaringella, tem ilusões: ele reconhece que a situação não deverá melhorar nos próximos anos e que episódios como o dos últimos dias, em que um simples buraco de seis metros engarrafou a cidade inteira, podem repetir-se no futuro. Mas não aceita, contudo, a classificação de caótico para o trânsito de São Paulo: "Ele não é diferente das grandes cidades do mundo, como Tóquio ou Nova Iorque, onde o metrô é realidade há muito tempo".

Aliás, uma das coisas que faz Scaringella se irritar são as críticas sistemáticas que seu departamento recebe, responsabilizado por todos os engarrafamentos que acontecem na cidade: "O malho sempre vem em cima do diretor de trânsito, quando, na verdade, ele não tem culpa da maioria das coisas que acontecem", justifica Scaringella. E lembra que em São Paulo existe uma média de 4.750 valas abertas diariamente pelos serviços públicos de água, esgoto, gás ou telefone, que podem tudo, desde abrir uma pequena rua da periferia a interditar, pura e simplesmente, a praça da República.

Se todos os carros saíssem juntos para as ruas, seria o caos

Só isso não explica os sucessivos engarrafamentos. O problema é, sobretudo, físico. Existem hoje em São Paulo, mais de 1,5 milhão de veículos em circulação e a cada dia somam-se mais mil veículos a essa frota, 41% maior que a de quatro anos atrás. Em contrapartida, o sistema viário cresceu apenas 2,7% no mesmo período, passando de 2.435 para 2.503 quilômetros de ruas e avenidas. O que significa pura e simplesmente que não haveria espaço para tanto carro, ônibus e caminhão se todos resolvessem sair ao mesmo tempo nas ruas, explica Scaringella.

Apesar dessas constatações alarmantes, ele ainda se mantém absolutamente convicto de que a batalha contra o trânsito de São Paulo não esta perdida. Muito pelo contrário. Ele julga que com a crescente importância do papel da CET - Companhia de Engenharia de Tráfego - que dá assessoria ao DSV e que já está sendo consultada sobre as prioridades das obras viárias da cidade, a situação tende a melhorar e muito. Para lastrear sua convicção, ele mostra os resultados satisfatórios de todos os projetos implantados pelo DSV. Os 60 quilômetros de faixa exclusiva para ônibus permitiram que, em al-

guns casos, os coletivos economizassem cerca de 90% de tempo em suas viagens. O Comonor, que obriga os ônibus a andarem em comboios, recolhendo mais passageiros, e, ao mesmo tempo, agilizando a operação, como o da avenida Nove de Julho e da Celso Garcia, são outras maneiras de reduzir, ao menos, os efeitos do excesso de veículos. Isso sem contar as 6 mil implantações que o DSV fez no ano passado, trocando semáforos de local e aplicando 26 mil prismas de concreto, além das placas de sinalização de rua e modernização de todo o sistema. "Investimos mais de 100 milhões de cruzeiros nessas intervenções, que dão grande rendimento ao tráfego", diz Scaringella.

As vias expressas arrasariam a cidade e não dariam solução

Mas os motoristas e pedestres, de modo geral, querem saber de resultados a curto prazo. Isso, para Scaringella, é uma tarefa ingrata. "As pessoas não compreendem que com a verticalização da cidade, a situação tende a piorar e que, se fosse implantado o grande sistema de malhas expressas, no qual teriam de ser construídos 400 quilômetros de vias, uma boa parte da cidade seria arrasada transformando-se em grandes vias e áreas de estacionamento. Estava em jogo a própria vida da cidade", explica. Além disso, os enormes recursos que seriam necessários terminariam por inviabilizar a malha



BRIGADEIRO

Um dos pontos críticos de um sistema quase caótico

toda antes mesmo de ser iniciada. "Temos de criar soluções baratas e rápidas. É evidente que não estou querendo substituir os viadutos ou o próprio metrô, mas é importante saber que vale mais usar uma técnica para cada caso. A panaceia universal não existe, em termos de trânsito".

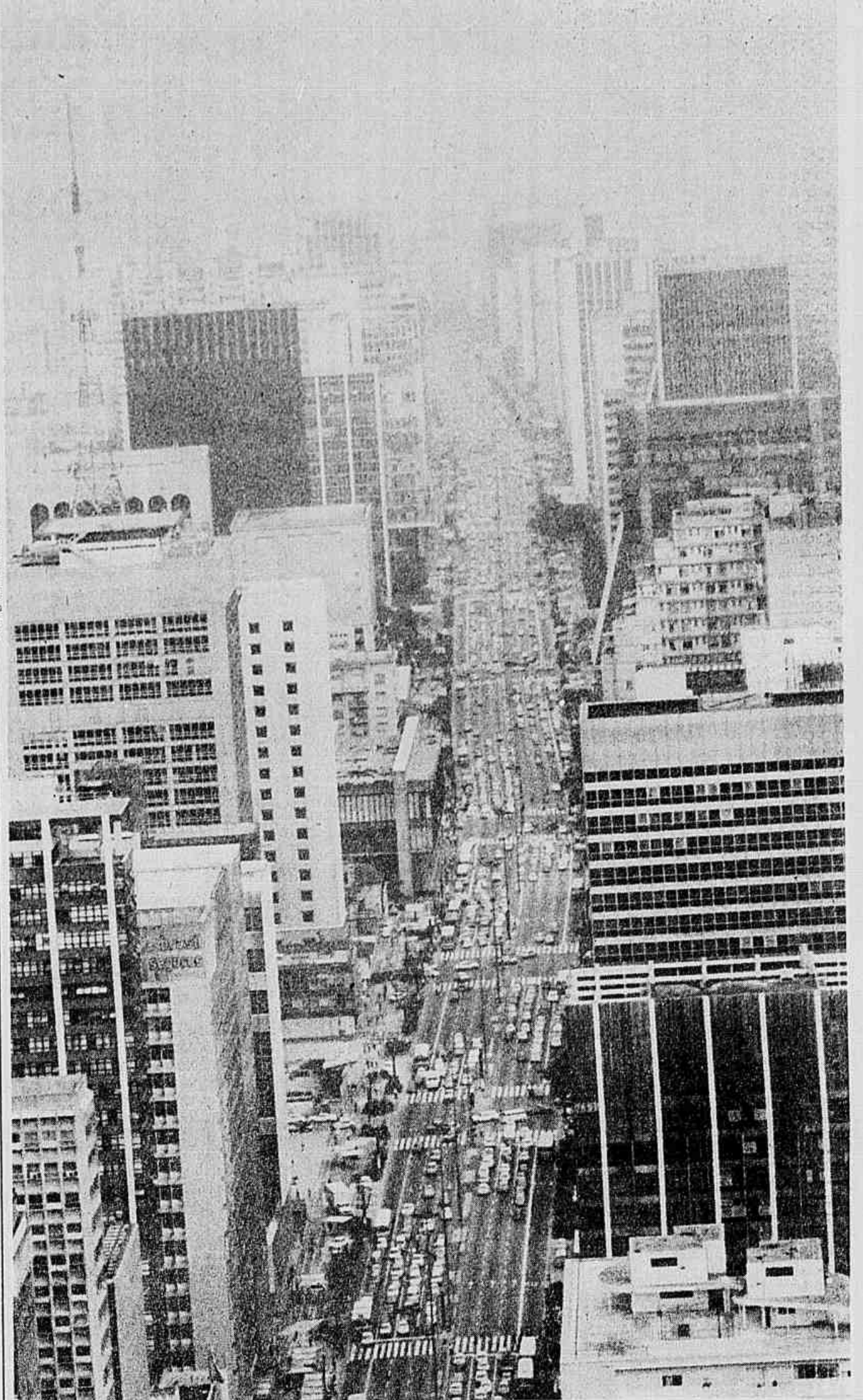
O diretor do DSV exemplifica com a praça Armando Salles de Oliveira, no Ibirapuera, onde, depois de uma série de estudos, concluiu-se que a solução seria mesmo construir um viaduto para acabar com os congestionamentos na avenida Brasil e Brigadeiro Luis Antônio. Mas no fim, apenas com o remanejamento do fluxo de tráfego, canalizando corretamente o trânsito que desemboca de cada uma das avenidas, os congestionamentos acabaram.

São essas constatações que levam Scaringella a crer que não adianta ter apenas dinheiro, mas homens, para resolver o trânsito. "Para se dirigir o trânsito numa cidade como São Paulo é preciso ter dinheiro sim, mas, principalmente, dispor de recursos humanos". Assim, já adotou a tática de colocar observadores nos topos de edifícios localizados nas principais vias de tráfego da cidade. Munidos de binóculos e rádios transmissores (ligados diretamente a uma sala de computação do DSV), esses funcionários solicitam auxílio de policiais ou engenheiros de tráfego e permitem que o DSV interfira antes que tudo se congestionue. "Numa avenida como a Nove de Julho, se um carro ficar parado durante dez minutos na pista para trocar um pneu, surge um congestionamento que não levará menos de uma hora para se desfazer", diz Scaringella.

Se não for otimista, melhor mudar de cidade, diz Scaringella

Com 2700 policiais nas ruas, divididos em três turnos e um batalhão de engenheiros que comparecem pessoalmente aos locais mais críticos, o DSV pretende pelo menos amenizar os problemas de tráfego da cidade, já que não pode solucioná-los. Como lembra seu diretor "nós não coordenamos nada, não construímos nada e levamos todo o malho".

Foi o caso da marginal do Tietê, que ontem foi finalmente liberada ao tráfego. "Nós não podíamos fazer nada no caso, porque não existem alternativas no local", defende-se ele. "Apenas podíamos aconselhar o pessoal a evitar o local". Uma impotência que não chega a assustá-lo. Como afirma, "quem pensa em viver em São Paulo ou se torna um otimista, ou muda de cidade".



AVENIDA PAULISTA

Exemplo da saturação: em quatro anos, o sistema viário cresceu 2,7% e o número de veículos, 41%

## O calmo administrador do nosso caos

Fala mansa, gestos calmos e pausados, o engenheiro José Roberto Salvador Scaringella, 39 anos, não parece o diretor do caótico trânsito da cidade de São Paulo. Além do mais, detesta dirigir. Só pega na direção por obrigação. Um cargo que ele pegou quase que por acaso, já que é formado em engenharia civil pela Escola Politécnica de São Paulo. Em 1968, depois de trabalhar como recém-formado em um escritório de planejamento, Scaringella foi dirigido núcleo de planejamento de tráfego para o Metrô. Era a primeira vez que se usava computadores para a análise de qualquer espécie de tráfego no país, criando os sistemas integrados de ônibus, entre outros. E assim, como não existem no Brasil cursos de graduação em engenharia de tráfego, o núcleo do Metrô passou a funcionar como uma verdadeira escola prática para quem se interessava pelo assunto.

Foi essa experiência que lhe garantiu o convite para dirigir, pela primeira vez, o DSV, em 1973. Uma passagem efêmera, de apenas oitenta dias, pois logo se deu a troca de governador e Scaringella espirrou do cargo. Instalou-se em Brasília, como assessor do ministro dos Transportes, até 1976, quando voltou com carga total para a direção



SALVADOR SCARINGELLA  
O diretor do trânsito que detesta dirigir

do DSV. Trouxe consigo todos os técnicos que trabalhavam no Metrô e iniciou uma autêntica revolução na empresa. Revolução que lhe valeu muitas críticas, principalmente há três anos, quando intensificou a repressão aos infratores de trânsito. Mas que lhe valeram, também, reconhecimentos de competência. O maior deles foi sobreviver ao expurgo que normalmente se sucede a cada troca de governo. Scaringella foi um dos poucos presidentes de empresas do governo a

ser mantido no cargo pelo governador Paulo Maluf.

Confessando-se um apaixonado pelo assunto trânsito, ele trabalha mais de doze horas por dia em

seu escritório ou na rua, onde faz questão de acompanhar de perto os problemas que surgem no dia-a-dia. Sua grande distração são os fins de semana passados em Ilhabela. Convicto de que o trânsito de São Paulo não melhorará ou piorará apenas com o desempenho do diretor de trânsito da cidade, ele julga que é indispensável a participação de toda a população em todas as decisões a serem tomadas nessa área. E dá um exemplo: há seis anos, antes da crise do petróleo, seria mal recebida e, provavelmente, fracassada, a tentativa de fechar-se o centro da cidade para a circulação de veículos. Hoje, com a conscientização da população sobre o drama que se avizinha, a medida foi bem sucedida por ter sido compreendida pelos motoristas. Indiferente, ele não se preocupa com a possibilidade de vir a ser substituído, um dia, no cargo. Afinal, como diz, "todo homem público deve conhecer as regras do jogo e saber que, a qualquer hora, pode ter que mudar de lugar".

**livraria summus**  
CIÊNCIAS HUMANAS  
LITERATURA  
LIVROS NACIONAIS E IMPORTADOS

BARÃO DE ITAPETININGA, 140  
LOJA 4 - TEL. 34.0739 - SP

**LIVRARIA MANDURI**  
Livros Nacionais  
e Estrangeiros  
Livros de Arte  
e Pockets  
Peca p/ telefone!

Rua da Consolação 323  
Fone: 256-9610  
CEP 01301 São Paulo,



PAULO DUARTE

Uma disposição que dois exílios e um AI-5 não conseguiram dobrar

PERSONALIDADE

# Paulo Duarte, o imbatível espadachim

O professor, escritor e jornalista Paulo Duarte chegou aos 80 anos com a vivacidade de quem não pretende parar antes dos 100 (\*)

JOHN POISON

A longevidade liga os seres humanos, na visão global que têm de suas existências e no julgamento da história, sobretudo, quando sobre ela agiram. É o caso de Luis Carlos Prestes, com 82 anos; de Gregório Bezerra, com 80; de Mário Pedrosa e Livio Xavier, ambos com 79 anos; e é o de Paulo Duarte, que completa 80 anos com imbatível vivacidade. Sua biografia se escreve passo a passo com a batida do roteiro percorrido pela classe dominante brasi-

leira e sobretudo paulista, durante quase um século de erros e acertos, mas da qual emergiu sempre vitoriosa, trocando de aliados, de sócios e de comparsas, de instrumentos e de adversários, mas triunfante, se freqüentemente obrigada, para sobreviver a misturar o seu sangue com o dos italianinhos e turquininhos da terra. Paulo Duarte foi a um tempo militante político democrata, com certas simpatias socializantes, jornalista polêmico e ou-sado, freqüentemente to-

mado como espadachim quixotesco; é aliás o que lembra sua figura: altura mais para alta do que média, magro, os cabelos erizados, o rosto afilado, as mãos delicadas, o olhar vivo. Tão magro quanto era na juventude, o que o levava, como narra num dos primeiros volumes de suas caudalosas memórias (em dezembro se edita o décimo volume delas), a usar bengala, para defender-se das agressões de que era freqüentemente vítima, conservando assim a audácia e a agressividade, atributos da sua coragem. Escreve ainda, abundantemente, artigos para jornais, além das memórias (ele passa e repassa episódios de sua existência, intercalando fatos de uma década com acontecimentos da infância, episódios históricos com eventos da juventude, e assim por diante). Há pouco, produziu uma série para a Folha de S.Paulo, a propósito do julgamento de Doca Street, que tomou como mote para retratar a sociedade, os ricos e seus vícios, que vê realmente como vícios.

Sua visão do mundo, à qual, nunca faltou a compaixão, é a de um homem de origem pequenoburguesa, apesar de ligado indiretamente à riqueza e mergulhado a fundo nas lutas regionais,

de seu Estado, e envolvido até a medula com uma poderosa família da imprensa, os Mesquita, de cujos descendentes divergiram, na sucessão do poder dentro da redação de O Estado de S.Paulo. Mas um homem que soube, de todo esse fragor e fúria, tirar o seu aprendizado político, que deveria levá-lo a discordar, invariavelmente, dos governos, fossem quais fossem. Viveu exilado após a Revolução de 32, na qual lutou e da qual se fez incansável padalino. Viveu mais tarde novo período de exílio, durante o Estado Novo; o primeiro passou-o na França, que via, maravilhado, pela primeira vez, mas com a qual convivera, de longe, nos hábitos e na servidão cultural. Cuidado de Sérgio Milliet, escreviam-se longas cartas, cheias de referências à cultura da época — uma cultura ousada, atrevida, inquieta, mas de elite.

O segundo exílio passou-o parte na França, parte nos Estados Unidos. Na volta, devolvido o Estado de S.Paulo a seus proprietários, Paulo Duarte assume o posto de diretor do jornal e de secretário da redação, e contrata alguns colaboradores novos, entre eles Giannino Carta, que iria dirigir o arquivo e a seção internacional e que deixaria marcas profun-

das no jornal. Afasta-se na década de 50 e vai editar a revista Anhembi, que sobrevive duramente durante uma década, lutando contra graves dificuldades. Defensor da universidade, amigo dos humildes, excelente jornalista, solidário, dono de uma memória de computador, polêmico, investigativo, foi afastado da cadeira de antropologia da USP pelo AI-5. Um dia os alunos chegaram para a aula e lá estava instalado um outro.

Mas ele atinge os 80 anos, apesar de tudo, com grande juventude. A uma amiga disse que o segredo desse adiamento da velhice está no xerez, que ele importa como pode ou ganha de amigos abonados e que conserva como um tesouro, servindo-o em doses moderadas. Seja como for, pelo xerez ou pelo que ele próprio fez de si próprio, se o deixarem, ele ultrapassará os 100 anos.

(\*) Os 80 anos de Paulo Duarte, transcorridos no último dia 17, foram festejados, ontem à noite, com um "ato cultural" promovido pela Associação dos Docentes da USP, que organizou também, para a noite de hoje, um jantar comemorativo.

FESTIVAL DA TUPI

## Hoje, a 2ª eliminatória do Festival

Para a noite de hoje, no Anhembi, a Tupi traz o talento de Alceu Valença e a insistência de Abílio Manoel

O Festival de Música Popular da Tupi prossegue esta noite, a partir das 21 horas, no Palácio das Convenções do Anhembi, com sua segunda eliminatória. Na primeira, sob protestos quase unânimes, foram classificadas: Chama, de Hilton Acioli e Joe; Dona Culpa Ficou Solteira, de Jorge Ben; Tira os Óculos e Recolhe o Homem, de Macalé e Moreira da Silva; e Canalha, de Walter Franco — um dos principais animadores da noite. Hoje, o número de estrelas presentes é menor, e praticamente se resume a Alceu Valença e Jackson do Pandeiro, que, com a música Coração Bobo, de-

verão apresentar um bom espetáculo. No mais, há alguns intérpretes conhecidos, como Cláudia, que apresentará Se Não Chover, de Cláudio Barros e Ivan Moraes, e Zé Ramalho, com Dia dos Adultos, que, tudo indica, poderá arrebatá uma das classificações. Em compensação, todos devem preparar sua dose de paciência para presenciar o renitente Abílio Manoel, que, mesmo depois de sua Pena Verde e de suas incursões andinas, continua insistindo. Desta vez, com Sol Vermelho, dele e de Odilon Escobar Filho.

## As 12 músicas desta noite:

MARIA FUMAÇA

música: Kleiton Alves Ramil  
letra: Kleidir Alves Ramil  
intérpretes Kleiton e Kleidir

Essa maria fumaça é devagar, quase parada. Oh! Seu fogueira, bota fogo na fogueira. Que essa chaleira tem que tá até sexta-feira. Na estação de pedro osório, sim senhor!  
Se esse trem não chegar a tempo, Vou perder meu casamento. Atraca, atraca-lhe carvão nessa la-reira. Esse fogão é que acelera essa ba-nheira, O padre é louco e bota outro em meu lugar.

Se chego tarde, não vou casar. Eu perco a noiva e o jantar. A moça não é nenhuma miss, Mas é prendada e me fez feliz. Seu pai é um próspero fazendeiro, Não que eu seja interesseiro, Mas sempre é bom e aconselhável Unir o útil ao agradável.

Esse trem não sai do chão, Urinaram no carvão, Entupiram a lotação E eu nem soube desse vagão. Mas, que baita confusão, Tem madame com ladrão, Empregado com patrão, Ópa me passaram a mão. Ora, vá lamber sabão!

Se por acaso eu não casar, Alguém vai ter que indenizar. Esse expresso vai a trote, Mais parece um pangaré, Essa carroça é um jabuti com chaminé, Eu tenho pena de quem segue pra Bagé. Seu cobrador, cadê meu troco, por favor? Dá-lhe apito e manivela, Passa sebo nas canelas, Seu maquinista, eu vou tirar meu pai da força! Por que não joga esse museu no ferro-velho E compra logo um trem moderno japonês?

No dia alegre do meu noivado, Pedí a mão, todo emocionado; A mãe da moça me garantiu: "É virgem, só que morou no Rio!" O pai falou: "É carne de primeira, Mas, se abre a boca, só sai besteira!" Eu disse: "fico com essa guria, Só quero mesmo é pra tirar cria!"

Esse trem não era o meu, Esvaziaram o pneu. Mas cadê esse guri? Tá na fila do xixi! Tem chiclete com tatu, Foi alguém de cangussu, Me roubaram o meu chapéu, Chama o homem do quartel, Deu enjão na mulher, Fez porquinho no meu pé.

Se por acaso eu não casar, Alguém vai ter que indenizar E é o presidente dessa tal R F F S A!

BANDOLINS

música e letra: Oswaldo Montenegro  
intérprete Oswaldo Montenegro

Como fosse um par Que nessa valsa triste se desenvolvesse Ao som dos bandolins E como não E por que não dizer Que o mundo respirava mais Se ela apertava assim seu colo E como se não fosse um tempo Em que já fosse impróprio se dançar assim Ela teimou E enfrentou o mundo Se rodopiando Ao som dos bandolins

Como fosse um par Seu corpo a valsa triste abrigava E à noite caminhava assim E como um par O vento e a madrugada Iluminavam à fada do meu botequim Valsando como valsa uma criança Que entra na roda A noite está no fim E ela valsando Só na madrugada Se julgando amada Ao som dos bandolins

TÔ QUERENDO TÁ

música e letra: Bubuska Valença  
intérprete Bubuska Valença

Tá faltando tempo Tá faltando evento Tá tudo muito lento Cheio de taratá

Tem muita poeira Tem muita ladeira E pouca lavadeira Pra roupa suja lavar

Tá faltando verde Tá faltando grana Mas tão plantando cana Para açucarar Essa vida aguada Com tanta promessa Mas ninguém tá nessa De tá e não tá

Tá faltando muito Pra se ter tão pouco Tá todo mundo louco Pra tá e não tá

Tem poucos com muito E muitos sem nada E a feliz risada Tá difícil de se dá

Mas tá tudo vivo E a esperança É uma flor criança Que quer desabrochar 'Eu não me apereiro Porque já tô cheio E o meu vasilhame Pode esborrar

Tá faltando tudo Ou será que eu tô com nada Porque minha risada Parece tá mas nunca tá

Tô querendo ver Por isso tô na estrada Querendo fazer Tô querendo tá

CORAÇÃO BOBO

música e letra: Alceu Valença  
intérpretes Alceu Valença e Jackson do Pandeiro

Meu coração tá batendo

Como quem diz não tem jeito Zabumba, bumba esquisito Batendo dentro do peito

Seu coração tá batendo Como quem diz não tem jeito O coração dos alfitos Explode dentro do peito

Coração bobo Coração Bola Coração Balão Coração São João

A gente se ilude dizendo Já não há mais coração

DIA DOS ADULTOS

música e letra: Zé Ramalho  
intérprete Zé Ramalho

Muito cuidado com a força direita Muito cuidado com a mão da esquerda Há um coringa Bem lá no meio Uma cabeça Em devaneio

E corre meio indeciso o povo E vem de novo Aquela velha e santa insegurança Há uma criança Definitiva esperança!

Há numa criança Definitiva Grande esperança!

Numa criança, definitiva, Grande esperança!

SE NÃO CHOVER

música: Cláudio Jorge de Barros  
letra: Ivan Wrigg Moraes  
intérprete Cláudia

Se não chover "Existem praias tão lindas, cheias de luz". Mas, cego de fato é o que não quer ver, ouvi dizer, E aquilo que o povo diz deve ser Se não chover A roupa do pobre não vai encolher E eu vou me fantasiar Pra ver as ondas do mar crescer. Quero ver, quero ver Quem vai mergulhar por você. Quero ver Quero ver, Quem vai mergulhar com você. Quero ver, quero ver, quero ver.

Se não chover Existem praias tão lindas Se não chover Sapato de pobre não pode furar, nem acabar E escola de samba é bonito de ver, vem ver. Se não sofrer O pão que o diabo amassou vai crescer E eu vou me fantasiar Pra ver o barco afundar de vez. Quero ver, quero ver Quem vai mergulhar por você. Quero ver, quero ver, Quem vai mergulhar com você Quero ver, quero ver, quero ver.

TODOS OS TEMPOS

música e letra: Celso Viáfóra  
intérprete Eduardo Conde

De toda parte Todas as pontes Todas as preces que há Todas as bocas Todos os braços Todas as formas que há

E fomentar E fugitar E fabricar E trabalhar Todas as forjas Todas as máquinas A todo tempo De qualquer jeito Qualquer meio Toda força Nessas mãos Todos os tempos!

De todo canto A todo custo Todas as coisas que há Todos os corpos Todas as docas Todos os dedos que há E praticar E provocar E preparar E trabalhar As ferramentas Todas as fábricas A todo tempo De qualquer modo Todo jeito Cada gesto Nossas mãos Todos os tempos!

Nossa força é mais Junta Juntos todos nós

Tanta vida e mais Juntos Todos

Então é que seria E todo fim do dia O pão que nos sacia Fosse o máximo Fosse o hábito Todos nós Sim!

Todos os tempos!

SABOR DE VENENO

música e letra: Arrigo Barnabé  
intérpretes Arrigo Barnabé e Neusa Pinheiro

Você já viu aquela menina que tem um balanço diferente? Se você viu e reparou, ela tem um jeito de sorrir, De falar, De olhar, Que me deixa louco

Não sei se ela veio da Lua ou se veio de Marte pra me capturar Só sei que quando ela me beija eu sinto um gosto (Uma coisa estranha, um negócio esquisito) Meio amargo do futuro Sabor de veneno Sabor de veneno Sabor de veneno

SOL VERMELHO

música: Odilon Escobar Filho  
letra: Abílio Manoel  
intérprete Abílio Manoel

Pé de samambaia ao vento Dobradilha da porteira Passarada, andorinha, clareou... Lenha acesa e café.

Verde dos teus olhos verdes Espalhado na colina Ouro no cabelo Pele de algodão Na boca um sol vermelho

Vida Rompendo o silêncio Alvorada

O trem, a estrada E lá vou eu Lembrando...

CONTRADANÇA

música: Cássio Tucunduva  
letra: João Luiz Marinho de Magalhães  
intérprete Maria Thiago

Calar toda essa história Mal contada Varar uma porteira mal cerrada Plantar na cordilheira um feitiço E agarrar no nevoeiro Tudo isso Que é só isso do que resta De esperança Soprar a cinza da fogueira Mal vivida E acender numa noite Mal dormida A lenha mal criada A mais louca brincadeira de amor E criança correr na dianteira No calor da contradança.

GRANDE CIRCO UNIVERSAL

música: Thomas Roth  
Luiz Guedes  
Crispim Del Cistia  
letra: David Naves  
intérprete Papa Poluição

Senhoras e senhores! Venham ver o maior Espetáculo da Terra!! O grande circo Universal!! Não percam!!

Os últimos dias Do grande circo universal A entrada será franca Na exibição final

Venham ver o mago Mandrago Transformando pombos em serpentes O faquir, o homem borracha Que se dobra diante dos presentes (Venham ver)

Venham ver Magno, o macaco Dando nó, falando em milhões Magno, o macaco, que soma e calcula Telefona, reclama e aperta botões

Os últimos dias...

Tem também um bicho pensante Que é a nossa maior atração Por tratar-se de raro exemplar De uma espécie em extinção (Venham ver)

Venham ver esse bicho pensante Que chora e ri, que canta e dança As crianças não devem perder Essa aula vital de esperança

Os últimos dias...

XOTE DA MACACA

música e letra: Mário César  
Gonçalves Adnet  
Intérprete Boca Livre

Ando quase sem vontade De querer sair daqui, Dessa jaula de macaco

Voltam velhos pensamentos E fico enfiado aqui, Dentro desse apartamento

E, volta e meia, Pulo de um lado para o outro Trocar de lado, Volto pro lugar onde eu estava

Não dá mais pra mim Ficar sempre assim... Sem a macaca...

# Vai começar um passeio de verdade pelo Brasil

“Calma que chegou a fêria do dia”, costuma-se dizer por aqui quando aparece um turista. É má-fé, desinformação, falta de educação? O JORNAL DA REPÚBLICA vai discutir essa questão a partir da próxima quinta-feira

Gordo, chapeuzinho de aba curta, camisa folgada de um estampado muitas vezes doloroso, máquina fotográfica pendurada no pescoço e aquela eterna expressão de deslumbramento no rosto apalermado. Eis um turista descendo em qualquer aeroporto do mundo, segundo velhas comédias do cinema norte-americano. É só uma alegoria, pois sabemos que o turismo não viaja obrigatoriamente de mãos dadas com a imbecilidade, mas foi esta imagem que “pegou”, pelo menos deste lado do mundo. Há certa tendência em se tratar o turista como um perfeito e acabado débil mental, no instante em que ele desembarca do Galeão, por exemplo, e paga mais de mil cruzeiros para chegar

de táxi num hotel de Copacabana, iniciando uma aventura que talvez não repita nunca mais. É difícil a um estrangeiro se divertir no Brasil e mesmo um paulista ou carioca que resolve passar carnaval em Salvador nem sempre chega a tempo de correr atrás do trio elétrico.

Há uma razoável desinformação, que ajuda a manter as dificuldades, embora aumente a cada ano o número de turistas que chegam, atraídos pelos prazeres exóticos do tal “paraiso tropical”. Em 1978 (dados da Embatur) eles foram 792.442 e aqui deixaram 536,6 milhões de dólares, 19,2% a mais do que em 1977, número que pode triplicar, na razão direta de uma infra-estrutura

que incluía, obrigatoriamente, o respeito à inteligência alheia. Informar de verdade, mostrar os melhores caminhos, eis a eterna fórmula de atrair interesses. Essa é a tarefa da imprensa e por isso o JORNAL DA REPÚBLICA decidiu criar a sua Editoria de Turismo.

Sempre às quintas-feiras, aqui estarão os roteiros de lazer, mas os assuntos jamais se esgotarão na leveza de um passeio — iremos discutir também o próprio turismo, esse que é o terceiro melhor negócio do mundo, apenas superado pela indústria de arma-

mentos e o petróleo. Em 1978 (a informação é da Organização Mundial de Turismo, um órgão da ONU), gastou-se em lazer pelo mundo afóra a fantástica importância de 64 bilhões de dólares, sem contar os gastos com transporte aéreo. Houve um crescimento de 23,1% em relação ao movimento de 1977, quase o dobro da taxa apresentada pelas exportações mundiais, que não passou de 12,4%, segundo dados do Fundo Monetário Internacional.

Desse bolo monumental restou uma modestíssima fatia para o Brasil. Reclama-se sempre que o turista precisa atravessar um oceano para chegar até aqui, e, apesar dos oito milhões de quilômetros quadrados, recebe pouco por tão

grande sacrifício. Mas é sempre bom lembrar que não temos apenas carnaval e já vai longe o tempo de Zé Carioca e de Copacabana como princesinha do mar. Sabem que em outubro passado o Rio Grande do Sul recebeu, de todos os cantos do Brasil e dos países vizinhos, um total de 387 mil turistas? Pela estimativa da Agência Brasileira de Informações, o Rio recebeu, no mesmo período, 350 mil visitantes.

Descobre-se o Rio Grande do Sul da mesma forma como não será difícil descobrir que o Nordeste não começa e nem acaba na Bahia.

No Nordeste, sempre debaixo do sol, a economia de todas as viagens está no encurtamento das

distâncias e quem toma café da manhã no Recife pode almoçar um pirão de guaianum em João Pessoa e jantar aves de arribação em Natal. O JORNAL DA REPÚBLICA vai percorrer esses caminhos, descobrir as melhores receitas do lazer, fazer compras na Zona Franca de Manaus e voltar por Brasília em direção ao Sul, com escalas no que Goiás tiver de mais bonito. E sempre que resolver descansar por aqui mesmo, mostrará como a noite de São Paulo está concorrendo com a do Rio, porque se diverte mais quem antes passou por um excelente restaurante — e, afinal, há muito deixamos de ser o tûmulo do samba.

EXCURSÕES BRASIL COM AMOR CATEGORIA 5 ESTRELAS		
FOZ DO IGUAÇU HOTEL CATARATAS 4 DIAS Saídas: 07 e 14 DEZ 79 - AEREA	MANAUS TROPICAL HOTEL TROPICAL 5 DIAS Saída: 11 DEZ 79 - AEREA	REVEILLON HOTEL TROPICAL 5 DIAS Saída: 28 DEZ 79 - AEREA
POUSADA DO RIO QUENTE HOTEL TURISMO 5 DIAS Saídas: 27 NOV e 12 DEZ 79 - RODOVIA	RIO DE JANEIRO/CAIÇÓ HOTEL CENTER - Saída: 12 DEZ 79 - RODOVIA	GRAVATAL/TERMOIS HOTEL INTERNACIONAL 5 DIAS Saída: 28 DEZ 79 - AEREA

**VOLTA ao MUNDO Turismo**

Av. Ipiranga, 1.100 - 11º andar  
conj. 11 Fones: 229.7829  
229.8630 EBT: 080061200.0  
Reg. ABAV 172

## INDICADOR HOTELEIRO

<b>SÃO PAULO CAPITAL</b>	<b>ARTEMIS HOTEL</b> Aptos. standard e de luxo - Estacionamento - American Bar - Esmerado café com 15 itens - TV a cores - Al. Brão de Lameira, 44 - Tel. Gerência: 221-9366 - Reservas: PBX 221-9166.
<b>CITY</b> O LAR DA CORTESIA. Apts. de luxo - televisão - jantares diversos - Public Relation - Estac. American Bar - lavand. prop. café com 15 itens - R. Brigadeiro Tobias, 221 - Fone: 227.0022 - End. TEL. CITOTEL	<b>LITORAL GUARUJÁ</b>
<b>TYCHO'S BAR</b> Anexo ao restaurante do MERAK HOTEL - O Hotel da Zona Sul - Av. Lavandisca, 262 - Moema - Fones: 543-7903 e 542-8181	<b>GÁVEA PALACE HOTEL</b> Apartamentos e Suites - Restaurante - American Bar - serviço de praia - Reservas em São Paulo, rua 7 de Abril 296 - 7º andar - fone: 239-4978.
<b>HOTEL SOUS</b> Av. São João, 139 - Fone: 221-7333 - CEP 01261 - SÃO PAULO - SP	<b>INTERIOR AMPARO</b>
<b>REAL HOTEL</b> Aptos. tipo colonial com TV e gelad. - Ar condicionado - Restaurante inter. American Bar - Preços razoáveis - R. Timbiras, 621 - Telefone: 220-7811	<b>GRANDE HOTEL AMPARO</b> Aptos. sob nova direção - Moderníssimos apts. - todos equipados - c. telefonia - Pernites e café da manhã - Lavanderia própria - Reservas e informações: fone: 70-2093 - R. Barão do Rio Branco, 33 - Amparo
<b>REAL PALACE</b> Um hotel tranquilo no ponto nobre de São Paulo 20m da Praça da República - Apts. conf. est. colonial - c. música FM TV Ar Cond. - American Bar com música ao vivo - Galeria de Arte - Av. Ipiranga, 757 - Fone: 220-7827	<b>ATIBAIA ESTÂNCIA LYNCE</b> Hotel de campo e Restaurante - Água - sol - cor - vida - Salão p/convênios, piscina, bar, f. telefonia, esportes, cavalos, TV etc. - Tel.: 484-2942 - S. Paulo: 222-2811
<b>BROADWAY</b> Aptos. de luxo - ar condicionado - geladeira - TV a cores - jornais diversos - Lavand. - American Bar - Estacionamento gratuito - Av. S. João, 536 - Fone: 222-2811.	<b>Para anunciar TELEFONE PARA: 257-0099 Sr. RAUL</b>

## Reveillon 1979 1980

EXCURSÕES AÉREAS

**PUNTA DEL LESTE**  
6 dias. Saída 25 DEZ Hotel Ajax. Opcional Ceia de Reveillon com magnífico baile

**SANTIAGO E VIÑA DEL MAR**  
Saída 26 DEZ. Duas opções de roteiro:  
- Duração 6 dias - Santiago/Viña del Mar (opcional a Portillo)  
- Duração 9 dias - Santiago/Viña del Mar/Buenos Aires  
Inclui: passeios e festa de Reveillon com ceia e baile

**LAGOS ANDINOS**  
Duração 10 ou 13 dias - Saída 29 DEZ. Inclui: Viña del Mar, festa de Reveillon, Valparaiso, Santiago, a maravilhosa travessia dos lagos: Puerto Montt, Peulla, Bariloche e Buenos Aires. Muitos passeios.

**BUENOS AIRES**  
Duração 6 dias. Saída 29 DEZ. Hotéis Las Américas, Continental ou Plaza. Ceia e baile de Reveillon. Opcional a Punta del Este ou Mar del Píla Foz do Iguaçu.

**BARILOCHE/BUENOS AIRES**  
Duração 8 dias. Saída 29 DEZ. Hotéis Epiuyen ou Interikon em Bariloche e Las Américas ou Continental em Buenos Aires. Jantar festivo de Reveillon. Inclui passeios: a ilha Victoria e "Circuito Chico". Opcionais a Punta del Este ou Mar del Plata.

Ampla Financiamento

**EXCURSÕES Martinelli**

S/A MARTINELLI AGÊNCIA MARÍTIMA  
Av. Ipiranga, 1091 - São Paulo  
Fones: PABX 229-0433 - 229-6106 - 229-2103.

**7.280,**

SUL DO BRASIL PARA TODOS

11 dias de viagens diurna em modernos ônibus de luxo. 11 refeições.

Visitando: Curitiba/ Morretes/ Lagos/ Caxias do Sul/ Gramado/ Canela/ Bento Gonçalves/ Garibaldi/ Porto Alegre/ Tramandaí/ Torres/ Florianópolis/ Blumenau/ Camboriú/ Itajaí/ Joinville/ Carbal/ Ponta Grossa.

Financiamento em até 10 meses - ou em 3 pagtos. sem juros. Aceitamos inscrições do Interior e de outros Estados.

Saídas todas as 3as. Feiras.

**dominus Turismo**  
Rua 7 de Abril, 235 - 2º and. - cj. 201  
Fones: 238-4244 e 36-5653  
EBT 0800194004-SP-ABAV-SP-283

- AGÊNCIA BRASÍLIA DE VIAGENS  
Pça. da República, 115 - F. 259-8233  
EBT - 080050037
- INCORPAL TURISMO  
Pça. da República, 199  
F.: 259-1163 e 259-2774  
EBT - 080073500-5
- AGÊNCIA CONCORDE DE PASS. DESP. LTDA.  
R. Campo Sales, 715 - 3º and.  
F.: 31-4340 - Campinas  
EBT 0800780121
- TRAVELCRED AUX. DE VIAGENS LTDA.  
Av. Dr. Vieira de Carvalho, 172  
8º and. - Tel.: 222-3222  
EBT 08001600031

**AGUARDEM PATRIARCA II UMA NOVA OPÇÃO**

UM EMPREENDIMENTO EMBRATUR 0800229001

**PATRIARCA TURISMO**

**CHALÉS HOTEL Fazenda Vale do Sol**

SERRA NEGRA RESERVA S.P.

Av. São Luiz-112, 12º and. conj. 1202 - São Paulo

259-0481-257-9705

**LUA DE MEL FINS DE SEMANA TEMPORADAS FÉRIAS**

Genial Diferente

# FÉRIAS de VERÃO

**INTRAVEL oferece as melhores opções de viagens**

Em todas as excursões viagem pelos luxuosos Boeings da VASP. Itraslados, passeios, hospedagem em quartos com banheiro privativo, ar condicionado, piscina e café da manhã.

HOTEIS: CARIMA, HOSTESS GUARAPARI, MERIDIEN, BAHIA OTHON, INTERNACIONAL OTHON, VILA RICA, BOA VIAGEM, IMPERIAL OTHON, COLONIAL, 4 RODAS, EXCELSIOR GRAO PARA, AMAZONAS, NOVOTEL.

## PLANO VIVA O BRASIL VASP

<b>VIVA IGUAÇU - 3 dias</b> 7, 8, 14, 15, 21, 22, 28, de DEZ. 4, 11, 18, 25 de JAN. 1, 8, 22, 29 de FEV. <b>Cr\$ 6.390,</b>	<b>VIVA SALVADOR-RECIFE FORTALEZA - 13 dias</b> 6, 22 e 29 de DEZ. 2, 6, 10, 14, 18, 22, 26 e 30 JAN. 3, 7, 11, 15 e 19 de FEV. <b>Cr\$ 21.790,</b>
<b>VIVA GUARAPARI - 5 dias</b> 23 e 28 de DEZ. 6, 13, 20, 24 e 27 de JAN. 3, 11, 15 e 24 de FEV. <b>Cr\$ 8.490,</b>	<b>VIVA IGUAÇU - 6 dias</b> 2, 9, 16, 23, 29 e 30 de JAN. 6, 13, 20, 27 de JAN. 3, 10, 15 e 24 de FEV. <b>Cr\$ 7.990,</b>
<b>VIVA RECIFE-SALVADOR - 9 dias</b> 10 e 28 de DEZ. 6, 13, 20, 27 de JAN. 3, 16 e 20 de FEV. <b>Cr\$ 18.290,</b>	<b>VIVA FORTALEZA - 8 dias</b> 2, 9, 16, 23 de DEZ. 6, 13, 20 e 27 de JAN. 3, 10, 17 e 24 de FEV. <b>Cr\$ 16.990,</b>
<b>VIVA MANAUS - 5 dias</b> 1, 8, 15, 23, 28 de DEZ. 5, 12, 19, 23 de JAN. 2, 11, 15, 20 e 24 de FEV. <b>Cr\$ 18.890,</b>	<b>VIVA SALVADOR-RECIFE FORTALEZA-S. LUIZ-BELEM MANAUS - 17 dias</b> 6 e 22 de DEZ. 4, 6, 8, 10, 12, 14, 16, 18, 20, 22, 24, 26, 28 e 30 de JAN. 1, 4, 7 de FEV. <b>Cr\$ 35.560,</b>
<b>VIVA BAHIA - 8 dias</b> 1, 8, 15, 22 e 28 de DEZ. 4, 11, 18 e 25 de JAN. 1, 8, 15 e 21 de FEV. <b>Cr\$ 13.990,</b>	<b>REVEILLON E CARNAVAL</b> Saídas com programas e preços especiais.

consulte seu agente de viagens  
3 pagamentos sem juros ou  
amplos planos de financiamento

**Exprinter**

R. Manoel da Nobrega, 65 - Loja 15 - Telefone 251-1131  
Avenida Brig. Faria Lima, 1684 - Loja 16 - Tel. 813-4839  
Rua Barão de Itapetininga, 243 - Tels.: 35-7104 e 35-3391



TEATRO

Mãos Sujas de Terra é uma peça que mostra o drama do posseiro. Teatro Eugênio Kusnet

Em Cartaz

★ É De Millôr Fernandes  
Teatro Maria Della Costa (r. Paim, 72, tel. 257-3138)  
Independente de qualquer outra consideração, um espetáculo com Fernanda Montenegro e Fernando Torres, o que significa interpretações brilhantes.  
De 4ª a 6ª, às 21h; sábados às 20 e 22h30; e domingos às 18 e 21h  
Preços: Cr\$ 200,00 e Cr\$ 100 6ª e sábados, Cr\$ 200

★ CAMAS REDONDAS CASAIS QUADRADOS  
De Copény e Champman  
Teatro Itália (av. São Luiz, 50, tel. 257-3188)

Quinze meses em cartaz atestam a qualidade desta peça em que casais amigos promovem animadas trocas de ideias.  
De 3ª a 6ª, às 21h; sábados às 20 e 22h30; e domingos às 18 e 21h  
Preços: Cr\$ 200 e Cr\$ 100; 6ª e sábado, Cr\$ 200 (único)

★ FÁBRICA  
De Nathalia Davini e Eneida Soller  
Teatro Taib (r. Três Rios, 252, tel. 227-9719)

Sobre a greve dos ceramistas de Itu. Com Abgail Wilmer, Alcione Bourbon e outros.  
De 4ª a sábado às 21h; domingos às 19h  
Preços: Cr\$ 100 e Cr\$ 70

★ VEM BUSCAR-ME QUE AINDA SOU TEU  
De Carlos Alberto Soffredini  
Teatro Célia Helena (r. Barão de Iguape, 113, tel. 270-5725)

Uma tragicomédia musical inspirada na música Coração Materno, de Vicente Celestino. O cotidiano de uma companhia de teatro, suas dificuldades financeiras e as lutas para se fazer teatro nas periferias, num país subdesenvolvido. Pelo grupo de teatro Mambembe. Direção de Iacov Hillel. Com Berenice Raulino, Calixto de Inhamuns e outros.  
De 3ª a 6ª, às 21h; sábados às 20 e 22h; domingos às 18h30 e 21h  
Preços: Cr\$ 150 e Cr\$ 80

★ CISNE BRANCO  
De August Strindberg  
Teatro Arthur Azevedo (av. Paes de Barros, 955)

Um conto das fadas para adultos. Direção de José Maria Ferreira. Com Salette Caroli e José R. Siqueira.  
De 3ª a domingo, às 21h

Preços: Cr\$ 50 e Cr\$ 30 Até 25 de novembro  
★ FALA BAIXO SENÃO EU GRITO  
De Leilah Assunção  
Teatro Cenarte (r. 13 de Maio, 1040, tel. 284-6837)

Uma nova montagem do primeiro sucesso da autora. Sobre uma solteirona solitária que desperta com a visita de um ladrão.  
De 3ª a domingo, às 21h  
Preços: Cr\$ 120 e Cr\$ 60

★ SALVE-SE QUEM PUDE...  
De Álvaro Alves de Faria  
Teatro Alfredo Mesquita R. Sta. Madalena, 275, tel. 285-3391)

Premiada em 1973 pelo Conselho Estadual de Cultura, a peça Salve-se Quem Puder, o Jardim Está Pegando Fogo foi proibida e só agora pôde ser montada sem nenhum corte. Quatro pessoas num calabouço relembram o mundo de violência em que os envolveu em determinada época. Direção de Ivo Henrique Treff, com Antônio Velloso, Miriam Martinez, Carlos Roberto Coelho (que fez também as músicas do espetáculo) e Deive Rose.  
De 4ª a 6ª, às 21h; sábados às 20 e 22h; e domingos às 18 e 21h  
Preços: Cr\$ 150 e Cr\$ 100 (18 anos)

★ QUARTA COSTELA  
De Luis Carlos Cardoso  
Teatro da Praça (r. Apa, 298)

Texto premiado sobre um homem malsucedido que vai para um hotel de alta rotatividade curtir a sua fossa. A direção é de Di Domenico e no elenco estão: Eduardo Pinheiro, João Luis de Oliveira Joy e Oswaldo Spinola, entre outros.  
De 4ª a domingo, às 21 horas  
Preços: Cr\$ 120 e Cr\$ 60

★ SINAL DE VIDA  
De Lauro César Muniz  
Auditório Augusta (r. Augusta, 943)

O autor tenta questionar a sua geração, aquela que resolveu ganhar dinheiro e enterrar os ideais. Sincero, embora parcial. Em todo caso, um ensaio de discussão sobre a repressão e o arquivismo dos intelectuais que trocaram a luta pelo sítio com piscina. Com Antônio Fagundes, Kate Hansen, Marlene França, Cléo Ventura, Sadi Cabral, Maria Rita e Bruno Barros. Direção de Oswaldo Mendes.  
De 4ª a 6ª, às 21h; sábado,

às 20 e 22h30; domingos às 18 e 21h  
Preços: Cr\$ 200 e Cr\$ 100; sexta e sábado, Cr\$ 200 (18 anos)

★ É SÓ ISSO QUE EU SEI, PROFESSOR  
De Silvia Poggetti  
Teatro Igreja (r. 13 de Maio, 830)

Silvia Poggetti adaptou textos de José Maria Firpo, um professor uruguaio que selecionou redações de seus alunos denunciando os desajustes familiares num mundo de extrema miséria e marginalidade. No elenco, Diana Machado, Janô, Silvia Poggetti e Vicente Parizi. Direção de Horácio R. Viola.  
De 4ª a sábado, às 21h, e domingos às 18 a 21h  
Preços: Cr\$ 120 e Cr\$ 70 (14 anos)

★ MÃOS SUJAS DE TERRA  
De Luiz Carlos Moreira  
Teatro Eugênio Kusnet (r. Teodoro Baima, 94)

Sobre a realidade do posseiro, pequeno lavrador que trabalha na terra, mas acaba perdendo o direito sobre o que lhe pertence, envolvido por leis que desconhece.  
De 3ª a 6ª, às 21h; sábados às 20 e 22h; e domingos às 18 e 21h  
Preços: Cr\$ 60 e Cr\$ 40 (14 anos)

★ A REPÚBLICA DE OSCURIDAD  
De M. César  
Teatro Ruth Escobar (r. dos Ingleses, 209)

Uma peça sobre o golpe de 1964. Um americano típico ensina a um homem de negócio como convencer um ingênuo militar a derrubar o governo legalmente constituído do país. Com Fábio Tomasini, Ivan Salles, Douglas Franco e Pierre Verde.  
De 4ª a 6ª, às 21h; sábados, às 20 e 22h; e domingos às 18 e 21h  
Preços: Cr\$ 100 e Cr\$ 80; sábados, Cr\$ 100 (único) (16 anos)

★ MOCINHOS BANDIDOS  
De Fauzi Arap  
Teatro Sese - Anchieta (r. Dr. Villa Nova, 245)

Brasil, ano de 1979. Os personagens falam de tortura, drogas, repressão, política, triângulos amorosos, futebol e televisão. Bruna Lombardi é a mocinha que contracenou com o bandido Carlos Alberto Ricelli, Amilton Monteiro, José Fernandes de Lira, Umberto Magnani e Walderez de Barros

completam o elenco. Direção de Fauzi Arap.

De 4ª a 6ª, às 21h; sábados, às 20 e 22h30; e domingos, às 18 e 21h

Preços: Cr\$ 100 e Cr\$ 50; sexta e sábado Cr\$ 100 (único) - (16 anos)

★ TIETÊ, TIETÊ  
De Alcides Nogueira Pinto  
Studio São Pedro (r. Albuquerque Lins, 171, tel. 66-3348)

Uma revisão crítica do Modernismo, e das revoluções políticas e estéticas feitas no país. Mostra, também, através da linguagem de Oswald de Andrade, colonialismo cultural. Direção de Márcio Aurélio. Com o Grupo Os Farsantes (Cecília Camargo, Edith Siqueira, Júlia Pascale, Marcelo Alamada e outros).  
De 4ª a 6ª, às 21h; sábados às 21 e 22h30; domingos às 18 e 21h  
Preços: Cr\$ 60 e Cr\$ 30; sábados, preço único de Cr\$ 60 (18 anos)

★ NA CARRERA DO DIVINO  
Pessoal do Victor  
Teatro Funarte - Sala Guimaraes Novas (al. Nothmann, 1058)

Baseado no livro Os Parceiros do Rio Bonito, de Antônio Cândido, este espetáculo pretende mostrar a cultura caipira sem mito e sem folclore e também discutir os problemas do campo. Fascinante.  
De 3ª a 6ª, às 21h; sábados às 20 e 22h; domingo, às 18 e 21h  
Preços: Cr\$ 100 e Cr\$ 70

★ O INOCENTE  
De Sérgio Jockymann  
Teatro Brasileiro de Comédia (r. Major Diogo, 315, tel. 36-4408)

Sobre um contador italiano denunciado à polícia política como inimigo do povo.  
De 4ª a 6ª, às 21h  
Preços: Cr\$ 120 e Cr\$ 80

★ É FOGO, PAULISTA  
Criação coletiva  
Centro de Artes Lira Paulistana (r. Teodoro Sampaio, 1091)

Inaugurando o primeiro teatro de Pinheiros, uma comédia musical que retrata os frequentadores típicos de sete diferentes bares, como o operário, artistas, intelectuais e executivos, entre outros. A direção é de Mário Masetti. Com Cristina Pereira, Gêzio Amadeu, Henrique Lisboa e outros. A mesma casa inaugura também uma galeria de artes com desenhos de Fernando Castro Lopes e uma livraria com obras da Feira da Poesia de Cláudio Willer.  
De 4ª a domingo, às 21h  
Preços: Cr\$ 150 e Cr\$ 70

CINEMA

A partir de hoje, o Bijou exibirá duas reprises: Último Concerto de Rock e Amargo Regresso

Em Cartaz

★ ALCATRAZ: FUGA IMPOSSÍVEL  
(Escape from Alcatraz)  
De Don Siegel (EUA, 1979)

Ação, violência e suspense. Três prisioneiros tentam escapar da tenebrosa penitenciária de Alcatraz. Com Clint Eastwood, Patrick McGouhan, Roberts Blossom e Jack Thibau.  
Marabá, Paulistano, Del Rey, Iguatemi, e Ibirapuera 2, Horários: 10h, 12h20, 14h40, 17h, 19h20 e 21h40 (no Marabá); 14h30, 16h50, 19h10 e 21h30 (No Iguatemi, Del Rey e Paulistano) e às 13h, 15h20, 17h40, 20h e 22h20 (no Ibirapuera 2). (14 anos)

★ A JUVENTUDE DE BUTCH CASSIDY  
(Dutch and Sundance: The Early Years)  
De Richard Lester (EUA, 1979)

Uma boa sátira ao gênero faroeste. O início da carreira de bandido de Sundance Kid e Butch Cassidy, personagens criados por William Goldman para o filme de George Roy e Tom Berenger.  
Olido e Liberty  
Horários: 12h30, 14h45, 17h, 19h15, 20h30. (No Olido) e no Liberty: 14h, 16h30, 19 e 21h30. (10 anos)

★ O DIAMANTE BRUTO  
De Orlando Senna. (Brasil, 1978)

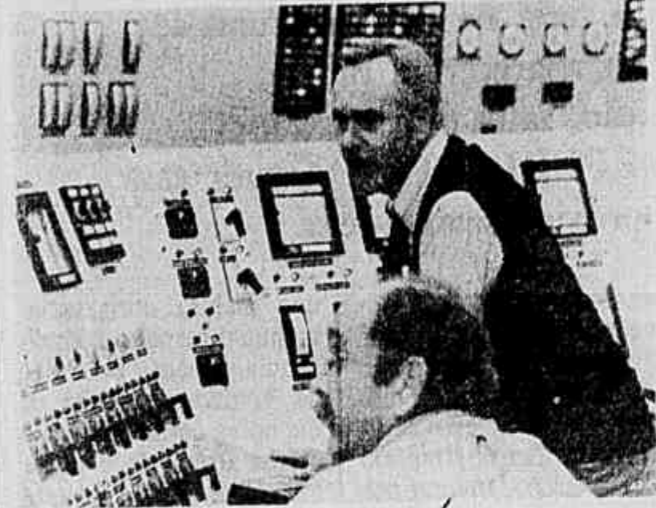
Adaptação do romance A Bugrinha, de Afrânio Peixoto. José Wilker interpreta um astro de televisão que, ao voltar à terra natal, reencontra o amor da infância, a bugrinha, que lhe entrega a virgindade.  
Cinesse (r. Augusta, 2075)  
A partir das 14h (18 anos)

★ HISTÓRIAS QUE NOSSAS BABÁS NÃO CONTAVAM  
De Oswaldo de Oliveira  
(Brasil, 1979)

A pornochanchada brasileira desta vez escolheu como inspiração a história infantil Branca de Neve e os Sete Anões. O resultado é um festival de grossura e bobagem. Com Adele Fátima, Ipiranga, Art Palácio, Metrópole, Jôia e Top Cine.  
Horários: 11h45, 13h30, 15h15, 17h, 18h45, 20h30 e 22h15 (18 anos)

★ O TIRANO  
(The Tyrant)  
De Mircea Dragán (Romênia)

Um filme romeno. O diretor Mircea é considerado um especialista em obras épicas, de fundo histórico. Com Amadeo Nazzari, Richard Johnson e Antonella Luaidi.  
Las Vegas  
Horários: A partir das 9h. (programa duplo) (18 anos)



Jack Lemmon em Síndrome da China.

★ A ÁRVORE DOS TAMANCOS  
(L'Albero degli Zoccoli)  
De Ermanno Olmi (Itália, 1978)

Este filme ganhou a Palma de Ouro no último Festival de Cannes. Ele traz uma série de episódios que procuram retratar os últimos momentos da "civilização agrícola", antes da industrialização. O mais importante deles é uma espécie de parábola da "perda do paraíso", mostrando uma família expulsada da fazenda por ter derrubado uma árvore para fabricar um par de tamancos.  
Belas Artes (Sala Villalobos) e Belas Artes (Centro 2)  
Horários: 12h, 15h, 18h e 21 horas. (10 anos)

★ POR QUE NÃO? (Pourquoi Pas?)  
De Coline Serreau (França, 1977)

Sobre dois jovens homossexuais e uma mulher divorciada que convencem uma moça a viver com eles um curioso ménage à quatre.  
Com Samy Frey e Christine Murilo  
Paramount 2  
Horários: 13h20, 15h40, 17h50, 20h e 22h10 (18 anos)

★ PAR OU IMPAR  
(Odds and Evens)  
De Sérgio Corbucci (EUA, 1978)

Volta a insuportável dupla Trinity e Bambino. Com Terence Hill e Bud Spencer. Astor, Vila Rica, Cinespacial, e Paissandu (Sala Independência)  
Horários: 13h, 15h20, 17h40, 20h e 22h20 (No Astor, Vila Rica e Paissandu) e às 12h30, 15h, 17h30, 20h e 22h30 (No Cinespacial). (16 anos)

★ OS MENINOS DO BRASIL  
(The Boys From Brazil)  
De Franklin J. Schaffner (EUA, 1978)

O autor da história é o

mesmo Ira Levin de O Bebê de Rosemary. Ele imagina que Mengele se tenha refugiado na Amazônia, dedicando-se a produzir clones (réplicas biossintéticas) de Adolf Hitler. Com Gregory Peck, Laurence Olivier, Rosemary Harris, Marrocos e Palmella  
Horários: às 9h30, 12h, 14h30, 17h, 19h30 e 22h (16 anos)

★ PORTEIRO DA NOITE  
(Portier di Notte)  
De Liliana Cavani (Itália, 1974)

Este filme aguardou liberação desde 1974, talvez pelo caráter chocante de seu tema. Um ex-oficial da SS (Dirk Bogarde) trabalha em Viena como porteiro de hotel e, em 1957, encontra-se com uma antiga prisioneira (Charlotte Rampling). Com Gabriele Ferzetti e Philippe Leroy.  
Paramount 3, Gazeta e Barão, Augustus e Cal Center  
Horários: 14h30, 17h, 19h30 e 22h (18 anos)

★ ROMANCE POPULAR  
(Romanzo Popolare)  
De Mario Monicelli (Itália)

Ugo Tognazzi é um operário militante de meia-idade, casado com uma mocinha (Ornella Muti) que o trai justamente com o policial que o enfrentara numa manifestação de rua. Monicelli aparece com os costumes e sempre competentes colaboradores: Age e Scarpelli, no roteiro, e Ruggero Mastroianno na montagem.  
Belas Artes (Sala Portinari) e Centro 1  
Horários: 13h, 15h20, 17h40, 20h e 22h20. (18 anos)

★ JUBILEU DE OURO DO MICKEY  
(Mickey Mouse Goldes Jubileu Show)  
Produção dos Studios Walt Disney

Uma antologia dos filmes do mais famoso personagem de Walt Disney  
Majestic  
Horários: às 14h, 15h40, 17h20, 19h, 20h40 e 22h20 (Livres)

★ TRINITY VAI À GUERRA  
(La Feldmarescialla)  
De Stefano Vanzina (Itália, 1967)

Uma aventura cômica cuja ação se passa em agosto de 1944, quando um avião é derrubado pelos alemães em Florença e Rita Pavone se põe em ação para salvar o jovem piloto.  
Com Rita Pavone, Francis Blanche, Arnoldo Tieri, Mário Girotti e Jess Hhn. Windsor, Rio e Lumière  
Horários: a partir das 14 horas (livre)

★ COPA-78 O PODER DO FUTEBOL  
De Mauricio Sherman (Brasil, 1978)

Um dos melhores filmes já realizados sobre o tríplice violência-poder-futebol. Uma radiografia feita da Argentina Copa 78 - um imenso campo de concentração - e alienação do povo em função do futebol, mostrando, por exemplo, uma entrevista com um líder montonero, César Menotti, o técnico da Argentina, dá um show de lucidez. Enquanto isso, Coutinho enche a tela - e o saco - com as sandices de sempre.

Ipiranga 1 e Art Palácio (Sala São João)  
Horários: às 12h20, 14h, 15h40, 17h20, 19h, 20h40 e 22h20

★ AMANTE LATINO  
De Pedro Carlos Rovai (Brasil, 1979)

O amante latino em questão é Sidney Magal, que aparece como machão bom de briga e conquistador irresistível. Ele repete na tela o mesmo rebolado que esbanja no palco - engodo no qual Elvis Presley jamais caiu - fazendo demonstrações ainda mais grotescas do que aquilo que aparece na televisão. Com Monique Lafond, Anselmo Vasconcelos e Fregolente, além da cigana Sandra Rosa Madalena.

Regina, Gazetão, Marrocos, Pullmann, Central 2, Paramount 4.

Horários: a partir das 14h e no Central 2, a partir das 9h. (14 anos)

★ REPÚBLICA DOS ASSASSINOS  
De Miguel Farias Jr. (Brasil, 1978)

Baseado num texto de Aguinaldo Silva, o filme conta a história de um policial corrupto e violento Mateus Romeiro - o bastante para que Mariel Maryscotte de Mattos, o ex-"Homem de Ouro" da polícia carioca, atualmente cumprindo pena no Rio de Janeiro, julgando-se retratado, abrisse um processo contra o diretor. Ha quem identifique outros personagens tomados diretamente da vida real, como a cantora Marlene Graça, que seria Darlene Glória. Nos papéis de Mateus e Marlene Tarcisio Meira e Sandra Bréa.

Ouro, Metro 2, Gemini 1  
Horários: às 13h30, 15h40, 17h50, 20h e 22h10 (no Metro 2 e Gemini 1) e a partir das 12h (no Ouro) (18 anos)

★ ÚLTIMO CONCERTO DE ROCK  
(The Last Waltz)  
De Martin Scorsese (EUA, 1977)

Um documentário sobre o último concerto do conjunto The Band, incluindo nomes como Bob Dylan, Muddy "Mississippi" Waters e Joni Mitchell.  
Bijou. A partir das 14 h. (Livres)

★ AMARGO REGRESSO  
(Coming home)  
De Hal Ashby (EUA, 1978)

Filme premiado com os Oscars de melhor ator, melhor atriz e melhor direção. A mulher de um combatente da Guerra do Vietnã se apaixona por um paraplegico veterano de guerra. Com Jane Fonda e Jon Voight.  
Bijou. A partir das 14 h. (14 anos)

Especiais

★ CINEMA LATINO-AMERICANO MIS (av. Europa, 158) às 21h

Hoje, quatro filmes mexicanos: Vícios em La Cocina de Beatriz Mira (1977). Uma visão do cotidiano de uma dona-de-casa da classe média, separada do marido, com três filhos; Preferências, de Mário Luna (1977). Ficção passada numa favela da Cidade do México, baseada num conto do escritor José Revueltas; Amnistia, de Carlos Mendoza (1978). Um documentário abordando o problema da repressão política, as prisões, torturas e intelectuais, estudantes e operários, camponeses e mineiros, o problema dos desaparecidos e os movimentos pela Anistia no México; Aparência 1, 2, 3 - documentário de Antonio Del Rivero, sobre três categorias consideradas marginais dentro da sociedade: a prostituta, a criança retardada e o catador de papel.  
Entrada franca

★ UMA MOÇA TOTALMENTE DESLEIXADA  
Instituto Goethe. (r. Augusta, 147), às 20h

Este documentário sobre um dia na vida de uma jovem que fala de si, de suas preocupações, lembranças, esperanças e sonhos. Direção de Jutta Bruckner. Legendas em português. Entrada franca



TELEVISÃO

No metrô de Nova York, dois delinquentes mantêm catorze passageiros presos num vagão: *O Incidente*, às 22h30, no 2

Filmes

**\* CANÇÃO DO SOL DA MEIA-NOITE** (Song of Norway) De Andrew Stone (EUA, 1970)

Mediocre biografia do compositor norueguês Edward Grieg baseada em peça de Homer Curran. Vai do seu namoro com a sueca Therese Berg até Peer Gynt, sua obra-prima, ou pelo menos seu trabalho mais conhecido. Com Toralv Maurstad, Florence Henderson, Christina Schollin, Frank Poretta. 13h30, no Cinema Livre do 4.

**\* A DEUSA SELVAGEM** (Mothra) De Inoshiro Honda (Japão, 1962)

O supra-sumo do ridículo que os leitores mais preparados saberão curtir devidamente. Uma expedição pesquiza uma ilha radiativa e lá descobre Mothra, um ovo sagrado guardado por umas japonezinhas de 30 centímetros de altura. Um americano canalha rouba algumas das japonezinhas para servir de ração em Tóquio, onde elas cantam e dançam uma melopéia exótica. O ovo choca e o poderoso Mothra voa até a capital ja-

ponesa espalhando o terror e o pânico. 14h no 11.

**\* ADEUS, GRINGO** (Adios, Gringo) De George Finley (Itália, 1965)

A emissora não forneceu a sinopse. Contenta-se em saber que é um faroeste com Giuliano Gemma e Evelyn Stewart. 21h, no Bang Bang à Italiana do 7.

**\* O INCIDENTE** (The Incident) De Larry Peerce (EUA, 1967)

Se você perdeu na terça, não perca hoje. Se perder hoje, não deixe de assistir no sábado. Num metrô de Nova York dois delinquentes mantêm catorze passageiros presos em um vagão e aterrorizam cada um deles, revelando suas fraquezas e contradições. Os passageiros todos são um segmento representativo da classe média nova-jorquina e é duro assistir ao filme sem poder salvá-los. O elenco está impecável: Tony Musante, Martin Sheen, Jeff Bridges, Thelma Ritter, Jan Sterling. Mais uma vez: não perca. 22h30, na Última Sessão de Cinema do 2.

**\* TEM QUE SER VOCÊ** (It Had To Be You) De John Hartman e Rudolph Maté (EUA, 1947)

O tema musical ficou bem mais conhecido que o filme ("It Had To Be You..."). Ginger Rogers é uma mulher da soquete que quer casar-se, mas nunca está contente com seus noivos. Até que um dia se apaixona por um bombeiro. Com Cornel Wilde, Percy Waran, Spring Byington, Dan Randell. Comédia romântica típica da Sessão da Tarde. 14h45 no 5.

**\* UM HOMEM CÉLEBRE** De Miguel Faria Jr. (Brasil, 1974)

O homem vai acabar tornando-se célebre de tantas vezes que a Tupi exibiu este filme nos últimos meses. É a história de um músico do início do século que pretende alcançar os círculos eruditos, mas não tem sorte nem com a carreira nem com as mulheres. Vale para comparar com o atual trabalho de Faria, República dos Assassinos. Vale também pelo elenco: Walmor Chagas, Darlene Glória, Bibi Vogel, Carlos Kroeber, Ednei Giovenazzi, Fábio Sabag, Antônio Pitanga, Nara Leão. 23h, no Cinema Brasileiro Proibido do 4.

**\* SEM MARGEM PARA ERRO** (No Marge for Error) De Virgil Vogel (EUA, 1977)

Olhai um telefilme bem interessante para nós, brasileiros. Mostra a revolta do povo de Los Angeles contra a violência policial. Lá, digase de passagem, é a pátria do repelente S W A T (aliás, em participação especial no Síndrome da China). Com Glenn Ford, James Farentino, Harry Guardino, Harry Rhodes. A conferir. 23h30 no Festival de Sucessos do 5.

**\* MULHERES DE MÉDICOS** (Doctor's Wives) De George Schaeffer (EUA, 1971)

Um médico assassina sua mulher ao surpreendê-la em pleno ato de traição conjugal. Isso cria tensão nas mulheres de outros médicos da clínica, todas em crise. Roteiro de Daniel Taradash. Com Richard Crenna, Janice Rule, John Colicos, Diana Sands, Gene Hackman, Dyan Cannon, Ralph Bellamy. 23h, no Cinema na Madrugada do 13.

Dicas

Apesar de todas as vaias e reclamações, o Festival 79 da Tupi (21h20) continua sendo a maior atração do dia. Entre os doze candidatos de hoje, há alguns novos e alguns famosos: Alceu Valença & Jackson do Pandeiro, Zé Ramalho, Papa Poluição, Abílio Manuel, Eduardo Conde, Cláudia. Do Festival você já sabe o que esperar (Ziraldo, inclusive?). Quanto à transmissão, se estiver igual a anterior, será um tédio. O pessoal da Tupi: vocês não assistiram ao Festival de Jazz do ano passado? É assim

que se transmite um show, câmeras portáteis, mais entrevistas, mais ritmo. Fora do festival, alguns bons filmes. O obrigatório é *O Incidente* (Cultura, 22h30). Tem também *Mulheres de Médicos* (Bandeirantes, 23h30) e um terror japonês muito engraçado: *A Deusa Selvagem* (Gazeta, 14h). E *Malu Mulher* (Globo, 22h) promete finalmente repetir sua transa com Paulo Figueiredo em "De repente, tudo novamente". Quem já assistiu sabe: o orgasmo está à mão. Dagomir Marquezi

Programação

**2**  
12h00 - É Hora de Esporte  
12h45 - Jornal de Cidade  
13h00 - Caminhos da Aventura  
13h30 - Telecurso 2º Grau  
14h15 - Ação Super 8  
14h45 - Inglês com Música  
15h15 - Museus e Monumentos  
15h45 - Telecurso 2º Grau  
16h30 - Ginástica pela TV  
17h00 - Hatha logo  
17h30 - A Turma do Lambe-Lambe  
18h15 - Caminhos da Aventura  
18h45 - Alemão para Brasileiros  
19h00 - Hora Agrícola  
19h15 - Telecurso 2º Grau  
20h00 - Opinião Pública  
21h00 - Relatório Dois  
22h00 - Última Sessão de Cinema - (debate sobre o filme *O Incidente*)  
22h30 - Última Sessão de Cinema - "*O Incidente*"

11h00 - Mobral  
11h15 - Arco-Iris  
12h00 - Dia de Ação de Graças  
12h30 - Meio-Dia  
13h30 - Cinema Livre - "Canção de Sol da Meia Noite"  
15h00 - Mulheres  
16h55 - Terra de Gigantes  
17h55 - Perdidos no Espaço  
18h50 - RTN Local (jornal)  
19h00 - Dinheiro Vivo  
19h45 - RTN Nacional (jornal)  
20h00 - Como Salvar Meu Casamento  
20h45 - O Profeta  
21h20 - Festival 79  
23h00 - Cinema Brasileiro Proibido - "Um Homem Célebre"  
00h30 - Classe Especial - "Moonraker"  
**5**  
06h45 - Telecurso 2º Grau  
07h00 - Bom Dia São Paulo  
07h30 - Telecurso 2º Grau  
07h45 - Bom Dia São Paulo  
08h15 - TV Educativa  
08h45 - O Sítio do Picapau Amarelo (reprise)

09h15 - Filmtoteca Global  
10h45 - Globinho  
11h00 - Mundo Animal  
11h30 - A Felicitosa  
12h00 - A Turma do Trapalhão  
13h00 - Globo Esporte  
13h15 - Hoje  
14h00 - Estúpido Cupido  
14h45 - Sessão da Tarde - "Tem que ser Você"  
16h30 - Sessão Aventura - "Galaxy Trio"  
17h00 - HB 79 - As Panterinhas  
17h15 - Globinho  
17h30 - O Sítio do Picapau Amarelo  
18h05 - Cabocla  
18h50 - Jornal das Sete  
19h05 - Marron Glacé  
19h50 - Jornal Nacional  
20h15 - Os Gigantes  
21h00 - Chico City  
22h00 - Malu Mulher  
23h00 - Jornal da Globo  
23h30 - Festival de Sucessos - "Sem Margem para Erro"

12h00 - Record em Notícias  
13h00 - Vira Latas  
13h30 - Johnny Quest  
14h00 - O Gato Corajoso  
14h30 - O Gato Félix  
15h00 - Os Jetsons  
15h30 - Don Pixote  
16h00 - Vofantes Audazes  
16h30 - Recruta Zero  
17h00 - Pepe Legal  
17h30 - Pica-pau  
18h00 - Popeye  
18h30 - Tarzan  
19h55 - Pica-pau  
20h00 - Laredo  
21h00 - Adeus, Gringo  
23h00 - Barnaby Jones - "Teia de Froudes"  
00h00 - Diálogo Nacional  
**11**  
12h00 - Dia Nacional de Ação de Graças  
12h30 - Judoca  
13h00 - Esper  
13h30 - Sawamu  
14h00 - "Deusa Selvagem"  
15h50 - Lealdade e Constância  
16h00 - Clarice Amaral em Desfile  
18h30 - Programa Educativo

19h00 - Tavares de Miranda  
19h15 - Sequência e Consequência  
20h15 - Gazeta em Notícias  
21h15 - "A Maldição da Múmia"  
23h00 - Onze no Futebol - (Campeonato Paulista)  
**13**  
11h15 - Pullmann Jr.  
11h45 - As Aventuras de Rin-Tin-Tin  
12h15 - Educativo  
12h50 - Esporte é com a Bandeirantes  
13h00 - Primeira Edição  
13h30 - Revista Feminina  
14h55 - Xênia e Você  
16h20 - Mary T. Moore  
16h50 - Pullmann Jr.  
17h20 - Batman  
18h00 - OS Biônicos  
19h00 - Cara a Cara  
20h00 - O Todo Poderoso  
20h50 - As Mais Meis  
22h00 - Hawaii 5-0  
23h00 - Jornal Bandeirantes  
23h30 - Cinema na Madrugada - "Mulheres de Médicos"

**4**  
09h15 - Despertar da Fé  
09h45 - Inglês com Fisk  
10h00 - Clube 700

ARTES

A Galeria Paulo Figueiredo (r. Bela Cintra, 1677) mostra, a partir de hoje, um panorama da arte pré-colombiana

Nossas Indicações

**\* CARTÕES DE NATAL**  
A FASE - Federação Social e Educacional - pós a venda cartões de Natal assinados por artistas plásticos brasileiros, entre os quais Jayme Leão, Chico Caruso, Elifas Andreato, Ohi, Zélio, Canini, Vasques e Otacília. Custam 15 e 20 cruzeiros e podem ser comprados na própria FASE (r. Loefgren, 1.651, casa 6), na Livraria Zapata (r. Dr. Cesário Mota Jr., 285 e r. Dr. Homem de Melo, 446), na banca do João Zero (Paulista com Brigadeiro) ou encomendados pelo tel. 280.9228.  
**\* SELMA DAFFRE E ANTONIO ROSSI CIVILTEC** (r. dona Celina Fernandes, 30 e av. Braz Leme, 2175)  
Selma expõe gravuras e aquarelas sobre abstrações líricas e recordações nostálgicas. Marcos aborda a figura humana em suas tinturas sobre madeira, em 15 obras surrealistas. De segunda a domingo, das 9 às 21h. Até 12 de dezembro

**\* BIBIANA CALDERON**  
Portal Galeria de Arte (r. Augusta, 1961)  
Um ano depois de sua primeira exposição em São Paulo, a volta desta artista argentina radicada no Brasil há cinco anos. Suas mulheres de olhos tristes, figuras reconhecidas internacionalmente, podem ser vistas a partir de hoje. Até 8 de dezembro  
**\* LUÍS HERMANO MASP** (av. Paulista, 1578)  
Os desenhos de Hermano poderão ser vistos do hall do primeiro andar, de terça a sexta, das 13 às 17h; aos sábados e domingos, das 14 às 18h. Entrada franca  
**\* CARLOS TAKAOKA**  
Assembleia Legislativa (Ibirapuera)  
O artista plástico, de 34 anos, que apresentou seu trabalho em Toronto, no Canadá, começou a expor em 1974 e atualmente se dedica a criação visual gráfica. A individual que ele inaugura,

**\* XILOGRAVURAS**  
Hebraica de São Paulo (r. Hungria, 1000, esq. com Marginal de Pinheiros)  
Ângela Leite, Elea de Oliveira, Laish de Nigris, Laurabeatriz e Hilde Weber expõem seus trabalhos de xilogravura, todos de tiragem limitada. Preços: de Cr\$ 700 a Cr\$ 2.500. Horário: de segunda a domingo, das 14 às 22h. Até 30 de novembro  
**\* TECIDOS E CERÂMICAS PRÉ-COLOMBIANAS**  
Paulo Figueiredo Galeria de Arte (r. Bela Cintra, 1677)  
Uma exposição sobre o panorama artístico pré-colombiano através da arte da cerâmica e do tecido. São objetos encontrados nas tumbas dos primeiros habitantes do continente americano que se permitem deduzir seus hábitos e crenças, sua maneira de vestir e morar, sua alimentação e seu tipo físico. São vasos, esculturas, objetos e tapeçarias. De 2ª a 6ª das 10 às 21h e sábados até às 14h. Até o dia 10, de dezembro

hoje, às 19h, se compõe de 32 trabalhos em pirografia e aquarelas; os temas são peixes, pedras e pássaros. Horários: de segunda a sexta, das 12 às 20h. Até 5 de dezembro.  
**\* S. FALCIANO**  
Galeria Portinari (pça. Roosevelt)  
Um professor de arte e educação artística expõe pinturas. Até 29 de novembro  
**\* COLETIVA DE ARTES**  
Casa da Cultura de Israel (r. Bela Cintra, 1233)  
Pinturas e esculturas de 45. Cinco artistas estarão expostos a partir das 20h30 de hoje, na Casa de Cultura de Israel. Entre eles destacase Aldemir Martins, Alex Flemming, Colabrone, Maurício Nogueira Lima, Odriozola e Walter Levy. Horário: das 14 às 22h. Até 7 de dezembro  
**\* DO LADO DE LÁ**  
Paço das Artes (av. Europa, 158)  
Os reduccandos da Peni-

tenciária do Estado mostram suas pinturas. De 3ª a domingo, das 15 às 22h. Até o dia 2 de dezembro  
**\* ANTONIO HENRIQUE AMARAL**  
Galeria Bonfiglioli  
São vinte pinturas a óleo realizadas em Nova Iorque e em São Paulo. A temática do artista desta vez é a dualidade, os opostos existentes em nossa realidade e o fogo e o ar, a água e a terra, a cidade e o campo, o hemisfério sul e o norte, o país desenvolvido e o subdesenvolvido. Os preços das obras são de Cr\$ 60.000 a Cr\$ 160.000. Horários: das 14 às 20h, de 2ª a 6ª e das 9 às 13h, aos sábados. Até o dia 15 de dezembro  
**\* MIGUEL MELCON E MIGUEL FERREIRA**  
Galeria Sesc Carmo (r. do Carmo, 147)  
Dois artistas argentinos premiados apresentam seus desenhos e pinturas. Horários: de 2ª a 6ª feira das 9 às 22h, e aos sábados e domingos, das 9 às 18h. Até 6 de dezembro

SHOW & MÚSICA

Alceu Valença, Jackson do Pandeiro, Zé Ramalho e Abílio Manoel no Festival da Tupi. (Anhembi)

Em Cartaz

**\* ROBERTO RIBERTI E ANÍSIO BARRETO**  
Teatro Pixinguinha (r. Dr. Vila Nova, 245), às 21h  
No show *Cenas*, são apresentados textos poéticos de Maiakovski, João Cabral de Melo Neto, Vinicius de Moraes, Antônio Callado e Pablo Neruda. As músicas apresentadas são as mesmas do disco *Turma da Esquina*, de Riberti. Preços: Cr\$ 40, Cr\$ 60 e Cr\$ 100  
**\* MOREIRA DA SILVA**  
Ópera Cabaret (av. Rui Barbosa, 354)  
Conhecido como um dos iniciadores do samba de breque, Moreira da Silva está apresentando os seus sucessos como Filmando na América, Na Subida do Morro, Conversa de Botiquim, Gago Apaixonado e outros. Moreira da Silva e Macalé estarão concorrendo à finalíssima do Festival de Música Popular Brasileira da Tupi, com a música *Tira os Óculos e Mostra o Homem*. Horários: de 2ª a 5ª, às 23h30; sexta e sábado, às 24h. Couvert: Cr\$ 150 (de 2ª a 5ª) e Cr\$ 300 (de 6ª e sábado). Até 8 de dezembro



Roberto Riberti no show *Cenas*. Pixinguinha

**\* DICK FARNEY**  
Antonio's - Restaurante Dançante (r. Jerônimo da Veiga, 37) de 2ª a 6ª às 23h45  
Os ouvidos que não se adaptaram e os que jamais aceitaram a invasão da disco-music encontrarão repouso e consolo no piano e na voz confidencial de Dick Farney, que reprisam, sem cansar nunca, os velhos sucessos como *Marina*, *Copacabana* e *Uma Loira*. Acompanhamento de Toninho (bateria) Renato (baixo) e Gogo (piano)  
**\* NOVOS BAIANOS**  
Teatro Procópio Ferreira (r. Augusta, 2823, tel. 852-8079)  
O show *Farol da Barra* marca os 10 anos de carreira do grupo. Com Baby Con-

suelo, Pepeu, Paulinho Boca de Cantor, Jorginho, Didi, Baixinho, Charles, Gato Félix, Bola, o poeta Galvão. De 3ª a domingo, às 21h. Preços: de 3ª a 5ª, Cr\$ 150 e Cr\$ 100; 6ª, preço único de Cr\$ 150; sábado, preço único de Cr\$ 200. Até o dia 25

**\* FESTIVAL DE MÚSICA POPULAR**  
Palácio das Convenções do Anhembi, às 21h  
Hoje, na segunda eliminatória do festival serão apresentadas doze músicas, das quais quatro concorrerão à finalíssima. Entre outros intérpretes, estarão concorrendo Alceu Valença, Jackson do Pandeiro, Zé Ramalho e Abílio Manoel. Preços: Cr\$ 200, Cr\$ 150 e Cr\$ 100

**\* MEU BRASIL BRASILEIRO**  
Becco (r. Bela Cintra, 306)  
Música popular brasileira da bossa nova a Chico Buarque e Caetano Veloso, num show que percorreu quatro continentes. Com Rosemary, Carola e Hélio Motta. Diariamente às 24 horas. Couvert artístico: Cr\$ 250

**\* FLAUTAS ANDINAS**  
Restaurante América del Sol (r. João Moura, 698) tel. 262-0456  
As quenhas e zamponhas do grupo boliviano Sendal, numa apresentação que não é exclusiva para o pessoal do poncho-e-conga. A partir das 22h

Clássicos

**\* CIRCULUS MUSICAE RARAE**  
Biblioteca Mário de Andrade (r. da Consolação, 94), às 18h30  
Grace Henderson (flauta), Salvador Masano (Obô), Alexandre Ramirez e Marie Noelle Jory (violinos), Takeshi Kittaka e Glauco Mashiro Imasato (violões), Gretchen Miller (celo) e Roberto Arnold (contrabaixo) interpretam músicas de Haydn e Mozart. Entrada franca

**\* CARMEL O'BYRNE FERNISI**  
Círculo Italiano (av. São Luiz), às 20h30  
A cantora lírica irlandesa, consagrada na Itália, seu país de adoção, estará apresentando-se hoje, no Círculo Italiano. O programa inclui músicas de Bellini - Tre ariette (Il fervido desiderio, Dolente imagine di Filie mia e Vaga luna che inargenti); Donizetti - Una lacrima e La corrispondenza amorosa; Verdi - Ad una stella, Lospazzacamino e Mesctemil il vino; Rossini - La regata veneziana (tre canzonete in dialetto veneziano). Entrada franca.

Dança

**\* GRUPO DE DANÇA CISNE NEGRO**  
Teatro João Caetano (r. Borges Lagoa, 650), tel. 544-3774  
No programa: Del Vaerde Amarillo (coreografia de Victor Navarro e música de Vivaldi); Sexteto para 10 (coreografia de Sônia Mota e música de Brahms); Miceareta's (coreografia de Victor Navarro) e Gente, com coreografia de Sonia Mota e música de Britten. Quinta, sexta e sábado, às 21h; domingo às 18h30. Preço: Cr\$ 50  
**\* GRUPO DE DANÇA EXPERIMENTAL DE J.C. VIOLLA**  
TBC (r. Major Diogo, 315), às 21h  
No programa duas coreografias de J.C. Violla, com figurinos de Naum Alves de Souza e concepção de luz de Marcelo Kujawski. Com Cleo Santos Lima, Paula Barbosa, Cristina Brandini, Márcia May, Maria do Carmo, Ralph Christian, Lúcia Villares, Cláudia Troncon e outros que dançam músicas de Ravel, Steve Reich, Schuler, Huber, Mozart, Stoler e Bach. Este grupo é formado por médicos, arquitetos, engenheiros e advogados que fazem da dança uma atividade alternativa. Quinta, sexta, sábado e domingo. Preços: Cr\$ 50 e Cr\$ 30

**\* GRUPO DE DANÇA CISNE NEGRO**  
Teatro João Caetano (r. Borges Lagoa, 650), tel. 544-3774  
No programa: Del Vaerde Amarillo (coreografia de Victor Navarro e música de Vivaldi); Sexteto para 10 (coreografia de Sônia Mota e música de Brahms); Miceareta's (coreografia de Victor Navarro) e Gente, com coreografia de Sonia Mota e música de Britten. Quinta, sexta e sábado, às 21h; domingo às 18h30. Preço: Cr\$ 50  
**\* GRUPO DE DANÇA EXPERIMENTAL DE J.C. VIOLLA**  
TBC (r. Major Diogo, 315), às 21h  
No programa duas coreografias de J.C. Violla, com figurinos de Naum Alves de Souza e concepção de luz de Marcelo Kujawski. Com Cleo Santos Lima, Paula Barbosa, Cristina Brandini, Márcia May, Maria do Carmo, Ralph Christian, Lúcia Villares, Cláudia Troncon e outros que dançam músicas de Ravel, Steve Reich, Schuler, Huber, Mozart, Stoler e Bach. Este grupo é formado por médicos, arquitetos, engenheiros e advogados que fazem da dança uma atividade alternativa. Quinta, sexta, sábado e domingo. Preços: Cr\$ 50 e Cr\$ 30

Happy Days Miguel Paiva



O CAFÉ ACABOU, O LEITE TALHOU O PÃO DE ONTEM A MANTEIGA ESTRAGOU E O JORNAL NÃO CHEGOU.

SÓ FALTOU VOCÊ DIZER BOM-DIA!

**MOACIR JAPIASSU**

**Obrigado, cartolas, por essa emoção**

A imprensa esportiva está indignada com o mau comportamento dos cartolas. Diz-me um veterano repórter: "Os dirigentes montam o circo mas os palhaços somos nós, que ainda lhes damos cartaz"; numa das salas da Federação Paulista de Futebol, um famoso jornalista ajeita o nó da gravata e vocifera: "São todos uns safados, uns incompetentes!" A imprensa esportiva parece realmente surpreendida e eu, de minha parte, sinto-me surpreendido com a surpresa da imprensa. Diga-me, leitor, o que você poderia esperar de um cartola? Que ele reunisse a imprensa e dissesse: "O futebol é coisa séria, os clubes são empresas e nós, dirigentes, não queremos badalação; a partir de hoje teremos calendários fixos, poderemos vender assinaturas para todos os jogos, como se faz na temporada lírica, e o torcedor, atraído por grandes espetáculos, lotará todos os estádios". É possível esperar isso

de um cartola? Dá para imaginar Nabi Abi Chedid dando semelhante prova de sensatez? É claro que não. Desde que o futebol foi introduzido aqui, desde os pioneiros tempos dos jogos na Chácara Dullely e no Velódromo Paulistano, é sempre a mesma coisa: os jogadores jogam, os cartolas cartoleiam, o torcedor é roubado, o jornalista passa recibo de trouxa. Já era tempo de se ter aprendido alguma coisa da singular psicologia do cartola e encará-lo simplesmente como um personagem a mais do grande espetáculo que é o futebol. O incorrigível cartola, acreditem, é tão indispensável como a bola, o craque e o juiz ladrão.

Se não fosse o cartola, viveríamos a monotonia dos jogos intermináveis, com sua três eternas opções: vitória, derrota, empate; enjoiaríamos dessa pobre sensação que é ver um timinho de pernas-de-pau ganhar de um grande campeão; acabaríamos abominando a pitada de

entusiasmo que sempre acompanha um gol feito com a mão, ante a simplicidade do juiz. Creiam, nada supera o requinte de ir ao estádio, na última rodada de um terceiro turno, sem a certeza de que o campeonato chegará ao fim. Pode-se estar morrendo de paixão por absolutamente nada - e isso é que é a verdadeira paixão. Obrigado, cartolas.

**Doutor Sócrates no Cosmos!**

A "bomba" da semana explodiu ontem à tarde nos corredores do Morumbi, enquanto Corinthians e São Paulo se matavam dentro do campo: o doutor Sócrates, desmotivado desde a última conversa que teve com o presidente Vicente Matheus sobre aumento de salários, está com um pé no Cosmos de Nova York, onde ocupará o lugar vago com a aposentadoria de Pelé. Seria mais um dos brilhantes professores de bola a ensinar os mis-

térios do futebol a uma geração de garotos que dará o que falar futuramente. Segundo revelou Pelé, os juvenis dos clubes americanos jogam melhor do que os nossos e grandes revelações surgem a toda hora. Tem menino que já está tomando leite com corn flakes desde agora para ganhar a Copa do Mundo de 1990. Os mais ingênuos aproveitam as badalações do Ano Internacional da Criança para perguntar: Por que não fazemos a mesma coisa aqui? Chegaremos lá, chegaremos lá. Os americanos vão chorar as derrotas dos seus juvenis no dia em que a gente também tiver leite e corn flakes, pelo menos na merenda escolar; quando os infantis não forem mais recrutados nas favelas e entre os trombadinhas da cidade grande, quando o povo puder comprar remédios contra os vermes de seus meninos; no dia em que médico e dentista deixarem de ser assombração no interior do país. Esses americanos não perdem por esperar!

**Dopping à moda do Norte**

O presidente do Central de Caruaru resolveu processar o técnico Otto

Glória e os jogadores do Vasco, que acusaram o time pernambucano de jogar dopado na semana passada. O Vasco ganhou de 1 a 0, mas teria goleado se não fosse a vertiginosa velocidade do adversário e a disposição com que entrava em todas as bolas divididas. O zagueiro Orlando declarou aos jornais: "Elez tinha os olhos esbugalhados e alguns até babavam; só podia ser dopping". O torcedor Janistraquis de Azevedo Varejão, que certa noite e me ajuda a organizar o modesto arquivo sobre o futebol brasileiro, comentou, com a autoridade de quem conhece realmente o assunto: "O Central processa e ganha, considerado, porque a coisa mais difícil do mundo é a gente provar que nordestino jogou dopado". Achei esquisito, mas Janistraquis me contou o seu método, na época em que treinava o time dos veteranos do Asa de Arapiraca: "Eu só dava pros craques Guiraina e Cibazol; botava a canalha em fila, fazia a distribuição e dizia: 'com isso nós ganha até da seleção de Recife'. Era tiro e queda; a macacada corria pra morrer e nunca ninguém descobriu nada". Estava criado o dopping por sugestão.

**IMBRÓGLIO FUTEBOLÍSTICO**  
**A rodada pode definir os rumos da crise**

TONICO DUARTE

A partir das 23 horas de ontem, quando terminaram os jogos da última rodada do terceiro turno, a confusão que era só dos cartolas passou para a cabeça da torcida. Afinal, a partir daquela hora ninguém mais soube o que será do futebol paulista. O campeonato vai terminar? Haverá um campeão? Sem campeão como é que pode haver rebaixamento? E aguardava-se uma reunião relâmpago e tripartite, entre Federação, Corinthians e Ponte, para que o não fosse desatado.

À tarde, na avenida Brigadeiro Luis Antônio, Nabi Abi Chedid passou o tempo todo trancafiado em sua saleta, ruminando incompetência. E, para ele, já surgiam os primeiros epítetos: "coveiro do futebol paulista", por exemplo. Nabi só deu o ar de sua graça por um fugaz momento, trazendo estampado aquele seu cotidiano sorriso alvar: "A posição da Federação continua a mesma. Estamos aguardando o desenrolar dos fatos e não raciocinaremos sobre hipóteses".

Traduzindo: tudo como dantes no quartel de Abrantes. A crise continuava comendo solta e a angústia se multiplicava. Pelos corredores de escuros da Federação, as fofocas transbordavam. Diziam-se até que o próprio presidente da República, João Baptista Figueiredo, preocupava-se com o problema e já conversara com Giulite Coutinho, do CND, pedindo-lhe mediação no caso. Giulite, do alto de seu poder, sentaria numa mesma mesa com os presi-

dentés de Corinthians e Ponte, Vicente Matheus e Lauro de Moraes Filho, exigindo-lhes um novo jogo.

Mas falava-se também sobre coisas mais graves. Assustada com tanta inépcia, Brasília poderia intervir na Federação. "O turco está mal, por um fio" - sussurrava-se.

O presidente da ACEESP - Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo -, Flávio Aduato, lamentava que os cartolas não vejam o futebol com a sua simplicidade original. Flávio lembrava que o regulamento do campeonato paulista, massaroca cheia de dubiedade e, por sinal, muito mal escrita, tem duzentos e tantos itens:

"Ora, este tal regulamento poderia ter apenas duas folhas, sendo bastante claro. Mas eles complicam tudo. É muita incompetência junta. Chegamos num ponto terrível".

Aguardava-se os resultados que poderiam modificar o panorama tão confuso: vitórias de Corinthians e Ponte; derrota da Ferroviária. E, novamente, falava-se em arranjo, palavra terrível para um futebol que pretende seguir os pensamentos do barão De Coubertin. Além de seu charuto e de cima de sua sabedoria, o veterano Mauro Pinheiro, de tantas batalhas, coçava tristemente a cabeça:

"Já está provado que a melhor fórmula de disputa é turno e retorno, saindo campeão aquele que fizer mais pontos. Até na Europa a coisa é simples assim..."

**S. André 2, Taubaté 0**

O Santo André aumentou sua chance de ingressar na Divisão Especial, ao vencer, ontem, o Taubaté: 2 a 0. Agora ele está com cinco pontos ganhos, e lidera a final da Intermediária ao lado do São José e do próprio Taubaté. O jogo foi realizado em São Caetano, já que o estádio do Santo André está interdito, e assistido por 4.221

pessoas, que pagaram Cr\$ 396.020,00.

Da Silva abriu a contagem para o Santo André, cobrando um pênalti aos 33 minutos do primeiro tempo. Seis minutos depois, aos 39, o próprio Da Silva voltaria a marcar o segundo gol. Ai o Taubaté ficou desesperado e o lateral-direito Julião foi expulso por violência.

**S. José 1, Esportiva 1**

O São José do folclórico Filpo Nuñez foi a Guaratinguetá e arrancou um empate: 1 a 1. Assim, permanece na luta por uma vaga na Especial, só que o jogo foi tumultuado. Tudo porque o gol do São José, marcado por Tião Marino, aconteceu aos 46 do segundo tempo, já nos desfechos, e a torcida local passou a atirar pedras para dentro

do gramado. Filpo até saiu protegido pela polícia.

Azar da Esportiva. Seu gol foi marcado três minutos antes de acontecer o empate, aos 43, por Betinho. Este torturante jogo marcou a volta aos gramados do juiz Dulcideo Wanderley Boschillia, que andou uns tempos em cana por ter desertado da PM.

**ROBERTO MARCHE R**

**Kirmayr em decúbito lunar**

O ventos foram benévolos com o brasileiro Carlos Alberto Kirmayr, ontem, na primeira rodada do Campeonato Aberto da Argentina. Enquanto Thomaz Koch e Cassio Motta caíam frente a José Higuera, da Espanha, e Rolf Ghering, da Alemanha Ocidental, ele venceu o razoavelmente mediocre norte-americano Rick Fagel por 7/5 e 6/1. Bem, são coisas do ténis, coisas da vida, alguns nascem em decúbito para a lua e outros não.

Cássio Motta não levou sorte nem nas duplas. Jogando com Kirmayr, já foi derrotado pelo equatoriano Andrez Gomez e o tcheco Ivan Lendl, por 6/4 e 6/2. Aliás, os meninos do Equador estão começando a incomodar. Na Brasilera deram para os brasileiros a duras penas. O próprio Cassio me confienciava há uma semana atrás: "Demos sorte contra o Equador. O Kirmayr ia perdendo do Gomez na partida decisiva por 1 set a 0, e 2 a 0 no segundo set. A coisa estava preta". Outro jovem tenista, Raul Viver, reserva da equipe equatoriana, derrotou Kirmayr na semana passada, em Bogotá, por 6/0 e 6/4 e chegou às semifinais do

campeonato, perdendo, em boa partida para Victor Pecci.

**McEnroe, o nº 1**

O norte-americano John McEnroe, o enfant terrible do ténis, encabeça o ranking do Grand Prix. Com o triunfo conseguido na semana passada, em Wembley, na Inglaterra, McEnroe acumulou 2.384 pontos, contra os 2.367 de seu grande rival, o sueco Bjorn Borg. Jimmy Connors é o terceiro colocado, com um total de 2.043 pontos. Os demais são Vitas Gerulaitis (EUA), Roscoe Tanner (EUA), Guillermo Vilas (Argentina), José Higuera (Espanha) e Harold Salomon (EUA).

**Astros do ténis no Guarujá**

Um grande torneio, válido para a ATP (Associação dos Tenistas Profissionais), está acertado para a segunda semana de janeiro nas quadras do hotel Casa Grande, no Guarujá. Os jogadores já confirmados são os seguintes: Yannick Noah, Marty Riessen, Manoel Orantes, Wojtek Fibak, Jaime Fillol, Bob Lutz, Stan Smith, Hans Gildemeister, Vijay Armitraj e Hank Pfister.

**Participe com a Rede Tupi**

**FESTIVAL 79 DA MÚSICA POPULAR**

A Rede Tupi vai transmitir ao vivo o Festival 79 da Música Popular, diretamente do Palácio das Convenções do Anhembi. As 36 músicas selecionadas entre 7.205 inscrições serão apresentadas em 3 eliminatórias: dias 15, 22 e 29 de novembro, às 9 da noite.

A finalíssima será sábado, dia 8 de dezembro, quando serão apresentadas às 20h músicas concorrentes ao prêmio de Cr\$ 1.600.000,00. Tome uma atitude em defesa da nossa música popular. Assista a Tupi.

**MÚSICA POPULAR TO FESTIVAL**

**Rede Tupi**

ollvettl banešpa PAULISTUR

FUTEBOL

MARCELO FAGÁ, do Rio

GINÁSTICA OLÍMPICA
As sete moças que vão ao campeonato mundial Os cartolas discutem a questão do passe

HELENA SALEM, do Rio

Muita animação, disposição e entusiasmo caracterizaram os treinos, no CE-FAN, no Rio, da equipe brasileira (feminina) de ginastas que, na próxima segunda-feira, embarcará para Dallas, nos Estados Unidos, onde disputará, de 3 a 10 de dezembro, o campeonato mundial de ginástica olímpica.

"Elas estão treinando muito, nos feriados, sábados, domingos, às vezes até de noite. Estão mesmo motivadíssimas", diz a técnica Berenice Arruda, do Tijuca, que contribuiu com três (alías, as melhores) das sete ginastas da equipe: Silvia dos Anjos, Altair Prado e Lilian Carrascoza.

Seu auxiliar, Mário César, do Gama Filho, levou outras três - Marian Fernandes, Jacqueline Pires e Cláudia Magalhães Costa - sendo que a sétima, Kátia Mourthé, é mineira (as

de ter ido ao campeonato, mas não pôde, por ter apenas 13 anos na época (a idade mínima é 14)", explica a técnica Berenice.

Acrescenta que, "como equipe, as possibilidades são menores de ir às Olimpíadas de Moscou (eu penso tirar até o 12º lugar no Mundial), mas individualmente é praticamente certo. Se tomarmos como referência o ano passado, vemos que a Silvia e a Lilian estariam classificadas" (as 120 primeiras atletas classificadas no Campeonato Mundial vão individualmente para as Olimpíadas).

Pelo menos, as sete ginastas estão realmente entusiasmadas e dispostas "a dar tudo de si". Todos os dias chegam às 2h30, pontualmente, ao Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes, para iniciar os treinos.

teresse dos clubes em investir nos jogadores: "Quem vai querer aplicar, se sabe que não terá retorno, que daqui lá dois anos o jogador dá um tchuzinho e se manda?" E ele vê ainda o inconveniente de que os próprios atletas seriam desvalorizados como profissionais - e dá o histórico exemplo do botafoguense Afonso: "Depois que ele ganhou passe livre na Justiça não conseguiu mais nada em termos profissionais".

Mesmo se o futebol brasileiro chegasse à situação de clube-empresa, proposta pelo presidente do Flamengo, nem mesmo assim o presidente do Botafogo acha a ideia possível. Seu raciocínio é que "Brasil é Brasil, e nos Estados Unidos, com seus contratos de 3 anos, é diferente. Lá o negócio funciona, mas aqui levaria à loucura total e acabaria com os clubes".

Borer, por seu lado, acha que a extinção do passe traria imediatamente o desin-

ISTOÉ, FÁCIL, FÁCIL. Um serviço especial para você se tornar assinante da mais importante revista semanal brasileira. ISTOÉ. 285-3311

"CENAS" / RIBERTI. "Exija de seu lojista o 'Cenas' de Roberto Riberti. Nem que seja para ouvir algumas faixas e devolvê-lo à prateleira (reação difícil, especialmente se as escolhidas forem 'Passageiro', 'Roça', 'Cena', 'Festival de Embolada' e 'Allegro Agitato'). (Tárik de Souza - Folha de São Paulo - Folhetim - 03/06/79).

CIRCUS apresenta Navalha na Carne de Plínio Marcos. RUTHINEA DE MORAES ODILON WAGNER EDGARDO GURGEL ARANHA. Direção: Emílio Di Biasi. Teatro LIRA PAULISTANA

Os Copujinbas musical. A Incrível Descoberta. Teatro TAIB - R. Três Rios, 252 - F. 299-1472. 227-9719. Sáb. 16 hs. - Dom. 10:30 e 15:30 hs.

BALCÕES DE ANÚNCIOS. Para anunciar neste jornal COMPRA, VENDA E ALUGUEL. R. Benjamin Constant, 25. Tels.: 32-1290, 34-8908 e 36-2468.

VOZES & VIOLAS. Bendegó GEREBÁ CAPENGA. PASSOCA + CARLÃO SOUZA. ALZIRA ESPINDOLA + ALMIR SATER. Teatro LIRA PAULISTANA

ESCALADA apresenta de LAURO CESAR MUNIZ SINAL DE VIDA. Francisco Milani Cléo Ventura. Kate Hansen Ariclé Perez. Maria Rita Bruno Barroso. participação especial de Xandó Batista.

"CENAS" Riberti. ANÍSIO BARRETO. ELIAS ANDREATO. TEATRO PIXINGUINHA - SESC. Rua Dr. Vila Nova, 245 - 22 e 25 de novembro.

FESTIVAL 79 DA MÚSICA POPULAR. Rede Tupi. Eliminatórias: 22 e 25 de novembro, às 21:00 h.

CINEMA

CENTRO
ARCADES - Av. Ipiranga, 808 - Mulher - 18 anos - às 9 - 11 - 13 - 15 - 17 - 19 - 21 e 23 horas.
ARIZONA - Av. Rio Branco, 49 - Dinos - A filha do Dr. Moreau - 22 - 16:30 - 18:30 - 20:30 - 22:30.

1780 - Par ou impar - livro - 13 - 15:20 - 17:40 - 20 e 22:20 hs.
BELAS ARTES Sala Maria de Andrade - 7986 - Heróis anônimos - 18 anos - desde as 12 horas.
OASIS - Pça. Júlio Mesquita, 123 - 220-4251 - Keoma - Kung Fu contra o demônio do Jangdo do mar - 16 anos - às 9:20 - 13:05 - 16:40 - 20:15 e 23:50 h.

Av. Interlagos, 1570 - 346-3803 - Perseguidores Sanguinários - 18 anos - às 20-22 e 24 hs.
HOLLOWOOD - R. Voluntários da Pátria, 2192 - 299-5236 - O Porco das Condições - E dos Inimigos Me Livra Eu - 16 anos - às 14 - 17:35 e 21:10 h.
JAMOR - R. Domingos de Moraes, 2833 - 70-9991 - O Porco das Condições - Super Dragão Contra a Espada Assassina - 16 anos - às 14 - 17:35 e 21:10 h.

14 anos - às 14 - 16 - 20 e 22 hs.
INDAIA ARTE - Av. Ana Costa, 429 - 4-5130 - Sonata de Orlino - 14 anos - às 14 - 16 - 20 e 22 hs.
INDEPENDÊNCIA - Av. Ana Costa, 525 - 4-9180 - Pretty Baby, Menina Bonita - 18 anos - às 14 - 16 - 18 - 20 e 22 hs.

# Uma fábrica de desempregados

Os candidatos ao vestibular que não se desanimem, mas a universidade não está dando trabalho a quase ninguém

FLAMÍNIO FANTINI

A engenharia e a medicina — as duas profissões que ao longo de décadas mais proporcionavam status social àqueles que procuravam os bancos da universidade — já não são mais aquelas. A mística que sobreviveu durante tanto tempo enfrenta agora a dura realidade das disputas encarniçadas no mercado de trabalho: o que fazer com o diploma, um canudo demodê que não serve mais nem para embelezar saletas de gabinetes?

Uma resposta já foi indicada há nada menos que dez anos atrás: em 1980, daqui a quarenta dias portanto, nada menos que 18.489 engenheiros estarão desempregados em todo o Estado de São Paulo. Essa previsão consta de uma pesquisa encomendada no final dos anos 60 pelo Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura à empresa Proagri (Projetos, Planejamentos e Pesquisas, Ltda), que, através de rigorosos levantamentos estatísticos e análises das tendências do comportamento do mercado de trabalho, chegou a essas cifras. Na semana passada, durante um encontro nacional dos industriais da construção civil, o presidente do Instituto de Engenharia, Falcão Bauer, alertou para a situação — já existem 10 mil engenheiros sem emprego e este número deverá dobrar até o final do ano letivo. Bauer pediu às autoridades o planejamento e a continuidade das obras governamentais, para permitir a absorção deste contingente de mão-de-obra de formação universitária. Ou seja, os diplomas de tantos engenheiros vão mofar nas gavetas.

Um dos dirigentes do sindicato dos médicos, Carlos Armando de Ávila, especialista em moléstias infecciosas, aponta uma situação bastante semelhante na área da saúde: "Nota-se um agravamento da tendência ao desemprego, principalmente de um ano para cá. Os mais atingidos são os médicos recém-formados e os residentes recém-saídos", garante ele. Nesse setor não existem ainda dados estatísticos, mas a direção do sindicato está empenhada em fazer uma pesquisa profunda a respeito do mercado de trabalho, orientada por sociólogos especializados e técnicos do DIEESE, com objetivo de avaliar, entre outras coisas, qual o efeito

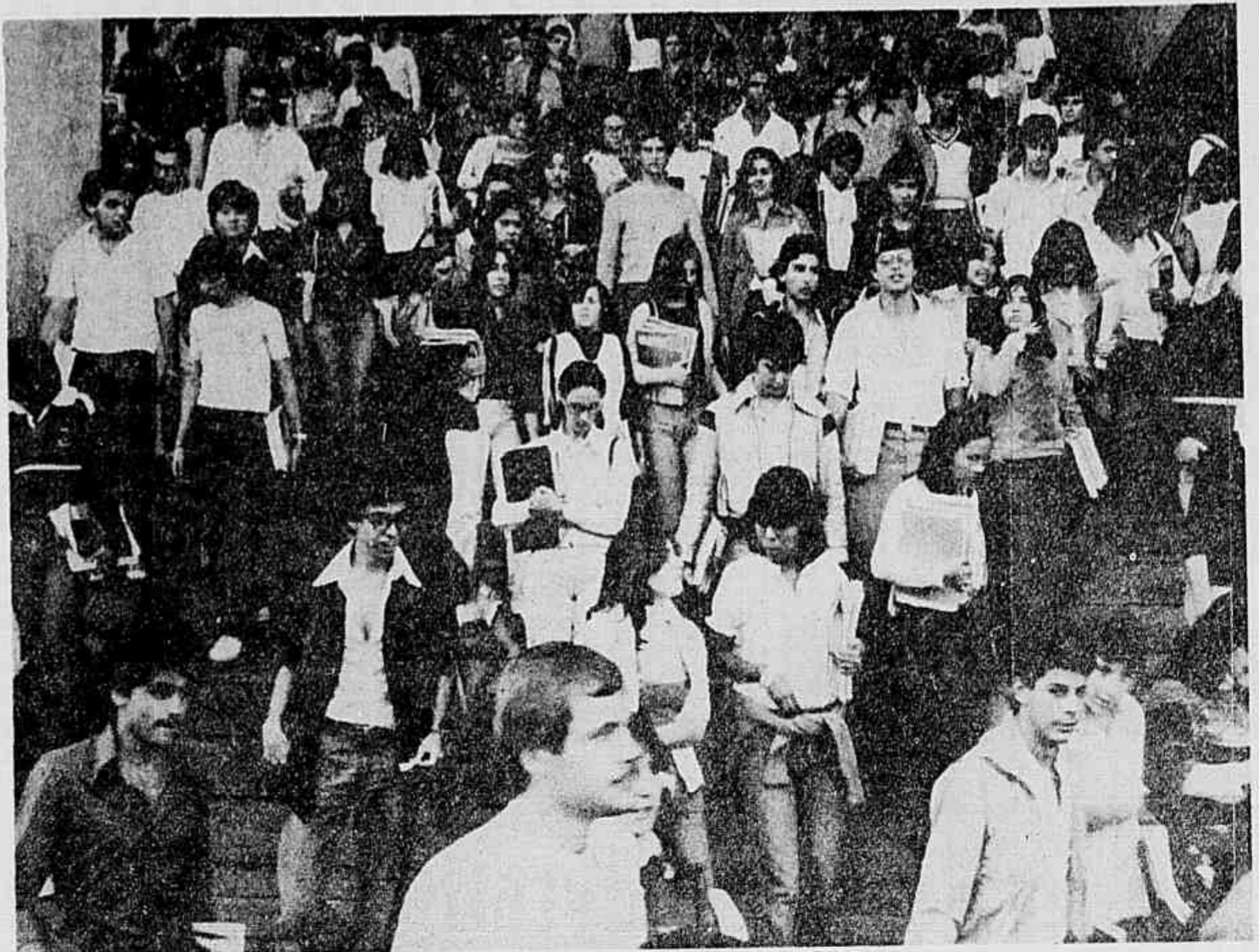
real de desempregados e subempregados atualmente.

## O círculo vicioso do desemprego

Ávila atribui esse comportamento negativo do mercado de trabalho a um círculo vicioso que se instalou junto com a transformação crescente da medicina em uma profissão assalariada. Para comprovar que o médico como profissional liberal, aquele que tem seu próprio consultório, é uma espécie em extinção, o sindicato da categoria cita uma enquete realizada no Grande Rio: 42% dos profissionais viviam exclusivamente de salários, sendo que outros 44% somavam rendimentos de consultórios privados e de salários, ao passo que apenas 14% dos médicos cariocas viviam exclusivamente de seus consultórios. Uma pesquisa semelhante da Universidade de São Paulo revelou que havia um índice de 38% de profissionais assalariados na área.

O dirigente sindical encadeia estes fatos com o achatamento salarial que a categoria vem sofrendo. Ao investigar os vencimentos dos médicos do Serviço Público estadual entre 1964 e 1978, o DIEESE apurou que houve uma queda de 43% no poder de compra dos salários. Até 1972, a queda foi mais acentuada, parcialmente recuperada entre 1973 e 1975 e novamente desceu a partir de 1976. Para recuperar o mesmo poder de compra de 1964, os vencimentos teriam que subir aproximadamente 75%. Ávila explica quais foram as consequências destes números na vida dos médicos: "Para resolver as dificuldades financeiras, os profissionais passaram a procurar outros empregos, correndo de plantão em plantão, com o fim de suprir suas necessidades. Um médico que ocupa por exemplo cinco empregos acaba tomando o lugar de outros, e daí reforça o desemprego".

O círculo vicioso completa-se com a própria existência do desempregado, que em grande número contribui para rebaixar ainda mais os salários e assim forçar o profissional a desdobrar sua própria jornada. Além das consequências que isso traz para



EM BUSCA DE UMA CHANCE

O MEC não sabe quantos, mas uns 200 mil universitários desajam, todo ano, no mercado de trabalho

os envolvidos diretamente, quem acaba levando a pior é a população, pois aumenta-se também a precariedade do atendimento médico aos clientes. Numa jornada de quatro horas, esclarece Ávila, chega-se às vezes a quarenta consultas, o que deixa um tempo muito curto até mesmo para a entrevista preliminar entre o médico e o paciente. Uma das alternativas encontradas pelo sindicato para enfrentar essas dificuldades do mercado de trabalho é exatamente fazer o percurso inverso: exigir, através de campanhas, que as instituições de saúde limitem em catorze o número máximo de consultas por jornada de quatro horas, forçando-as a contratar mais profissionais para atender a clientela excedente.

## O inchaço desordenado na universidade

O secretário-geral e membro do Conselho Deliberativo do Instituto de Engenharia, Carlos Eduardo Mendes Gonçalves, não titubeia ao des-

crever a situação do mercado de trabalho na sua área: "É um fato incontestável que existe uma grande dificuldade de colocação profissional, não só para os engenheiros recém-formados como também para os mais antigos na carreira", assegura.

Ele relaciona o agravamento mais recente do fenômeno com a recessão econômica: "Nos últimos tempos, na construção civil, cinco grandes empresas pediram concordata. Outras indústrias têm diminuído seu ritmo de atividade e, portanto, a absorção dessa mão-de-obra é mais lenta".

Além disso, ele reclama da concorrência estrangeira e acusa o "acordo do Caribe" como co-autor da crise de empregos. Trata-se de um convênio celebrado entre o Brasil e outros países da América Latina, estipulando facilidades para absorver aqui engenheiros de fora. "Um boliviano pode se registrar no CREA e concorrer com os brasileiros, pois aceitam geralmente salários menores. E o Brasil, que investiu na formação de mão-de-obra interna, fica prejudicado", protesta Mendes Gonçalves.

O dirigente do Instituto de Engenharia responsabiliza também o crescimento desordenado da oferta de vagas nas universidades: "Existe um inchaço e o nível de ensino baixou. Há um número imenso de faculdades particulares que está formando uma soma exagerada de engenheiros, de pequeno e baixo nível".

Para Mendes Gonçalves, isso se deve ao espírito de consumo que toma conta da sociedade: "Criou-se também o hábito de consumir universidade e ninguém aceita ser um técnico de grau escolar médio, quer é ser engenheiro formado. Daí, inclusive, uma desproporção entre a quantidade de faculdades e a de escolas médias, no setor".

Curiosamente, antes da pesquisa do CREA, divulgada em agosto de 1970, o diagnóstico que se fazia em 1967, baseado apenas em estimativas, era diametralmente oposto — haveria naquele ano um déficit de 10.559 engenheiros em São Paulo, e nada menos que 30 mil no Rio de Janeiro. Para 1975, os cálculos para São Paulo profetizavam que faltariam 17.623.



UM BRIGADISTA ITALIANO  
Depois da batalha pelo diploma, outras lutas a combater

## Ocupação principal: terrorista

GIUSEPPE MORABITO, de Roma

A desocupação intelectual é uma das componentes do terrorismo, na Itália. Esta é a opinião do sociólogo Sabino Acquaviva, professor da Universidade de Pádua — por sinal, baluarte e sede principal do grupo Autonomia Operária, o único capaz de rivalizar, em escala nacional, com as conhecidas Brigadas Vermelhas. Acquaviva acha que "a marginalização psicológica", resultado da frustração de quem batalhou por um diploma universitário, mas continua batalhando por um emprego, é a mola que conduz muitos jovens à clandestinidade e à luta armada.

Acquaviva faz uma ressalva, porém: não quer que sua tese seja entendida como uma justificativa do terrorismo. Mas as estatísticas são chocantes. Sabe-se, por exemplo, que, na Itália, perto de 75% dos desempregados são jovens de 18 a 29 anos. A desocupação intelectual cresce por dois fatores, segundo o sociólogo. Primeiro, pelo aumento do nível médio de instrução, o que leva o jovem a ser mais exigente em sua pretensão de emprego. Segundo, a própria crise econômica que dura desde 1973, agravada periodicamente pelas sucessivas altas do petróleo, tendo como efeito uma redução nas possibilidades de emprego.

Explica Acquaviva: hoje em dia, são muito mais numerosos os rapazes e moças que seguem seus estudos mesmo além da escola obrigatória (até os 14 anos) e que acabam conseguindo a laurea (diploma superior). Nenhum deles, evidentemente, está

disposto, depois, a viver de ofícios manuais ou trabalhar como empregado de escritório (colarinho branco). Querem mais. A Itália, por isso mesmo, acaba tendo de recorrer à importação de mão-de-obra não-especializada; há cerca de meio milhão de emigrados do Terceiro Mundo que se prestam aos trabalhos cansativos e desagradáveis que os italianos se recusam a fazer. Paradoxalmente, há hoje na Itália 1,8 milhão de desempregados nativos.

O que se poderia fazer? Fracassou, por exemplo, a draconiana atitude de reduzir pura e simplesmente os lugares nas universidades. Aliás, a universidade na Itália é um modelo de democracia, sendo das poucas, em toda a Europa, na qual não se exige exame vestibular para se ser admitido num curso de bacharelado. O governo tentou outras medidas paliativas, como levantar "listas especiais" de desempregados — que eram encaminhadas à apreciação dos empresários. Não funcionou tampouco.

As faculdades italianas, com o seu milhão de pessoas inscritas (175 mil só em medicina) continuam produzindo diplomados destinados a não encontrar trabalho. Poucos dias atrás, por ocasião de um concurso para oitenta cargos no Banco di Napoli, apresentaram-se doze mil candidatos. Segundo uma estimativa do professor Luigi Frey, da Universidade Católica de Milão, na Itália, em 1976, havia 105 mil desempregados intelectuais, ou seja, diplomados que não trabalhavam ou que desempenhavam um trabalho para o qual não é neces-

sário possuir um diploma de nível universitário. Atualmente, com toda a certeza, o número dos desempregados intelectuais é muito maior e este número está aumentando constantemente, com aspectos particularmente preocupantes no sul do país.

O sindicalista comunista Luciano Lama os chamou de "os desocupados do poder". Diz o secretário do maior sindicato italiano, o CGIL: "Nenhuma sociedade, nem que seja totalmente diferente da atual, pode assegurar a todos um trabalho não-manual; é claro que esta diferença ameaça, hoje, e ainda mais amanhã, as próprias bases da nossa convivência civil". Uma alusão indireta ao terrorismo: os jovens diplomados recusam uma sociedade que é incapaz de lhes oferecer trabalho. E existem os que observam que as Brigadas Vermelhas, formadas inicialmente por dois terços de operários, são compostas atualmente quase que exclusivamente por estudantes e por jovens diplomados.

Algumas pessoas, como o pedagogo Aldo Visalberghi e o economista Paolo Sylos Labini, dizem que é necessário superar a divisão do trabalho entre trabalho manual e trabalho intelectual. Simultaneamente, seria necessário começar a pagar mais para as pessoas que desempenham trabalhos manuais e não aos que fazem trabalhos intelectuais. Ao invés de fazer o inverso como ocorreu até agora. Na realidade, já começa a se verificar esta linha de tendência: muitos operários ganham consideravelmente mais do que determinadas categorias de colarinhos brancos.